

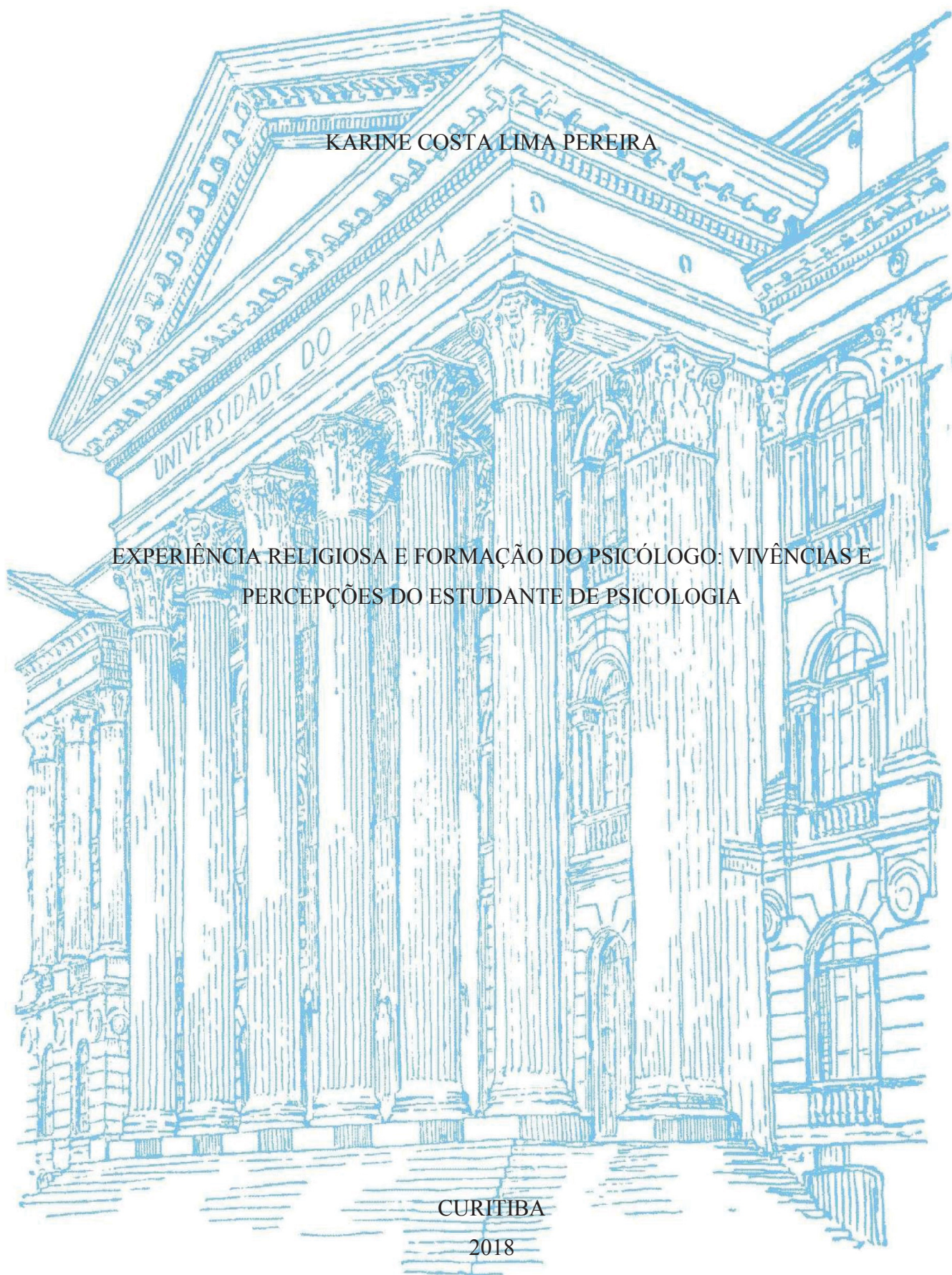
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KARINE COSTA LIMA PEREIRA

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: VIVÊNCIAS E
PERCEPÇÕES DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

CURITIBA

2018



KARINE COSTA LIMA PEREIRA

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: VIVÊNCIAS E
PERCEPÇÕES DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR- BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Bibliotecário: Guilherme Luiz Cintra Neves – CRB9/1572

P436e

Pereira, Karine Costa Lima

Experiência religiosa e formação do psicólogo: vivências e percepções do
estudante de psicologia / Karine Costa Lima Pereira. – Curitiba, 2018.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2018.

Orientador: Adriano Furtado Holanda .
Inclui bibliografia.

1. Psicologia religiosa. 2. Psicologia - Estudantes. 3. Espiritualidade. 4.
Religião. 5. Psicólogos - Formação. I. Universidade Federal do Paraná.
II. Holanda, Adriano Furtado. III. Título.

CDD: 150.8871

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **KARINE COSTA LIMA PEREIRA**, intitulada: **EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Agosto de 2018.


ADRIANO FURTADO HOLANDA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


MARY RUTE GOMES ESPERANDIO(PUC/PR)


MARTA HELENA DE FREITAS(UCB)


SYLVIO FAUSTO GIL FILHO(UFPR)

A todos que se sentem provocados
à visão das fronteiras e ironias da díade
religião e ciência.

Aos estudantes de psicologia que
se inquietam, se atribulam ou não se
(pré)ocupam de todas essas coisas.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador deste trabalho, Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, pelo compromisso, investimento e paciência. Obrigada por estar disponível sempre, provocar e permitir meu crescimento e autonomia.

À Universidade Federal do Paraná e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, que na pessoa de seus docentes e servidores, permitiram o desenvolvimento deste trabalho e de minha formação acadêmica.

À Profa. Dra. Alessandra Sant'Anna Bianchi, pela mentoria e zelo irrestritos.

Aos estudantes de psicologia que colaboraram com essa pesquisa (obrigada por responderem a tantas perguntas!). Espero de algum modo ter contribuído com nossa formação e profissão.

Às Instituições de Ensino Superior que colaboraram e permitiram a realização deste trabalho. Aos coordenadores dos cursos de psicologia e aos docentes, pelo esforço, interesse e parceria.

Aos secretários e secretárias dos comitês de ética em pesquisa, pela paciência, prontidão e agilidade (foram muitos telefonemas!).

À banca examinadora deste trabalho, pela riqueza de seus conselhos e contribuições. Ao Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes e à Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio, por irem além da banca de qualificação, me ajudando muitíssimo na lide com os dados. Obrigada Profa. Mary por seu valioso cuidado e envolvimento com minha pessoa e com esse trabalho.

Aos estudantes do PET Psicologia e às psicólogas, Luiza Sionek, Karoline Stoltz Schleder e Nicole Krachenski, por me emprestarem seus olhares e vivências no processo de construção do instrumento de pesquisa.

À Bruna Faria, e especialmente à Jéssica Caroline de Souza, pelo trabalho primoroso na tabulação dos dados.

Aos colegas e amigos do LabFeno, pelas vivências e companhia nesse tempo do mestrado. À Camila Muhl, por seu cuidado, conselhos e amizade. À Karoline Stoltz Schleder, por partilhar cada fase e me ouvir sempre.

À Denise Franklin de Almeida, que por estar à minha frente, me ensinou a enxergar uma ciência outra.

Ao meu esposo, Wender Pereira, pelo patrocínio financeiro, apoio incondicional e sinergia de sempre, sem a qual esse trabalho não seria possível.

Como nossos pais
Por Elis Regina

(...)

*Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento cheiro da nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração*

*Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento gente jovem reunida
Na parede da memória essa lembrança
É o quadro que dói mais*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais*

*Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando*

*Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem*

*Hoje eu sei que quem me deu a ideia
De uma nova consciência e juventude
Tá em casa
Guardado por Deus
Contando o vil metal*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo, tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais*

RESUMO

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade religiosa e liberdade de culto. Diante de uma população bastante religiosa, conquanto, religião e espiritualidade são assuntos pouco explorados em cursos de formação superior ligados à área da saúde. Da mesma forma, poucos estudos têm se proposto a abordar aspectos relacionados à espiritualidade e religiosidade do estudante universitário frente aos contrastes e implicações com a área de conhecimento escolhida. Nos cursos de psicologia, o tema religião pode ainda tender a um maior afastamento, dado a problemas históricos e entraves epistemológicos estabelecidos desde o nascimento da psicologia moderna. Desta feita, o objetivo deste estudo se concentra em investigar e compreender a relação entre a experiência de espiritualidade/religiosidade (E/R) do estudante de psicologia e sua formação científica, acadêmica e profissional como psicólogo. O trabalho é composto por um estudo teórico e outro de caráter empírico, apresentado no formato de quatro artigos. O primeiro texto discute os principais achados identificados na literatura sobre profissionais e estudantes da área da saúde dentro do escopo religião e espiritualidade. O segundo texto apresenta uma revisão sistemática de literatura sobre a vivência de E/R do estudante de psicologia. O estudo empírico, apresentado nos artigos três e quatro, foi realizado com 561 estudantes de psicologia de quatro Instituições de Ensino Superior (IES), sendo uma pública, duas privadas e uma confessional. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa e quantitativa, de recorte transversal e coleta de dados realizada com questionário estruturado. No artigo três são apresentados os resultados do estudo quantitativo, cujo objetivo consistiu em realizar um levantamento a respeito do perfil de E/R do estudante de psicologia com base em suas experiências, percepções, práticas e história espiritual/religiosa. No último artigo são apresentados os resultados do estudo qualitativo que teve como objetivo investigar como os formandos da amostra (N=108) vivenciam sua E/R em relação ao ambiente acadêmico e à formação como psicólogo. O estudo empírico indicou um número elevado de estudantes de psicologia sem religião (42,7%), especialmente na instituição pública (58,9%); e diferenças significativas na centralidade da religiosidade entre os grupos investigados. Os acadêmicos da IES confessional tendem a ser mais religiosos, acreditar na existência de um transcendente e a estarem mais convictos a respeito de suas crenças e experiências religiosas do que os estudantes da IES pública. A relação entre Psicologia e Religião aparece como um tema elaborado superficialmente entre os formandos, especialmente no que se refere à experiência pessoal de crenças ou não crenças religiosas e a futura prática profissional. O estudo como um todo mostra um afastamento do tema religião e espiritualidade nos cursos de formação em psicologia e em áreas da saúde; e a demanda de uma discussão presente e aberta sobre essa dimensão humana no âmbito da formação pessoal, científica e profissional nesse campo do conhecimento.

Palavras-chave: Psicologia da Religião. Estudantes de psicologia. Espiritualidade e Religiosidade. Formação do psicólogo.

ABSTRACT

Brazil is a country known for its religious diversity and freedom of worship. Faced with a very religious population, however, religion and spirituality are subjects not explored in higher education courses related to health. Likewise, few studies have proposed to address aspects related to the spirituality and religiosity of the university student in the face of the contrasts and implications with the chosen area of knowledge. In the courses of psychology, the theme religion can still tend to a greater distance, given the historical problems and epistemological obstacles established since the birth of modern psychology. The purpose of this study is to investigate and understand the relationship between the spirituality/religiosity experience of psychology students and their scientific, academic and professional background as a psychologist. The paper is composed of a theoretical and an empirical study, presented in the format of four articles. The first text discusses the main findings identified in the literature on health professionals and students within the scope of religion and spirituality. The second text presents a systematic review of literature on the student's spirituality/religiosity experience of psychology. The empirical study, presented in articles three and four, was carried out with 561 psychology students from four Higher Education Institutions (HEI), one public, two private and one confessional. This is a descriptive study, of a qualitative and quantitative nature, of crosscutting and data collection performed with a structured questionnaire. In article three we present the results of the quantitative study, whose objective was to carry out a survey about the student's spirituality/religiosity profile of psychology based on their experiences, perceptions, practices and spiritual/religious history. In the last article we present the results of the qualitative study, whose objective was to investigate how the trainees in the sample ($N = 108$) experience their spirituality/religiosity in relation to the academic environment and the training as a psychologist. The empirical study indicated a high number of non-religious psychology students (42.7%), especially in the public institution (58.9%); and significant differences in the centrality of religiosity among the groups investigated. Confessional HEI scholars tend to be more religious, believe in the existence of a transcendent, and to be more convinced about their religious beliefs and experiences than the public HEI students. The relationship between Psychology and Religion appears as a topic superficially elaborated among the trainees, especially with regard to personal experience of beliefs or non-religious beliefs and future professional practice. The study as a whole shows a departure from the theme religion and spirituality in training courses in psychology and health areas; and the demand for a present and open discussion on this human dimension in the field of personal, scientific and professional training in this field of knowledge.

Keywords: Psychology of Religion. Psychology students. Spirituality and Religiosity. Psychologist training

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO EM DISCIPLINAS QUE ABORDARAM RELIGIÃO	96
GRÁFICO 2 – COMPARATIVO POR GRUPOS DE RELIGIÃO CENSO 2010	98
GRÁFICO 3 – COMPARATIVO PERTENCIMENTO RELIGIOSO	99
GRÁFICO 4 – COMPARATIVO RELIGIÃO DOS PAIS	100
GRÁFICO 5 – MEIOS UTILIZADOS PARA CONHECER SOBRE RELIGIÃO	102
GRÁFICO 6 – TEMAS DE INTERESSE EM RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE	103
GRÁFICO 7 – ESCORE CENTRALIDADE DA RELIGIOSIDADE POR IES	107

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1 – CATEGORIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES POR IDENTIFICAÇÃO, TIPO E MÉTODO DE PESQUISA	49
QUADRO 1.2 – CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DAS PUBLICAÇÕES	50
QUADRO 1.3 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E IES PARTICIPANTES	52
QUADRO 2.1 – CARACTERIZAÇÃO DOS CURSOS E INSTITUIÇÕES.....	83
QUADRO 2.2 – DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA ESCALA DE CENTRALIDADE DA RELIGIOSIDADE	89

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.1 – DESCRITIVO IDADE POR GRUPOS DE IES	92
TABELA 1.2 – AMOSTRA POR INSTITUIÇÃO E ANO DE CURSO	93
TABELA 1.3 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	94
TABELA 1.4 – AMOSTRA POR GRUPOS DE RELIGIÃO E PERTENCIMENTO	97
TABELA 1.5 – AUTODECLARAÇÃO DE ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE	99
TABELA 1.6 – VIVÊNCIAS E PRÁTICAS EM E/R.....	104
TABELA 1.7 – DESCRITIVO DIMENSÕES E ESCORE CR.....	106
TABELA 1.8 – COMPARATIVO DIMENSÕES E ESCORE CR POR IES	107
TABELA 1.9 – COMPARATIVO DIMENSÕES E ESCORE CR ANO DE CURSO.....	109
TABELA 2.1 – FORMANDOS POR GRUPOS DE RELIGIÃO E PERTENCIMENTO....	122

LISTA DE SIGLAS

ANCOVA	– Análise de Covariância
ANOVA	– Análise de Variância
ANPEPP	– Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
BEE	– Subescala Bem-Estar Existencial
BER	– Subescala Bem-Estar Religioso
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/FPP	– Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades Pequeno Príncipe
CEP/SD	– Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências Humanas da UFPR
CEP-PUCPR	– Comitê de Ética e Pesquisa – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
CEP-UP	– Comitê de Ética da Universidade Positivo
CR	– Escore da Centralidade da Religiosidade
CRS	– <i>Centrality of Religiosity Scale</i>
E/R	– Espiritualidade/Religiosidade
EBE	– Escala de Bem-Estar Espiritual
ECR	– Escala da Centralidade da Religiosidade
FPP	– Faculdades Pequeno Príncipe
GT	– Grupo de Trabalho
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	– Instituição de Ensino Superior
LILACS	– Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PR	– Psicologia da Religião
PUC/PR	– Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SciELO	– Scientific Electronic Library Online
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPM	– Transtornos Psiquiátricos Menores
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UP	– Universidade Positivo
WHOQOL	– World Health Organization Quality of Life

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

%	- Frequência relativa
DP	- Desvio padrão
M	- Média
Max	- Valor máximo
Min	- Valor mínimo
N	- Número da amostra
Q ₁	- Primeiro quartil
Q ₃	- Terceiro quartil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
SEÇÃO I – ESTUDO TEÓRICO	19
ARTIGO I	20
RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NO CAMPO DA SAÚDE: QUESTÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL	20
Introdução	20
1. Definição dos conceitos.....	23
2. Profissionais da saúde e o cuidado em espiritualidade/religiosidade	24
3. Formação científica e preparo profissional em saúde, religião e espiritualidade.....	28
4. Estudantes, saúde e espiritualidade/religiosidade: conhecimento e formação profissional	30
5. Espiritualidade no campo profissional da saúde: obstáculos e perspectivas	32
6. Considerações finais	35
Referências	37
ARTIGO II.....	45
RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NO CURSO DE PSICOLOGIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS EMPÍRICOS.....	45
Introdução	45
1. Método	47
2. Resultados	48
3. Discussão	65
4. Considerações finais	70
Referências	71
SEÇÃO II – ESTUDO EMPÍRICO.....	78
APRESENTAÇÃO DO ESTUDO EMPÍRICO	79
ARTIGO III	81
ESTUDO QUANTITATIVO: O PERFIL DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE DO ESTUDANTE E A FORMAÇÃO COMO PSICÓLOGO	81

Introdução	81
1. Método	83
2. Resultados	92
3. Discussão	110
Referências	114
ARTIGO IV	119
ESTUDO QUALITATIVO: VIVÊNCIAS DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO COMO PSICÓLOGO	119
Introdução	119
1. Método	120
3. Resultados e análise dos dados	124
4. Discussão	141
Referências	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO	147
REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO	150
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE	164
APÊNDICE 2 – CADERNO DE PESQUISA	169
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	172
ANEXO 1 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	175

INTRODUÇÃO

No ano de 2012, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) divulgou os dados sobre religião do Censo 2010. Os resultados foram divulgados com certo atraso e eram aguardados não apenas por pesquisadores da área, mas por líderes e representantes de grupos religiosos, pessoas e coletivos — todos atentos às mudanças e transformações do campo religioso brasileiro (Mafra, 2013). A réplica dos números e percentuais pode ser observada em diferentes contextos, provocando certa repercussão nos noticiários, revistas semanais, publicações das mais diversas e nas redes sociais (Menezes, 2013). A diversidade religiosa do brasileiro, as constantes transformações e a efervescência de temas antigos como Religião, Estado e Política, indicam não somente a atualidade do tema, mas sua inegável importância no cenário brasileiro.

De acordo com o Censo 2010, mais de 90% dos brasileiros declaram-se religiosos, pertencentes a diferentes credos e formas de manifestação religiosa (IBGE, 2010). Os jovens brasileiros igualmente compõem este percentual: na faixa etária dos 15 aos 24 anos, cerca de 90% declaram algum tipo de pertencimento. Segundo a cientista social e pesquisadora na área de juventude e religião Regina Novaes, a religião está presente na biografia de milhões de jovens, que buscam sentido e identificação pessoal tanto na religião de origem como em inúmeras outras formas de expressão, credos e misticismos (Novaes, 2006). Como assegura a pesquisadora, o jovem contemporâneo coexiste em um período marcado por mudanças importantes nas religiões tradicionais e nas formas de apropriação humana das crenças e práticas religiosas, quando sincretismos e novas formas de manifestação são recorrentes, exploradas abertamente e fortemente propagadas no mundo virtual da internet e das redes sociais.

Não obstante, questiona-se no atual contexto, como os temas religião e religiosidade do estudante universitário são abordados nas Universidades e Instituições de Ensino Superior no Brasil (IES), e, dado os objetivos deste estudo, mais especificamente nos cursos de psicologia. Segundo Marques (2012), as IES brasileiras, especialmente as públicas, costumam manter-se afastadas do trabalho com essa dimensão dos alunos. Nos cursos de psicologia, o tema religião pode ainda tender a um maior afastamento, dadas as (des)construções históricas e entraves epistemológicos estabelecidos desde o nascimento da psicologia científica moderna (Neubern, 2013; Noé, 2016; Pinto, 2016; J. P. Ribeiro, 2004). A dificuldade em se trabalhar

com o tema produz implicações na espiritualidade/religiosidade (E/R) do estudante; no modo como desenvolvem sua formação teórica e metodológica, ao dialogarem com temas concernentes a religião e crenças de seus futuros pacientes; produzindo evidentemente implicações no campo da ética profissional (Freitas, 2004; Neubern, 2013; Pereira & Holanda, 2016). Como alerta Paiva (2017), é no período da graduação que se estabelecem preconceitos e equívocos em relação à religião e, na mesma linha, igualmente acerca da própria psicologia. Tal afastamento evidencia-se no fato de que os cursos de psicologia não costumam contemplar a produção científica em Psicologia da Religião (PR), ou sequer abrem espaço para o debate do tema. O desconhecimento do campo e a falta de abertura para com o tema religião no curso dificulta a permissão para uma discussão aberta com professores e supervisores, dificultando a elaboração e a ressignificação das vivências espirituais e a reflexão ética sobre a atuação do psicólogo (Ancona-Lopez, 2005).

No Brasil, poucos estudos têm se voltado para dimensão da E/R em estudantes universitários (Marques, 2013). De modo geral, pesquisas que contemplem a relação juventude, universidade e religião têm sido desenvolvidas especialmente na Teologia e nas Ciências da Religião (Alves, 2004; Baptista, 2014; R. Silva, 2010; J. C. Ribeiro, 2009). No campo da Saúde, os estudos têm se voltado para problemas relacionados à saúde mental dos estudantes universitários, tais como a prevalência do stress e da depressão; e o abuso de álcool e outras drogas (Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005; Fiorotti, Rossoni, Borges & Miranda, 2010; Neves & Dalgalarrodo, 2007; Queiroz, 2000; Rezende, Abrão, Coelho & Passos, 2008). Entretanto, o fator E/R aparece de forma periférica (Carlotto, 2013), ainda que a relação entre esse último e a saúde mental esteja bastante consagrada na literatura (Dalgalarrodo, 2000; Koeing, 2008, 2009; Moreira-Almeida, Lotufo Neto & Koenig, 2006).

Na mesma linha, poucos estudos têm se proposto a abordar aspectos relacionados a E/R do estudante universitário frente aos contrastes e implicações com a área de conhecimento escolhida. Neste mote, inserem-se temas importantes como diversidade religiosa do brasileiro e vivência no ambiente acadêmico; religião e conhecimento científico; experiência religiosa e divergências teórico-metodológicas; ética, direitos humanos e profissão. No que tange a formação do psicólogo, não é diferente, ainda que a literatura brasileira sobre estudantes de psicologia se apresente bastante rica, uma busca nas bases de dados LILACS, SciELO e Periódicos da Capes, brevemente caracteriza a escassez de artigos que abordem a dimensão da experiência religiosa do graduando e do estudo da religião como fenômeno humano na formação do psicólogo.

Diante desse cenário, o objetivo geral deste estudo se concentra em investigar e compreender a relação entre a experiência de E/R do estudante de psicologia e sua formação científica, acadêmica e profissional como psicólogo. Para tanto, delineamos um estudo composto por duas etapas — a primeira de cunho teórico investigativo e a segunda de cunho empírico. O formato adotado na proposição da presente dissertação foi o modelo escandinavo.

O estudo teórico é apresentado nos artigos um e dois e teve como objetivos 1) introduzir e problematizar parte do campo onde nosso objeto se insere através da apresentação de um panorama descritivo dos principais achados identificados na literatura sobre a inserção do eixo religião, espiritualidade e saúde na atuação profissional e formação acadêmica de profissionais e estudantes de áreas da saúde; e 2) revisar a literatura brasileira que aborda a vivência de E/R de estudantes de psicologia no âmbito da formação do psicólogo. O primeiro artigo trata de um estudo teórico desenvolvido a partir de pesquisas recentes com profissionais e estudantes do campo da saúde; e o segundo apresenta e discute dados de uma revisão sistemática de literatura sobre estudos empíricos realizados com estudantes de psicologia no eixo religião e espiritualidade.

O estudo empírico, apresentado nos artigos três e quatro, teve como objetivos, respectivamente: 1) realizar um levantamento a respeito do perfil de E/R do estudante de psicologia com base em suas experiências, percepções, práticas e história espiritual/religiosa; e 2) investigar como graduandos de psicologia vivenciam sua E/R em relação ao ambiente acadêmico e à formação como psicólogo. Trata-se de um estudo de natureza quali-quantitativo, descritivo e de recorte transversal realizado com estudantes de quatro cursos de psicologia, na cidade de Curitiba, Paraná. No artigo três são apresentados os participantes, instrumentos, procedimentos e resultados do estudo quantitativo sobre o perfil de E/R dos colaboradores. No último artigo, a metodologia utilizada nessa parte do estudo, procedimentos e resultados do estudo qualitativo. Os principais resultados da pesquisa empírica são discutidos nos respectivos artigos, seguidos das considerações finais deste estudo.

SEÇÃO I

ESTUDO TEÓRICO

ARTIGO I

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NO CAMPO DA SAÚDE: QUESTÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL

Introdução

Nos últimos 30 anos, a literatura científica na área da saúde tem recebido uma profusão de pesquisas, discussões e investigações sistemáticas sobre o eixo religião, espiritualidade e saúde (Koeing, 2008, 2009; Moreira-Almeida, Lotufo Neto & Koenig, 2006). Uma consulta na base de dados Scopus, por abstract, com os descritores “health”, “spirituality” e “religion”, resulta em mais de 6000 artigos e revisões somente depois da virada do milênio¹. Os estudos nesse campo se originam de diferentes países, abrangem pesquisas com diversas etnias, grupos etários e populações clínicas, e derivam especialmente da medicina, enfermagem e psicologia, mas também da fisioterapia, terapia ocupacional, assistência social, saúde pública, entre outras (Esperandio & August, 2017; Koenig, 2007, 2012; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016).

Em desacordo com enunciados difundidos no final do século XIX, que atribuíam à experiência religiosa condições patológicas, transtornos mentais e neuroses, (Dalgalarrodo, 2007; Koeing, 2008), a pesquisa contemporânea reporta uma relação positiva entre a espiritualidade/religiosidade (E/R), tanto na saúde física e mental quanto na dimensão comportamental (Koeing, 2012). Crenças e práticas espirituais/religiosas aparecem associadas a melhores índices de qualidade de vida e bem-estar psicológico, a um melhor enfrentamento em contextos de dor e sofrimento, menores taxas de depressão, estresse, ansiedade, suicídio, etc. (Koenig, 2012; Panzini & Bandeira, 2007; Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck, 2007;). Na saúde física e comportamental, a influência da E/R associada à saúde mental indica maior sobrevivência, menor prevalência de doenças, melhor enfrentamento, maior preocupação com a própria saúde e percepção de apoio social (Koenig, 2012; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016). As evidências científicas também apontam, embora em menor número, influências negativas da E/R na relação saúde-doença como, por exemplo: maior ansiedade, sofrimento psíquico, depressão e ideação suicida associada ao enfrentamento religioso negativo (atribuir

¹ <https://www.scopus.com>, recuperado em 27, fevereiro, 2018.

eventos negativos como punição, questionar ou sentir raiva de Deus), experiências negativas com grupos ou líderes religiosos que podem agravar sentimentos de rejeição e marginalização, conflito com tratamentos e terapêuticas, demora na busca por tratamento, entre outros (René Hefti, 2011; Weber & Pargament, 2014).

A partir desses achados, organizações profissionais locais e internacionais como as Associações Americanas de Psicologia, Enfermagem, Medicina e a Associação Mundial de Psiquiatria têm incluído em seus protocolos diretrizes específicas sobre a espiritualidade e religiosidade, com o objetivo de orientar os profissionais sobre a importância desta dimensão para os cuidados em saúde e o dever de integrá-la na prática clínica (Moreira-Almeida, Koenig & Lucchetti, 2014; Moreira-Almeida, Sharma, Rensburg, Verhagen & Cook, 2016). Esse movimento tem se mostrado igualmente presente no Brasil, bem como em outros países (ex.: Reino Unido, Portugal, Índia e África do Sul), especialmente no campo da Saúde Mental (Caldeira, Branco & Vieira, 2011; Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2013; Moreira-Almeida et al., 2016).

Independentemente dos achados científicos e dos respectivos questionamentos sobre as limitações metodológicas e epistemológicas das pesquisas neste campo (Carrete, 2013; Paiva, 2007), o interesse pela E/R das pessoas que buscam auxílio e cuidados em saúde não deveria ser requerido apenas por sua comprovada relação de benefícios e malefícios, mas por razões simples e objetivas: a religião permanece sendo um aspecto importante para as pessoas, estando imbricada na cultura, nas relações sociais e no sentido e visão de mundo das pessoas. No Brasil, mais de 90% da população declara ter uma religião (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), 83,8% a consideram como muito importante em suas vidas e 37% frequentam serviços religiosos, no mínimo, uma vez por semana (Moreira-Almeida, Pinsky, Zaleski & Laranjeira, 2010).

Apesar desta realidade, do evidente crescimento no interesse científico e profissional pela dimensão espiritual/religiosa humana, dada as evidências que apontam uma relação positiva entre E/R e saúde, a tradução e aplicação destes conhecimentos na formação e prática profissional nos cuidados em saúde tem sido admitida como um desafio por especialistas na área (Freitas, 2014; Koenig, 2012; Moreira-Almeida et al., 2006). Uma revisão da produção de periódicos brasileiros sobre o uso do enfrentamento espiritual/religioso em processos de saúde-doença encontrou 39 publicações direcionadas ao manejo, perspectivas e vivências de profissionais ou estudantes da área da saúde, sendo a segunda categoria temática com mais artigos publicados depois de saúde mental (Corrêa, Batista & Holanda, 2017). Nessa esfera,

diferentes iniciativas no sentido de compreender o cenário onde E/R e saúde-doença se encontram nos cotidianos da formação e atuação em Saúde podem ser analisadas na literatura científica brasileira e internacional. Interação médico-paciente, cuidado espiritual e família, elaboração de diretrizes e competências específicas, E/R do profissional da saúde e iniciativas de implementação e avaliação de intervenções no contexto da formação acadêmica, são exemplos do que pode ser encontrado nessa literatura (Pargament, 2007; Reginato, Benedetto & Gallian, 2016; Dezorzi, 2016; Vieten et al., 2013).

Diante disto, buscou-se no presente texto, trazer um panorama descritivo dos principais achados, características e problemáticas identificadas na atualidade sobre a inserção do eixo religião, espiritualidade e saúde na atuação profissional e formação acadêmica de profissionais e estudantes do campo da Saúde. Para tanto, foi realizada uma seleção de estudos empíricos, teóricos e revisões sistemáticas recentes, datadas preferencialmente nos últimos 10 anos, a partir da literatura prévia conhecida, referências indicadas nesses estudos e busca em bases de dados indexadas. A literatura investigada é composta principalmente por artigos publicados em revistas científicas nacionais da área da Saúde, além de teses, dissertações, capítulos de livros e publicações internacionais. O trabalho não propõe uma revisão exaustiva sobre o tópico, e sim uma exposição sumarizada que objetiva descrever e discutir achados recentes e especificidades do tema em questão.

O texto está organizado em cinco partes. A primeira contextualiza e apresenta a escolha conceitual dos termos religião, espiritualidade e religiosidade que orientam o trabalho; a segunda elenca dados de pesquisas com equipes multiprofissionais, enfermeiros, psicólogos e psiquiatras sobre a interação de suas práticas clínicas na esfera do cuidado em saúde e a E/R dos pacientes; a terceira apresenta estudos sobre a formação curricular em religião e espiritualidade a partir de análises documentais e inquéritos com docentes e diretores de graduações em medicina, psicologia e enfermagem; a quarta descreve as percepções e experiências de estudantes da área sobre a formação científica/profissional e o estudo da dimensão espiritual/religiosa humana; e a quinta, por fim, elenca os principais resultados identificados na literatura revisada e discute as barreiras, avanços e iniciativas observadas no campo.

1. Definição dos conceitos

Dada a pluralidade de definições e os decorrentes debates sobre os termos religião, espiritualidade e religiosidade (Freitas, 2017; Paloutzian, 2003), faz-se necessária a distinção dos conceitos aqui empregados. No presente artigo, a partir das contribuições da Psicologia da Religião (PR), tomou-se como base o modelo integrador apresentado por Freitas e Vilella (2017), que propõe uma abordagem articulada dos conceitos face às diferentes manifestações do fenômeno religioso na experiência vivida. As diferentes estruturas explicativo-descritivas sobre a religião e a religiosidade, e mais recentemente, sobre a espiritualidade como um conceito “novo”, devem-se a própria visada humana. Tais estruturas se configuram tanto a partir das diferentes epistemologias, culturas e momentos históricos, quanto das expressões sociais, do senso comum e das individualidades (o que também se aplica aos pesquisadores e especialistas que se debruçam sobre o campo). A opção por uma abordagem conceitual integradora busca oferecer uma leitura que viabilize o diálogo com outros campos da área da saúde e saúde mental, dada à multiplicidade desses saberes e consecutivas diferenças conceituais, técnicas e metodológicas.

A abordagem conceitual proposta parte de uma perspectiva fenomenológica e busca integrar as contribuições críticas de estudiosos que igualmente têm investido em uma análise não reducionista ou polarizada do que se admite descrever como religião e espiritualidade (Aletti, 2012; Freitas, 2017; Koenig, 2008; Paiva, 2004, 2005; Paloutzian, 2003). Um exemplo de polarização e reducionismo dos termos se expressa em uma leitura pós-moderna e secularizada por vezes equivocada (Paiva, 2004). Sob uma tendência avaliativo-moralista, ou mesmo “politicamente correta”, a religião tem sido definida como algo estático, inclinada ao fundamentalismo, presa a tradições, dogmas e crenças institucionais; e a espiritualidade, como uma experiência funcional, de autorealização existencial, de potencial interno e de facilitação nas relações com o outro (Aletti, 2012; Paiva, 2005). Tal estrutura conceitual, além de estabelecer uma dicotomia entre o bom e o ruim, o saudável e o obscuro, não antevê como a espiritualidade pessoal pode ser experienciada, nem a riqueza das manifestações religiosas. Seja na meditação ou contemplação da natureza, no culto ou no silêncio de uma vela online, ou no trabalho voluntário de uma pastoral, a cultura humana expressa sua relação com o transcendente de modos tão especiais e multifacetados, que dificilmente poderá ser abarcada por conceitos fechados e sumarizados.

A proposta de uma abordagem integradora busca estabelecer uma continuidade entre os termos religião, religiosidade e espiritualidade que identifique tanto as especificidades

quanto as interfaces entre os campos, e como resultado, eleger no humano, o vivido, sua subjetividade, sua história e relações intersubjetivas, sua experiência transcendente (Freitas, 2017). A intersecção entre os termos se dá na compreensão da **religiosidade**, que não deve ser reduzida a um quantitativo de crença ou de prática de uma pessoa, mas por também representar uma demanda de sentido existencial, de valor evidente em si mesmo para aquele que a vivencia. Assim, apreende-se por religiosidade, “àquelas disposições humanas que levam à pessoa a experimentar fenômenos religiosos” como uma experiência legítima, vivida no seu íntimo e portadora de sentido (Freitas, 2012, p. 199).

Diferentemente, a **espiritualidade** faz referência à busca e/ou atribuição de sentido da pessoa humana em sua experiência subjetiva e intersubjetiva no mundo, em relação ao outro ou ao transcendente, podendo essa experiência ser interpretada por ele como religiosa ou não. Nesta linha, como esclarecem as autoras, a espiritualidade é compreendida, do ponto de vista lógico ou sistemático, como uma experiência anterior a religiosidade, pois carrega em si a demanda humana por sentido, que pode se manifestar na individualidade, no que habitualmente se condiciona a espiritualidade, mas também na religiosidade e na religião (Freitas & Vilela, 2017). A religiosidade nesse sistema seria o ponto de intersecção entre a espiritualidade e a religião, pela possibilidade de, na demanda subjetiva pelo sentido existencial, associar-se a ambas.

Finalmente, define-se como **religião** a dimensão espiritual humana caracterizada por um sistema de crenças, práticas e símbolos, sustentado por uma comunidade, organização ou instituição, que se aproxima do transcendente, manifesto geralmente em expressões como Deus, Sagrado, Divino, Nirvana, entre outros. No modelo integrador, a religião pode ser compreendida como uma modalidade de resposta compartilhada, uma alternativa na busca de sentido existencial que é compartilhada e institucionalizada. A contribuição desta abordagem conceitual para atuação dos profissionais da saúde, objetiva permitir uma visão tanto sobre a diversidade quanto sobre a singularidade do sentido da experiência espiritual/religiosa dos pacientes que não rotule ou prive sua estrutura e desenvolvimento (Freitas, 2017; Freitas & Vilela, 2017).

2. Profissionais da saúde e o cuidado em espiritualidade/religiosidade

Estudos recentes sobre E/R e a atuação de profissionais da saúde indicam uma emergente preocupação com a dimensão espiritual/religiosa dos pacientes e familiares, que

ofereça um atendimento humanizado e integral e que esteja alinhado com as evidências científicas sobre a relação desta dimensão com os processos de saúde-doença (Abdala, Meira, Oliveira & Santos, 2017; Ballarin, Moreira, Tannus & Casacio, 2016; Esperandio, 2014; Dezorzi, 2016; Gobato & Araújo, 2013; Moreira-Almeida et al., 2014; Nascimento, Santos, Oliveira, Flória-Santos & Rocha, 2013; Teixeira & Lefèvre, 2003). Tais investigações se originam de diversas áreas do conhecimento, especialmente da medicina e enfermagem, mas também da psicologia, terapia ocupacional, teologia. Compreendem um número ainda maior de profissões envolvidas (entre técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde, assistentes sociais, dentistas, nutricionistas, arte terapeutas, capelães, farmacêuticos, residentes, técnicos administrativos, etc.) e contextos de aplicação clínica (saúde física e mental, serviço público de saúde, psicoterapia, cuidados paliativos, pediatria, oncologia, unidades intensivas de tratamento, etc.).

Em grupo focal com profissionais de diversas áreas de atuação em serviço de saúde hospitalar, Alves, Junges, e Lopez (2010), identificaram que os participantes percebem que os pacientes buscam em suas crenças alívio para dor e sofrimento e acreditam que a fé e a vida comunitária influenciam no processo saúde-doença, podendo, inclusive ser benéfica para pessoas socialmente fragilizadas. Por outra via, também acreditam que há experiências que podem ser negativas: pelo fanatismo, por contribuir com sentimentos de culpa e condenação, e por dificultar a busca ou aderência aos tratamentos. No contexto da prática, os profissionais demonstram ambiguidade no discurso, dado que não consideram apropriado integrar ou usar como recurso a dimensão espiritual na terapêutica, limitando a ação ao respeito e a imparcialidade que se caracteriza na escuta e no cuidado de não expor as próprias crenças aos pacientes. Em estudo também de base qualitativa com profissionais da oncologia (N=11), Espíndula, Valle, e Ales Bello (2010), identificam nos relatos a noção de religião como algo inerente ao ser humano e a perspectiva pragmática de que os pacientes com câncer devem vivenciar a fé pessoal com prudência e de acordo com a realidade da doença e das limitações da medicina nesse campo. Sob outra perspectiva, o estudo identifica que todos os profissionais possuem uma vivência espiritual/religiosa (pertencem a uma religião ou se definem como espiritualistas), acreditam na proteção divina e reconhecem que essa dimensão pode oferecer sustento e conforto para os pacientes e para a família. Os participantes também relatam fazer uso da religião pessoal para buscar apoio, proteção e conforto no trabalho, especialmente por atuarem na oncologia.

Também sobre a E/R dos profissionais, Corrêa, Holanda, e Olandoski (2017), identificaram uso elevado de estratégias de enfrentamento religioso/espiritual positivo por profissionais de serviços de saúde mental (N=27), sobretudo em situações de estresse no contexto familiar e no trabalho. As estratégias mais utilizadas referem-se a uma posição pessoal positiva frente a Deus, que assume a busca por apoio e conexão com o divino para lidar com problemas; e comportamentos de oferta de ajuda ao outro, dimensão que destacadamente se harmoniza com o fazer profissional dos participantes.

Outro estudo de base quantitativa, realizado com 174 profissionais da saúde de órgãos públicos encontrou que a maioria declara afiliação religiosa e/ou crença em Deus, com baixa representação de ateus (1,7%). Os profissionais acreditam que a E/R contribui na promoção da saúde (87,7%) e discordam que questões religiosas possam levar a problemas de saúde (61%) ou que interfiram negativamente no tratamento (70,2%). A maioria avalia como importante que profissionais da área compreendam melhor a relação entre saúde e espiritualidade (91,2%) e que reconheçam as necessidades espirituais dos pacientes (80,7%) (Marques, Esperandio, Zorzi, Zaperlon & Silva, 2015).

Estudos de base qualitativa realizados com psicólogos e psiquiatras brasileiros que atuam como clínicos ou em serviços de atenção a saúde mental (Freitas, 2012; Henning-Geronasso & Moré, 2015; Oliveira & Junges, 2012) mostram que a maioria qualifica a E/R como um fenômeno importante e presente nas experiências relatadas por seus pacientes. Essa dimensão pode ser avaliada como parte da integralidade humana, importante para o bem-estar e saúde mental, mas também como opressora, relacionada a patologias, e a problemas que interferem na expressão de liberdade e promoção da saúde. Os profissionais se autoavaliam como respeitosos e imparciais quanto à religião e experiências espirituais/religiosas de seus pacientes, mas assumem a complexidade e desafios do tema na profissão. Buscam distinguir experiências religiosas genuínas daquelas que geram sofrimento ou patologias; trabalhar a autenticidade, criticidade e flexibilização dos pacientes na forma como lidam com suas crenças e experiências, podendo, inclusive, utilizá-las como estratégia terapêutica. As pesquisas evidenciam uma abordagem da experiência religiosa fundamentada em conceitos e teorias psicológicas frente a uma espécie de cautela defensiva, que nega qualquer tipo de proselitismo e assegura a aceitação das crenças/religião do paciente e a neutralidade profissional.

Em pesquisa realizada com enfermeiros (N=30) que atuam em unidades de atendimento intensivo e oncológico, Pedrão e Beresin (2010), identificaram que 80% praticam

alguma religião, sendo a maioria de filiação católica (60%). Os profissionais consideram ser importante oferecer assistência espiritual ao paciente (83%), especialmente por proporcionar bem-estar e conforto a eles. Todavia, os profissionais afirmam não ter recebido formação profissional em suas graduações para prestar esse tipo de assistência (67%), nem durante cursos de pós-graduação (93%) ou em outros cursos de Enfermagem (87%). Outro estudo realizado com enfermeiras (N=13) de um serviço público de saúde identificou que a maioria declara (N=12) pertencer a uma religião e acreditar que sua visão religiosa influencia na percepção e comportamento pessoal na profissão (Cortez & Teixeira, 2010). As enfermeiras declaram respeitar os valores e religião de seus pacientes, contudo, revelam em seus discursos, posições e intervenções contraditórias quando a escolha ou comportamento desses diverge do conhecimento e racionalidade científica do fazer em saúde. A expressão e demandas espirituais/religiosas dos pacientes podem ser atendidas desde que não comprometam o trabalho em enfermagem, o saber científico e os protocolos estabelecidos pela instituição. A atenção a essa dimensão também está condicionada a disponibilidade de tempo, dada à alta demanda no serviço público.

Salgado, Rocha e Conti (2007), entrevistaram 10 profissionais desse mesmo campo, que atuam em um hospital universitário, sendo também a maioria adepta de uma religião (N=9). Todos os enfermeiros relataram dificuldades em abordar questões relacionadas a E/R, ainda que alguns atuem há cerca de 30 anos na enfermagem. A insegurança e dificuldades observadas pelos pesquisadores se referem ao contato com os pacientes, mas também com a própria equipe de saúde. As razões apontadas são o medo de serem mal interpretados pelos outros profissionais da saúde; receio de agredir a intimidade dos pacientes ou serem rejeitados; não saber lidar com pacientes ateus e por entrarem em choque com as crenças dos pacientes em geral.

Quase a totalidade dos estudos sobre a interação profissionais de saúde e E/R dos pacientes ora explorados apresentam em seus resultados ou discussões a relação do tema com a formação acadêmica e profissional em saúde. Os estudos problematizam a ausência e até mesmo o silenciamento a respeito do tema nas respectivas formações ou graduações e a necessidade de aprofundar o assunto e instrumentalizar o futuro profissional para uma prática mais integrativa, humanizada e baseada em evidências científicas.

3. Formação científica e preparo profissional em saúde, religião e espiritualidade

A discussão sobre a inserção do tema religião e E/R na formação superior em áreas da saúde está presente na literatura sobre a educação de médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, farmacêuticos, entre outros (Ballarin et al., 2016; Caldeira et al., 2016; Dal-Farra & Geremia, 2010; Jacob & Shogbon, 2017; Jafari, 2016). A maioria das escolas médicas britânicas (57%) e norte-americanas (66,6%) oferece em seus cursos conteúdos sobre esse tópico, no Brasil, contudo, poucas instituições abordam o tema em seus currículos (Lucchetti & Granero, 2010). Uma investigação recente mostra que apenas 10,4% das escolas médicas brasileiras (N=86) oferecem disciplinas exclusivas sobre o assunto e 40,5% indicam abordar o tema em cursos, palestras, conferências ou disciplinas que tangenciam questões sobre religião (Lucchetti et al., 2012). As disciplinas obrigatórias (4,6%) são oferecidas por instituições privadas de confissão católica ou protestante e tendem a explorar questões teológicas relacionadas à cultura e a religião; já as eletivas (5,8%) são oferecidas por instituições públicas e abordam a interface entre espiritualidade e saúde de modo mais amplo e eclético. Dentre essas, apenas duas disciplinas incluem treinamento prático sobre como integrar a espiritualidade na assistência ao paciente e apenas três ensinam como conduzir uma anamnese ou história espiritual.

Sobre a formação de psicólogos, estudo similar desenvolvido nos EUA (N=89) indica que apenas uma parcela das instituições (24,7%, N=22) oferece cursos regulares sobre religião e espiritualidade, das quais, uma fração mínima (N=6) representa conteúdos obrigatórios para formação (Schafer, Handal, Brawer & Ubinger, 2011). Em resposta ao estudo, os diretores dessas escolas indicam que o assunto seja provavelmente abordado no contexto das supervisões (84,3%) e especialmente em disciplinas sobre Diversidade Cultural, Ética Profissional e Psicoterapia. Ainda no contexto estadunidense, em revisão sistemática sobre o tema na formação de psicólogos, Jafari (2016) observa uma integração incipiente de conteúdos sobre religião e espiritualidade nos campos da formação didática, pesquisa e supervisão clínica, apresentando-se como uma temática abordada de forma geralmente indireta ou como reação a problemas que surgem no contato clínico dos estagiários com seus clientes.

No contexto brasileiro, pesquisas recentes sobre a inserção de conteúdos relacionados à religião e a E/R nos cursos de formação em psicologia indicam que menos de um quarto das instituições abordam o assunto em seus currículos (Piasson, 2017; W. Costa, Nogueira & Freire, 2010). Assim como na formação de médicos, nos cursos de psicologia no

Brasil investigados (N=301), as disciplinas de cunho obrigatório tendem a ser ofertadas por Instituições de Ensino Superior (IES) privadas confessionais (71,4% para N=49) e as de base eletiva por IES públicas (13% para N=46) (W. Costa et al., 2010). Dentre as instituições privadas sem vínculo religioso, que representam mais de 80% dos cursos de formação no país (N=206), apenas 3,4% (N=7) incluem o tema em seus currículos. Sobre esse último, em investigação mais recente realizada com 253 grades curriculares de 143 universidades, Piasson (2017) não encontrou nos currículos de universidades privadas com fins lucrativos (N=20), a oferta de disciplinas específicas sobre o senso religioso. Ao todo, a pesquisa identificou apenas quatro disciplinas que aliam teoria e prática e uma maior representatividade da Psicologia (42,3%), Antropologia (23%) e Teologia (19,2%) como áreas do conhecimento que balizam os conteúdos estudados nessas disciplinas.

Na área da Enfermagem, uma pesquisa realizada com professores de Portugal (N=80) e do Estado de São Paulo (N=49), encontrou que 36% dos docentes afirmam não incluir o assunto espiritualidade em seus cursos e 54,6% o fazem “às vezes”, ainda que 93,8% considere importante ou muito importante a inclusão do tema nos currículos (Caldeira et al., 2016). Os professores acreditam que a espiritualidade seja abordada em disciplinas de fundamentos da enfermagem, como História da Enfermagem, Epistemologia e Ética Profissional; que estudam contextos clínicos específicos, como cuidados paliativos e saúde mental; e em unidades de conhecimentos curriculares transversais, como Terapias Complementares, Morte, Família e Sociedade.

Na área da medicina, em estudo similar realizado com 53 professores, Mariotti et al., (2011) encontrou que 90,4% acreditam em Deus e 31,7% frequentam atividades religiosas pelo menos uma vez por semana. A maioria dos docentes deseja abordar a espiritualidade com seus pacientes (62,3%) e acredita que a fé ou a espiritualidade podem trazer influências positivas para o tratamento (72%), assim como a oração (75,5%). Metade dos professores considera importante preparar os estudantes de medicina para lidar com essas questões; 43,4% respondem se sentir preparados para abordar o tema e apenas 27,8% já haviam mencionado essas questões em suas aulas. As dificuldades apontadas são a falta de tempo, falta de conhecimento, falta de treinamento, não se sentir confortável com o tema e medo.

4. Estudantes, saúde e espiritualidade/religiosidade: conhecimento e formação profissional

Tomasso, Beltrame e Lucchetti (2011) em investigação com docentes (N=30) e discentes (N=118) de um mesmo curso de enfermagem identificaram em ambos os grupos que a grande maioria possui filiação religiosa e altos índices de religiosidade intrínseca (envolvimento religioso vivenciado de forma plena, central na vida do indivíduo). Cerca de 90% dos participantes acredita que a espiritualidade influencia a saúde dos pacientes, e cerca de 50%, que a espiritualidade do enfermeiro interfere no próprio atendimento. O estudo encontrou que alunos de semestres mais avançados se sentem mais preparados para abordar a espiritualidade dos pacientes, tendo opiniões nesse aspecto mais próximas a de seus professores, embora, poucos tenham respondido já ter realizado essa abordagem em seus atendimentos. Professores e estudantes consideram a formação em enfermagem insuficiente nesse aspecto e que o estudo da espiritualidade deveria fazer parte do currículo.

Diferentes estudos realizados com estudantes de enfermagem indicam que a maioria declara pertencimento religioso, com baixa representatividade de indivíduos sem religião nesse grupo (Espinha, Camargo, Silva, Pavelqueires & Lucchetti, 2013; Maftum, Souza & Bais, 2008; Penha & Silva, 2007; Tomasso et al., 2011;). Os achados indicam que os universitários frequentam atividades religiosas, realizam práticas individuais relacionadas (como reza e leitura de textos religiosos), possuem altos níveis de religiosidade intrínseca e acreditam em Deus. Conceituam a espiritualidade principalmente como “crença e relação com Deus/religiosidade” seguida por “busca de sentido e significado para vida humana. Admitem a importância da espiritualidade para o humano, sua emergência em momentos de dor e sofrimento, sendo a pessoa do enfermeiro um facilitador para que o paciente possa se religar a suas crenças. Acreditam que cabe à enfermagem o atendimento da dimensão espiritual dos pacientes, por auxiliar no enfrentamento da doença, na recuperação e por proporcionar uma atenção integral. O fazer aparece como escuta, acolhimento e por vezes, interação com as experiências e necessidades espirituais/religiosas dos pacientes, todavia, poucos perceberam esse tipo de atenção dada por outros profissionais, abordaram essa dimensão com seus pacientes ou prestaram atendimento espiritual em suas experiências de estágio. Os estudantes se autoavaliam pouco ou moderadamente preparados para essa prática e sentem-se desencorajados a discutir religião e espiritualidade com seus pacientes, indicando como motivos: falta de conhecimento, falta de treinamento, medo de ofender ou impor pontos de vista pessoais/religiosos, por sentirem desconforto com o tema e falta de tempo. Avaliam a

formação nesse campo oferecida pela graduação como insuficiente e relatam baixa participação em atividades acadêmicas sobre o assunto. Poucos afirmam buscar esse conhecimento na literatura científica, e sim em ensinamentos de sua própria religião. Os estudantes abordam a dimensão espiritual como psicológica, pois, ainda que assumam sua distinção, reconhecem que não sabem lidar ou não se sentem preparados para intervir por não terem formação nesse tipo de cuidado.

No contexto da formação médica, estudo desenvolvido com estudantes de medicina (N=210) identificou que 73,9% possuem uma religião, 21,2% frequentam serviços religiosos pelo menos uma vez por semana, 38,8% praticam atividades religiosas individuais diariamente e apresentam índices altos de religiosidade intrínseca (Borges, Anjos, Oliveira, Leite e Lucchetti, 2013). A maioria conceitua a espiritualidade como a “crença em algo transcendente à matéria” (46,15%); “crença e relação com Deus/religiosidade” (44,71%) e como “a busca de sentido e significado para a vida humana” (43,27%). Os estudantes associam o tema saúde e espiritualidade com a humanização da medicina, com a interferência positiva ou negativa da religiosidade na saúde, qualidade de vida e saúde total e holística. Os achados indicam que a religiosidade pessoal do aluno pode influenciar nos conceitos que atribuem a espiritualidade e sua relação com a saúde, indicando falta de clareza e desconhecimento da literatura sobre o tema.

Em estudo multicêntrico realizado com 3630 estudantes de medicina de 12 IES no Brasil, Lucchetti et al. (2012) encontraram que 66% professam uma religião (entre católicos seguidos de espíritas, evangélicos e outras religiosidades) e 25,6% não possuem, mas acreditam em Deus. Os universitários participam menos de uma vez por semana de serviços religiosos (81,8%); praticam atividades religiosas privadas mais que uma vez por semana (55,8%); acreditam na vida após a morte (66,8%) e que o corpo humano possui uma alma (78,9%). Definem o conceito de espiritualidade como “crença e relação com Deus/religiosidade” (38,8%) e como “a busca de sentido e significado para a vida humana” (38%); acreditam que essa dimensão influencia muito a saúde dos pacientes (71,2%), sendo essa uma influência positiva (68,2%) ou positiva e negativa (25,4%) e se dividem em querer abordar (58%) ou não (42%) essa dimensão com seus pacientes. Consideram apropriado orar com o paciente caso ele peça (62,7%) e recomendariam tratamentos religiosos como a oração (67,7%) e a leitura da bíblia/literatura religiosa (31,5%). Os universitários respondem se sentir pouco ou nada preparados para fazer essa abordagem (89,5%) e apontam como principais barreiras o medo de impor suas próprias crenças religiosas (47,5%), medo de ofender os

pacientes (35,8%), falta de conhecimento (34,7%), falta de treinamento (30,8%) e falta de tempo (27,9%). No campo da formação, a maioria relatou nunca ter recebido treinamento sobre o eixo espiritualidade-saúde no curso (81%) e apenas 19% tinha participado de atividades sobre o tema. Questionados sobre como buscam conhecimentos sobre espiritualidade e saúde, 42,5% responderam não procurar esses conhecimentos, 31,4% buscam em sua própria religião, 21,5% em livros sobre o tema e apenas 9,1% em artigos científicos. O estudo multicêntrico desenvolvido por Lucchetti et al. (2013) está entre os estudos mais abrangentes sobre experiências e atitudes de estudantes de medicina e o maior sobre religião e espiritualidade na educação médica.

No campo da psicologia, estudos recentes igualmente indicam um perfil de estudantes que declaram pertencimento religioso, frequentam moderadamente serviços religiosos, têm interesse pelo tema da espiritualidade e em discuti-lo durante a formação (Aquino, 2005; C. C. Costa et al., 2008; Freitas, 2002; Pereira & Holanda, 2016; Vieira, Zanini & Amorim, 2013). Os resultados mostram que esses universitários encontram dificuldades no decorrer da formação para pensar e relacionar suas crenças pessoais com a ciência psicológica; experimentam conflitos tanto na esfera pessoal quanto na profissional, no pensar uma prática ética nesse sentido; e consideram que a formação em psicologia pode provocar o abandono das crenças espirituais/religiosas. Os graduandos indicam interesse pelo assunto por reconhecerem a relevância desta experiência na formação humana e pela presença dessas questões já nos primeiros atendimentos clínicos, mas se queixam da falta de abertura para discutir o tema nas aulas e no ambiente acadêmico; do posicionamento negativo e impróprio de alguns docentes quando abordam o assunto; e da recorrente patologização dessa dimensão humana no curso.

5. Espiritualidade no campo profissional da saúde: obstáculos e perspectivas

Pesquisadores do campo da saúde mental que examinam a relação entre a atuação de profissionais da saúde e a E/R de seus pacientes parecem consentir que há uma deficiência na formação e treinamento técnico-científico destes profissionais (Freitas, 2014; Jafari, 2016; Marques, 2017; Moreira-Almeida et al., 2014; Vieten et al., 2013). Os problemas ou justificativas para este distanciamento ainda se exemplificam em questões como o exercício de racionalização da ciência e sua suposta superioridade, a esquiva de problemas metafísicos

e a territorialidade do saber científico e da técnica na academia e nos espaços de cuidado em saúde.

Conforme apresentado na literatura ora investigada, há uma clara dissonância entre a noção de importância sobre conhecimento e intervenção clínica em religião e E/R e sua efetiva inserção na formação e prática profissional. Tal dissonância parece logo se evidenciar na expressão própria da cultura brasileira, quando a maioria dos profissionais, docentes e estudantes investigados assumem uma experiência pessoal religiosa, mas admitem várias limitações em sua prática quando o assunto é religião e espiritualidade.

Em síntese, os estudos apontam que os conceitos de religião e espiritualidade são pouco claros para estudantes da área da saúde, o que pode inviabilizar uma abertura ética e consciente sobre o sentido desta experiência no trato com seus futuros pacientes. Os profissionais reconhecem a relação entre E/R e saúde e o desejo de seus pacientes em falar sobre esse assunto, mas assumem não se sentir preparados ou não ter tido formação para realizar essa abordagem. Tanto docentes quanto profissionais e estudantes apontam como principais dificuldades a falta conhecimento, falta de treinamento, falta de tempo e o medo de impor as próprias crenças aos seus pacientes. A prática clínica neste contexto se pauta na escuta e no esforço da imparcialidade, embora muitos revelem buscar conhecimentos em suas próprias religiões e raramente na literatura científica.

No âmbito da formação, as pesquisas demonstram uma inserção ainda limitada do tema nos currículos, com maior participação das instituições confessionais nas estatísticas, configurando uma inserção de conteúdos mais voltados à cultura religiosa e de base teológica. Embora se admita essa característica como um traço positivo e fecundo na formação ofertada por essas instituições no país, tais achados demonstram um alheamento ainda maior da pesquisa contemporânea sobre a experiência espiritual/religiosa e sua relação com a saúde nos cursos de graduação da área como um todo. Como demonstrado em alguns dos estudos investigados, a abordagem desse assunto tem sido delegada a disciplinas circulares, supervisões clínicas e a eventuais palestras e eventos científicos sobre espiritualidade e religião. Devidamente, uma inserção séria e crítica no contexto das disciplinas que geralmente tangenciam o tema tem o potencial de ampliar o conhecimento e a reflexão, caso estejam submetidas à literatura atualizada e não apenas ao interesse e posicionamento teórico e pessoal daqueles que a lecionam.

De forma ampla, tem-se identificado como principais barreiras:

- a. A discrepância entre a percepção dos profissionais da saúde sobre a importância da experiência espiritual/religiosa de seus pacientes e a falta de treinamento para lidar com essas questões na prática clínica (Freitas, 2014; Moreira-Almeida et al., 2014);
- b. O desconhecimento de profissionais e estudantes a respeito das evidências científicas sobre a associação entre E/R, saúde física e saúde mental (Abdala et al., 2017; Lucchetti et al., 2013; Moreira-Almeida et al., 2014);
- c. A ausência de metodologias claras e institucionalmente organizadas nos serviços de saúde que ofereçam um atendimento integral aos usuários (Freitas, 2014);
- d. Uma lacuna entre o perfil de E/R, atitudes e demandas dos estudantes e a formação que estão recebendo (Caldeira et al., 2016; Lucchetti et al., 2013; Pereira & Holanda, 2016);
- e. A ausência de programas ou diretrizes de ensino que viabilizem uma formação teórica e prática no campo da religião e da E/R (Espinha et al., 2013; Vieten et al., 2013).

Neste cenário, ainda reverberam também como obstáculos antigos a necessidade de revisão dos paradigmas que regem, em geral, as disciplinas médicas da área da saúde que, pautadas em padrões mecanicistas, regulatórios e biomédicos, se afastam da cultura e do espírito humano (Freitas, 2014; Neubern, 2005; Noé, 2016). Igualmente se aplicam a essa problemática a influência de autores e filosofias materialistas e positivistas, que descartam ou patologizam a experiência religiosa; a noção histórica de um conflito entre ciência e religião; e uma rivalidade subsequente a essa última, dado que na modernidade tais disciplinas passam a concorrer com a teologia pela instituição da alma e pelo cuidado do corpo e do espírito (Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016; Noé, 2016; Numbers, 2009).

Apesar dos obstáculos identificados na literatura e no cotidiano de profissionais e acadêmicos da área da saúde, diferentes iniciativas têm sido realizadas em prol de avanços no campo da formação superior e da pesquisa em religião e espiritualidade no país. No âmbito da pesquisa, o Brasil tem se destacado no ranking internacional como um dos países com mais publicações sobre a temática em medicina, enfermagem e psicologia, atrás apenas dos EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália (Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016). Nesse quadro se destacam a participação de universidades públicas e privadas confessionais de diferentes regiões do país, seus respectivos programas de pós-graduação, e uma ampla rede de

pesquisadores e grupos de trabalho e pesquisa (Esperandio & Marques, 2015; Moreira-Almeida & Lucchetti, 2016; Paiva, 2017).

Sobre a prática clínica e educação profissional, iniciativas com o objetivo de estabelecer diretrizes e instrumentalizar novas práticas relacionadas ao eixo religião, espiritualidade e saúde igualmente se destacam como avanços importantes no cenário brasileiro. São exemplos, a divulgação de instrumentos para investigação da história espiritual e orientações práticas para a avaliação e integração da E/R no tratamento de pacientes em saúde mental (Lucchetti, Bassi & Lucchetti, 2013; Moreira-Almeida et al., 2014); o uso de intervenção educativa, elaboração de materiais didáticos e a avaliação de competências em profissionais da saúde para atenção espiritual de pacientes/famíliares em cuidados paliativos (Dezorzi, 2016); e o aumento de estudos preocupados com a vivência pessoal de E/R de estudantes/profissionais no contexto da formação acadêmico-científica e do cotidiano profissional, com repercussões na saúde mental, qualidade de vida, bem-estar espiritual, cuidado de si e enfrentamento religioso desse grupo (Cavalheiro & Falcke, 2014; Corrêa et al., 2017; Dezorzi & Crossetti, 2008; Gonçalves et al., 2016; Penha & Silva, 2012; Pereira & Holanda, 2016; Zanetti et al., 2018).

6. Considerações finais

O propósito deste artigo consistiu em apresentar e discutir estudos recentes sobre um tema emergente na literatura sobre o eixo religião, espiritualidade e saúde: a formação superior e a prática profissional em saúde. O crescente interesse por investigações no âmbito desse eixo se deve em parte, pelas inúmeras evidências de que a espiritualidade está associada aos processos de saúde-doença, com desfechos positivos na saúde física, mental e comportamental. A problemática principal que norteou este artigo, no entanto, trata de um evidente distanciamento entre tais achados e a tradução e aplicação destes conhecimentos na formação e atuação clínica de profissionais da saúde.

Entre os diferentes fatores e variáveis possíveis de investigação na literatura sobre essa questão, elegeu-se para este trabalho uma aproximação de estudos empíricos com profissionais e estudantes, que apresentassem uma análise descritiva das percepções, experiências e vivências pessoais desse grupo no contexto de suas práticas estudantis e profissionais. Apropriadamente, cada estudo em particular possui suas limitações e características peculiares aos métodos e populações investigadas, além da apropriação

extensiva dos termos “profissionais da saúde” e “estudantes da saúde”, autorizada na elaboração desse texto, que naturalmente restringe a análise sobre profissões e contextos bastante distintos como os da medicina, enfermagem e psicologia, por exemplo. Todavia, avalia-se o esforço de síntese e sistematização dos resultados aqui empreendidos como uma potencial contribuição para discussão nesse campo. Essa conclusão se deve, primeiramente, a constatação de que reverberaram durante a leitura e análise de cada estudo, as perspectivas e problemas apontados sobre essa questão por Freitas (2014) e Moreira-Almeida, Koenig e Lucchetti (2014), textos que motivaram e balizaram o desenvolvimento deste trabalho. Em segundo, porque o que reverbera são os sentidos e experiências – sejam as subjetivas dos trabalhos qualitativos ou aquelas mais sintéticas e diretas dos grandes surveys – que fazem emergir as dificuldades comuns e os desafios humanos, profissionais e religiosos, dos envolvidos no cuidado em saúde. E em terceiro, a tessitura final do projeto, que resultou na identificação de elementos comuns que sumarizam os principais problemas, obstáculos e desafios recorrentes ao campo revisados nessa literatura.

Embora se tenha empreendido pelo uso de textos recentes e de boa qualidade, esta não é uma revisão integrativa, logo não representa o estado da arte, deixando em aberto a proposição de estudos desse tipo. Nesse âmbito, sugere-se avaliar a possibilidade de divisão dos objetos de pesquisa 1) estudantes da saúde, 2) profissionais da saúde e 3) formação acadêmico-científica em saúde, na elaboração de revisões sistemáticas de literatura. Como sugestão de novos estudos recomenda-se a proposição de pesquisas que explorem as percepções e experiências de professores da área da saúde, especialmente daqueles envolvidos nos processos de profissionalização como supervisores de estágios e de residências clínicas; revisões de literatura e novas investigações de base qualitativa, que explorem contextos e características pertinentes a cada campo de formação e atuação, como a psicologia e a terapia ocupacional, por exemplo; e investigações focadas na relação entre a experiência espiritual/religiosa de estudantes e profissionais e a forma como vivenciam e constituem suas práticas na formação acadêmico-científica e atuação profissional.

Por fim, diante dos resultados discutidos no presente texto, assume-se como um problema e contrassenso tangível, os dados que demonstram que estudantes e profissionais raramente buscam a literatura científica para resolver questões relacionadas a religião e a espiritualidade. A mensagem que parece ser transmitida aqui, é que a religião é tão “outra coisa” no ambiente científico, que sua via racional e categórica acaba se tornando invisível. A incoerência desse problema inevitavelmente recai sobre o cientista (o profissional, o professor

ou mesmo o estudante que se ocupa de alguma ciência para balizar seu saber e fazer), que sob uma premissa positivista, se vê obrigado a descartar tudo que é da ordem do religioso, imaterial ou mesmo popular e comum. O contrassenso, é que esse descarte não condiz em nada com os atributos da própria ciência, quando omite de seu objeto uma extensão natural do humano como a espiritualidade e empobrece a possibilidade desse saber. Nesta via, parece bastante razoável incluir entre as variáveis relacionadas ao “raramente buscar literatura científica”, o fato de que a maioria dos estudantes e profissionais desconheça sua existência, conquanto, tal conjuntura não desculpa ou exime a responsabilidade sobre esse saber dentro de uma perspectiva cara como a ética que cada um deve ter com sua ciência.

Referências

- Abdala, G. A., Meira, M. D. D., Oliveira, S. L. S. S. & Santos, D. C. (2017). Religião, espiritualidade e a enfermagem. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social [Online]*, 5(1), 154–164. doi: <http://dx.doi.org/10.18554/refacs.v5i0.2001>
- Aletti, M. (2012). A psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva, (Orgs.), *Religiosidade e Cultura Contemporânea* (pp. 157-190). Brasília, DF: Universa.
- Alves, J. de S., Junges, J. R. & López, L. C. (2010). A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *O Mundo da Saúde*, 34(4), 430–436. Retirado de https://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/79/430a436.pdf
- Aquino, T. A. A. de. (2005). Atitude religiosa e crença dos alunos de psicologia. *Revista UNIPÊ*, 9(1), 56–63.
- Ballarin, M. L. G. S., Moreira, C. E. de F. A. A., Tannus, L. M. N. & Casacio, G. B. P. (2016). Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. *Revista Ciências Médicas*, 25(3), 135–144. Retirado de <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3777/2488>
- Borges, D. C., Anjos, G. L. dos, Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Lucchetti, G. (2013). Saúde, espiritualidade e religiosidade na visão dos estudantes de medicina. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 11(1), 6–11. Retirado de <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3380.pdf>
- Caldeira, S., Branco, Z. C. & Vieira, M. (2011). A espiritualidade nos cuidados de enfermagem: revisão da divulgação científica em Portugal. *Revista de Enfermagem Referência [Online]*, serIII(5), 145–152. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1133>
- Caldeira, S., Simões Figueiredo, A., Conceição, A. P. da, Ermel, C., Mendes, J., Chaves, E., ... Vieira, M. (2016). Spirituality in the Undergraduate Curricula of Nursing Schools

- in Portugal and São Paulo-Brazil. *Religions*, 7(11), 1–9. doi: <https://doi.org/10.3390/rel7110134>
- Carrete, J. (2013). Fundações, poder e crítica: repensando a Psicologia da Religião com W. James. In M. H. de Freitas, G. J. de Paiva & C. de Moraes (Orgs.), *Psicologia da Religião no Mundo Contemporâneo. Desafios da Interdisciplinaridade* (Vol. 1), (pp. 23-50). Brasília, DF: EdUCB.
- Cavalheiro, C. M. F. & Falcke, D. (2014). Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(1), 35–44. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000100004>
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a Questão da Psicologia, Religião e Espiritualidade. Retirado de <https://transparencia.cfp.org.br/legislacao/posicionametno-do-sistema-conselhos-de-psicologia-para-a-questao-da-psicologia-religiao-e-espiritualidade/>
- Corrêa, C. V., Batista, J. S. & Holanda, A. F. (2016). Coping religioso/espiritual em processos de saúde e doença: revisão da produção em periódicos brasileiros (2000-2013). *PsicoFAE*, 5(1), 61–78. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/82>
- Corrêa, C. V., Holanda, A. F. & Olandoski, G. P. (2017). Coping religioso/espiritual em profissionais da Atenção à Saúde Mental do Litoral do Paraná. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 6(2), 15–30. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/142/93>
- Cortez, E. A. & Teixeira, E. R. (2010). O enfermeiro diante da religiosidade do cliente. *Revista de Enfermagem UERJ*, 18(1), 114–119. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a20.pdf>
- Costa, C. C. da, Bastiani, M. de, Geyer, J. G., Calvetti, P. Ü., Muller, M. C. & Moraes, M. L. A. de. (2008). Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 249–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200007>
- Costa, W., Nogueira, C. & Freire, T. (2010). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need for reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9255-9>
- Dal-Farra, R. A. & Ceremia, C. (2010). Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. *Revista Brasileira de Educação Médica [Online]*, 34(4), 587–597. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000400015>
- Dalgalarrodo, P. (2007). Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 25–33. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700005>
- Dezorzi, L. W. (2016). *Espiritualidade na atenção a pacientes/famílias em cuidados paliativos e os processos de educação dos profissionais da saúde* (Tese de Doutorado,

Programa de Pós-graduação em Medicina: Ciências Médicas, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retirado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149601?locale-attribute=es>

- Dezorzi, L. W. & Crossetti, M. da G. O. (2008). A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem [Online]*, 16(2), 212–217. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000200007>
- Esperandio, M. R. G. (2014). Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas. *Horizonte*, 12(35), 805–832. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n35p805>
- Esperandio, M. R. G. & August, H. (2017). A pesquisa quantitativa em Psicologia da Religião no Brasil. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 49–67. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS03>
- Esperandio, M. R. G. & Marques, L. F. (2015). The Psychology of Religion in Brazil. *International Journal for the Psychology of Religion*, 25(4), 255–271. doi: <https://doi.org/10.1080/10508619.2014.952189>
- Espíndula, J. A., Valle, E. R. M. do & Ales Bello, A. (2010). Religião e espiritualidade: um olhar de profissionais de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(6), 1229–1236. Retirado de <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4279/5430>
- Espinha, D. C. M., Camargo, S. M. de, Silva, S. P. Z., Pavelqueires, S. & Lucchetti, G. (2013). Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e Religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(4), 98–106. doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-1447201300040001>
- Freitas, M. H. de & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica Psicológica. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95–107. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011
- Freitas, M. H. de. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach* (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, M. H. de. (2012). Religiosidade na experiência de atuação psi: sintoma ou saúde? In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva, (Orgs.), *Religiosidade e Cultura Contemporânea* (pp. 191-222). Brasília, DF: Universa.
- Freitas, M. H. de. (2014). Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 6(1), 89–105. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.001.DS05>
- Freitas, M. H. de. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião / espiritualidade, ou psicologia e religião / espiritualidade? *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 89–107. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS04>

- Gobatto, C. A. & Araujo, T. C. C. F. de. (2013). Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicologia USP*, 24(1), 11–34. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000100002>
- Gonçalves, L. M., Osório, I. H. S., Oliveira, L. L., Simonetti, L. R., dos Reis, E. & Lucchetti, G. (2016). Learning from Listening: Helping Healthcare Students to Understand Spiritual Assessment in Clinical Practice. *Journal of Religion and Health*, 55(3), 986–999. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0146-y>
- Hefti, R. (2011). Integrating religion and spirituality into mental health care, psychiatry and psychotherapy. *Religions*, 2(4), 611–627. doi: <https://doi.org/10.3390/rel2040611>
- Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia Ciência e Profissão*, 35(3), 711–725. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000942014>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.ibge.gov.br>
- Jacob, B., White, A. & Shogbon, A. (2017). First-year student pharmacists' spirituality and perceptions regarding the role of spirituality in pharmacy education. *American Journal of Pharmaceutical Education*, 81(6), 1–7. doi: <https://doi.org/10.5688/ajpe816108>
- Jafari, S. (2016). Religion and spirituality within counselling/clinical psychology training programmes: a systematic review. *British Journal of Guidance & Counselling*, 44(3), 257–267. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2016.1153038>
- Koenig, H. G. (2007). Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental [Prefácio]. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 5–7. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700002>
- Koenig, H. G. (2008). *Medicine, Religion, and Health: Where Science and Spirituality Meet*. West Conshohocken, PA: Templeton Foundation Press.
- Koenig, H. G. (2009). Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: a review. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 283–291. doi: <https://doi.org/10.1177/070674370905400502>
- Koenig, H. G. (2012). Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications. *International Scholarly Research Network - ISRN Psychiatry*, 2012, (não paginado). doi: <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Lucchetti, G. & Granero, A. (2010). Integration of spirituality courses in Brazilian medical schools [Letters to the editor]. *Medical Education*, 44(5), 527. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2009.03584.x>
- Lucchetti, G., Bassi, R. M. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Taking spiritual history in clinical practice: a systematic review of instruments. *Explore: The Journal of Science and Healing*, 9(3), 159–170. doi: <https://doi.org/10.1016/j.explore.2013.02.004>

- Lucchetti, G., Lucchetti, A. L. G., Espinha, D. C. M., Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Koenig, H. G. (2012). Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. *BMC Medical Education*, 12(1), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-12-78>
- Lucchetti, G., Oliveira, L. R. de, Koenig, H. G., Leite, J. R. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Medical students, spirituality and religiosity-results from the multicenter study SBrame. *BMC Medical Education*, 13(1), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-13-162>
- Maftum, M. A., Souza, J. R. de & Bais, D. D. H. (2008). O cuidado de enfermagem em face do reconhecimento da crença e/ou religião do paciente: percepções de estudantes de graduação. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3), 1–9. doi: <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20081525>
- Mariotti, L. G. L., Lucchetti, G., Dantas, M. F., Banin, V. B., Fumelli, F. & Padula, N. A. de M. R. (2011). Spirituality and medicine: views and opinions of teachers in a Brazilian medical school [Letters to the editor]. *Medical Teacher*, 33(4), 338–341. doi: <https://doi.org/10.3109/0142159X.2011.568798>
- Marques, L. F. (2017). Religiosidade/espiritualidade na educação e na saúde: ensino e extensão. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 189–203. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS09>
- Marques, L. F., Esperandio, M. R., Zorzi, P., Zaperlon, M. & Silva, T. D. (2015). A Religiosidade/Espiritualidade (R/E) em profissionais/trabalhadores da saúde. *Interações Cultura e Comunidade*, 10(18), 195–209. doi: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1983-2478.2015v10n18p195>
- Moreira-Almeida, A., Koenig, H. G. & Lucchetti, G. (2014). Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(2), 176–182. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>
- Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F. & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(919), 242–250. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M. & Laranjeira, R. (2009). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), 18–21. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>
- Moreira-Almeida, A., Sharma, A., Rensburg, B. J. van, Verhagen, P. J. & Cook, C. C. H. (2016, february). Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry*, 15(1), 87–88. Retirado de <http://religionandpsychiatry.org/main/wpa-position-statement-on-spirituality-and-religion-in-psychiatry/>
- Moreira-Almeida, A.; Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência & Cultura*, 68(2), 54–57. doi: <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>

- Nascimento, L. C., Santos, T. de F. M., Oliveira, F. C. S. de, Pan, R., Flória-Santos, M. & Rocha, S. M. M. (2013). Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22(1), 52–60. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100007>
- Neubern, M. da S. (2005). A dimensão regulatória da psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 73–81. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100009>
- Noé, S. V. (2016). Encontros e desencontros da Psicologia com a Teologia no estudo da Religião. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 18(2), 154–170. Retirado de <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/2915>
- Numbers, R. L. (2009). Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36(6), 250–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000600006>
- Oliveira, M. R. de & Junges, J. R. (2012). Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 469–476. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>
- Paiva, G. J. de (2004). Espiritualidade e qualidade de vida: pesquisas em psicologia. In E. F. B. Teixeira, M. C. Müller, J. D. T. da Silva (Orgs.), *Espiritualidade e Qualidade de Vida* (pp. 119-130). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Paiva, G. J. de (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In M. M. AmatuZZi (Org.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 31-47). São Paulo, SP: Paulus.
- Paiva, G. J. de (2007). Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(1), 99–104. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100011>
- Paiva, G. J. de. (2017). Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 31–48. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>
- Paloutzian, R. F. (2003, march). Psychology of, and, for, in and against religion (and spirituality?): pragmatism works. *Psychology of Religion Newsletter, American Psychological Association Division 36*. Retirado de <http://www.apadivisions.org/division-36/publications/newsletters/religion/2003/01-issue.pdf>
- Panzini, R. G. & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 126–135. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700016>
- Panzini, R. G., Rocha, N. S. da, Bandeira, D. R. & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 105–115. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>

- Pargament, K. I. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred*. New York, US: Guilford Press.
- Pedraão, R. B. & Beresin, R. (2010). O enfermeiro frente à questão da espiritualidade. *Einstein*, 8(1), 86–91. Retirado de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1208-Einsteinv8n1_p86-91_port.pdf
- Penha, R. M. & Silva, M. J. P. da. (2007). Conhecimento e percepção da importância do atendimento da dimensão espiritual pelos graduandos de enfermagem. *O Mundo Da Saúde*, 31(2), 238–245. Retirado de https://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/11_conhecimento_e_percepcao.pdf
- Penha, R. M. & Silva, M. J. P. da. (2012). Significado de espiritualidade para a enfermagem em cuidados intensivos. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(2), 260–268. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200002>
- Pereira, K. C. L. & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>
- Piasson, D. L. (2017). *O Senso Religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília). Retirado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2330>
- Reginato, V., Benedetto, M. A. C. de & Gallian, D. M. C. (2016). Espiritualidade e saúde: uma experiência na graduação em medicina e enfermagem. *Trabalho, Educação e Saúde*, 14(1), 237–255. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00100>
- Salgado, A. P. A., Rocha, R. M. & Conti, C. de C. (2007). O enfermeiro e a abordagem das questões religiosas. *Revista Enfermagem UERJ*, 15(2), 223–228. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a11.pdf>
- Schafer, R. M., Handal, P. J., Brawer, P. A. & Ubinger, M. (2011). Training and Education in Religion/Spirituality Within APA-Accredited Clinical Psychology Programs: 8 Years Later. *Journal of Religion and Health*, 50(2), 232–239. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9272-8>
- Teixeira, J. J. & Lefèvre, F. (2003). Humanização nos cuidados de saúde e a importância da espiritualidade: o discurso do sujeito coletivo – psicólogo. *Mundo Saúde*, 27(3), 362–368.
- Tomasso, C. de S., Beltrame, I. L. & Lucchetti, G. (2011). Conhecimentos e atitudes de docentes e alunos em enfermagem na interface espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 19(5), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500019>
- Vieira, T. M., Zanini, D. S. & Amorim, A. de P. (2013). Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 17(2), 141–151. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>

- Vieten, C., Scammell, S., Pilato, R., Ammondson, I., Pargament, K. I. & Lukoff, D. (2013). Spiritual and religious competencies for psychologists. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(3), 129–144. doi: <https://doi.org/10.1037/a0032699>
- Weber, S. R. & Pargament, K. I. (2014). The role of religion and spirituality in mental health. *Curr Opin Psychiatry*, 27(5), 358–363. doi: <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000080>
- Zanetti, G. C., Lemos, G. L., Gotti, E. S., Tomé, J. M., Silva, A. P. da & Rezende, E. A. M. R. de. (2018). Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da Saúde e Humanas (ligadas à Saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(1), 65–72. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20160044>

ARTIGO II

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NO CURSO DE PSICOLOGIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS EMPÍRICOS

Introdução

A religião é indiscutivelmente um dos fenômenos mais importantes e influentes nas sociedades, cultura e subjetividade humana. Na história da psicologia moderna, o interesse e investigação pela experiência religiosa assume diferentes perspectivas e vieses, tanto científicos quanto ideológicos. A proximidade com a filosofia, e mais criticamente com a teologia, marcam o início de uma psicologia que se ocupa do religioso – perpassada não apenas por distintas metodologias e teorias psicológicas, seus enunciados assumem tanto posturas confessionais quanto antirreligiosas, positivistas ou abertamente alheias e desobrigadas desse objeto, e mais recentemente, conduzidas pelo esforço de um agnosticismo metodológico.

Na contemporaneidade, o crescente interesse pela religião e pela espiritualidade é notório no campo da psicologia e das ciências da saúde, especialmente na interface com a saúde mental (Moreira-Almeida, Koenig & Lucchetti, 2014; Paloutzian, 2017). Neste cenário onde cresce o número de estudos voltados ao fenômeno religioso, se insere a Psicologia da Religião (PR), área que estuda os aspectos psicológicos da experiência espiritual/religiosa a partir de diferentes abordagens, conceitos e métodos (Belzen, 2009; Freitas, 2017; Paloutzian, 2017). É verdade que desde o início do século XX, a PR se caracteriza como um campo fecundo na Europa e nos Estados Unidos (Carrete, 2012; Paiva, 1990), no entanto, seu ressurgimento no início do século XXI é inegável (Belzen, 2009; Paloutzian, 2017), visto o que especialistas se dividem em analisar como retorno, persistência ou mesmo ameaça do religioso na cultura e sociedade pós-moderna – onde se lê, sua influência e repercussão na ciência e na pesquisa, na mídia e tecnologias modernas de comunicação, e na política (Mata, 2010; G. G. Oliveira & Oliveira, 2012).

Como escreve Paloutzian (2017), nos últimos 20 anos, a PR expandiu consideravelmente e hoje faz intersecção com todas as áreas da psicologia geral, deixando de ser um campo de interesse exclusivo de países ocidentais, se tornando um campo internacional, com estudos sendo desenvolvidos em todo o mundo. No contexto brasileiro, a

PR igualmente têm-se estabelecido como uma área em expansão no meio acadêmico e científico (Paiva, 2017b). Levantamentos recentes indicam um crescimento gradual de pesquisas nesse campo desde a década de 1990, com incremento da pesquisa qualitativa e da interface da PR com outras áreas do conhecimento nos últimos 10 anos (Esperandio & August, 2017; Marques & Rigo, 2016; Paiva et al., 2009).

No cenário acadêmico, o desenvolvimento da PR no país acontece principalmente nos Programas de Pós-graduação em Psicologia, Ciências da Religião e Teologia, mas também nas Ciências Médicas e da Saúde (Esperandio & Marques, 2015). Nesse contexto, se articula o Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia & Religião” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), que reúne pesquisadores de várias Universidades do país, ligados a programas de Pós-graduação em Psicologia, Teologia e Ciências da Religião (Paiva, 2017b). Criado em 1998, o GT tem como objetivo desenvolver estudos integrados sobre o tema em parceria com pesquisadores brasileiros e de grandes centros internacionais, incentivando o desenvolvimento da PR no Brasil, com foco na “realidade específica do país, cuja população é bastante religiosa, com importantes reflexos e implicações psicológicas em todos os setores da vida humana” (*Reuniões do GT “Psicologia & Religião,”* 2016, p.1).

Todavia, no contexto da formação superior em psicologia a abordagem do tema parece assumir percursos e desdobramentos diferentes. Menos de um quarto dos cursos de psicologia do país oferecem disciplinas voltadas especificamente para questões relacionadas à religião em seus currículos (W. Costa, Nogueira & Freire, 2010; Piasson, 2017), mesmo diante do interesse latente ou expresso dos alunos (Paiva, 2017), constituindo-se um tema distante das salas de aulas e contextos de supervisão (Ancona-Lopez, 2005). Não apenas ausente, o assunto religião tem sido frequentemente descrito como tema marginalizado e silenciado nos cursos de psicologia, quando não somente estudantes, mas também docentes se aventuram a falar de religião e espiritualidade no ambiente acadêmico (Angerami, 2008; Freitas, 2016).

Diante deste quadro, alguns pesquisadores ligados a programas de pós-graduação têm se dedicado a compreender e problematizar este cenário, dando visibilidade a um problema antagônico e enraizado na formação humana, científica e profissional do psicólogo brasileiro (Ancona-Lopez, 2007, 2008, Freitas, 2007, 2012; Paiva, 2017a). Parte desse trabalho se concretiza na orientação de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que, em essência, problematizam tanto a relação da formação do psicólogo com o estudo da

religião e espiritualidade, quanto às percepções e vivências pessoais de espiritualidade/religiosidade (E/R) de estudantes, professores, psicólogos, estagiários de clínica-escola, líderes religiosos-psicólogos, entre outros (Carneiro, 2008; Esteves, 2009; Machado, 2009; M. P. de Oliveira, 2010; Piasson, 2017; A. F. S. Silva, 2010).

Com base nesse contexto, buscou-se neste artigo delinear a literatura que trata da vivência espiritual/religiosa de estudantes de psicologia, no interesse de conhecer os estudos anteriormente realizados a proposta deste trabalho, bem como seus principais achados e problemáticas encontradas. O estudo tem como objetivo apresentar e analisar publicações de pesquisas empíricas nacionais sobre a relação entre estudantes, espiritualidade, religião e formação nos cursos de Psicologia do país. Buscou-se apresentar um panorama desses estudos e seus principais resultados, tendo como foco de investigação a experiência de E/R do graduando no contexto da formação científico-acadêmica do psicólogo.

1. Método

1.1. Procedimentos de coleta dos dados

A revisão de literatura foi realizada a partir de uma busca nas bases de dados virtuais: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Scientific Eletronic Library Online (SciELO); Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PepSIC); e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sendo a consulta, realizada no primeiro trimestre de 2017. Como palavras-chave foram combinados os termos “estudantes”, “acadêmicos”, “graduandos” e “universitários” de psicologia; “formação do psicólogo” ou “formação em psicologia”, seguidas dos descritores e/ou radicais espiritualidade, religião, religiosidade ou crenças religiosas.

Estabeleceu-se como critérios de inclusão a seleção de a) pesquisas empíricas cuja amostra incluísse estudantes universitários de psicologia e considerassem como variáveis centrais a E/R dos participantes e/ou a relação do tema religião com a graduação; e a b) qualidade e adequação metodológica do estudo. Os critérios de exclusão foram: a) pesquisas realizadas com estudantes de psicologia cujo foco fosse a validação de escalas ou a mensuração de variáveis específicas sem relação relevante com as variáveis crenças pessoais, formação e E/R; b) estudos teórico-críticos sobre formação em Psicologia; c) publicações oriundas de teses e dissertações, tais como relatos de pesquisa, capítulos de livros ou artigos

quando o trabalho principal estava disponibilizado online. A seleção do material foi realizada a partir da leitura dos títulos e resumos e/ou pela leitura flutuante dos artigos e dos tópicos metodologia e resultados, no caso das teses e dissertações.

1.2. Procedimentos de análise dos dados

Foi realizada a leitura integral de todo o material, e os dados sobre as publicações tabulados em categorias distintas de a) identificação, b) método e c) caracterização da amostra. Uma segunda categorização foi desenvolvida a partir da leitura dos resultados e discussões apresentadas nos estudos. Os procedimentos de análise e de síntese em eixos temáticos consistiram na a) identificação dos principais resultados das pesquisas; b) descrição das crenças e perfil de E/R dos participantes; e c) apreensão de elementos e estruturas associados à experiência vivida dos estudantes no contexto da relação entre as crenças pessoais, formação profissional e ciência psicológica.

2. Resultados

A busca nas bases de dados localizou um total de 379 publicações, das quais, 66 foram excluídas por duplicata. Das 313 restantes, 54 foram pré-selecionadas e avaliadas a partir dos procedimentos de leitura e análise descritos anteriormente. Com base nos critérios de inclusão e exclusão, foram encontradas 14 publicações sobre o tema proposto, sendo todos estudos de natureza empírica. Dois artigos foram excluídos por se tratarem de publicações oriundas de uma tese e de uma dissertação já contempladas na seleção; e um terceiro, por não apresentar consistência metodológica. A partir deste procedimento foram selecionados para esta revisão o total de 11 estudos, dos quais, seis são dissertações de mestrado, duas teses de doutorado e três artigos, com período de publicação e/ou realização de 2002 a 2017.

Quanto à origem institucional, sete pesquisas são oriundas de Instituições de Ensino Superior (IES) confessionais² e três de IES públicas federais. Dentre as públicas, dois foram realizados em Programas de Pós-graduação na área da Educação. Quanto a IES de origem, três pesquisas foram desenvolvidas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo

² Foram consideradas como IES confessionais, aquelas que possuem clara vinculação com instituições religiosas, conforme informações disponibilizadas nos respectivos sites e/ou no Portal e-MEC do Ministério da Educação (<http://emec.mec.gov.br/>, recuperado em 10, setembro, 2017).

todas dissertações de mestrado orientadas pela professora Marília Ancona-Lopez. O QUADRO 1.1 apresenta as categorias de identificação das pesquisas.

QUADRO 1.1 – CATEGORIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES POR IDENTIFICAÇÃO, TIPO E MÉTODO DE PESQUISA

(continua)

Publicação	Autores	Tipo	Área / PPG*	IES / UF	Metodologia
Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia. Um estudo por meio do questionário Pratt e do Método de Rorschach	Freitas (2002)	Tese	Psicologia / Psicologia	UnB / DF	Qualitativo
Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: estudo transversal	Gastaud et al. (2006)	Artigo	Psicologia, Medicina e Teologia	UCPEL / RS	Quantitativo
Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia	Costa et al. (2008)	Artigo	Psicologia	PUC-RS	Quantitativo
Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia	Ferreti (2010)	Dissertação	Psicologia / Educação em Ciências e Saúde	UFRJ / RJ	Misto
Espiritualidade na clínica psicológica: um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul	Cavalheiro (2010)	Dissertação	Psicologia / Psicologia	UNISINOS / RS	Misto
Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia	Pinho (2012)	Dissertação	Psicologia / Psicologia	PUC-SP	Qualitativo
A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação dos psicólogos	Gandelman (2013)	Dissertação	Psicologia / Psicologia	PUC-SP	Qualitativo
Religiosidade e bem-estar psicológico de acadêmicos de psicologia	Vieira et al. (2013)	Artigo	Psicologia, Teologia e Antropologia	PUC-GO	Quantitativo
Psicologia e espiritualidade - grupo temático com alunos adventistas de graduação em psicologia	Souza (2014)	Dissertação	Psicologia / Psicologia	PUC-SP	Qualitativo
Espiritualidades e bem-estar espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife-PE à luz da abordagem Integral/Transpessoal	Silva (2016)	Dissertação	Psicologia / Educação	UFPE / PE	Misto

(conclusão)

Publicação	Autores	Tipo	Área / PPG*	IES / UF	Metodologia
Religiosidade, espiritualidade e psicoterapia na formação acadêmica do psicólogo	Nascimento (2017)	Tese	Psicologia / Psicologia	UNICAP / PE	Qualitativo

Fonte: Dados da pesquisa (2018). NOTA: *área de formação dos autores e área do Programa de Pós-graduação das teses e dissertações.

Quanto aos procedimentos metodológicos, cinco são qualitativos, quatro quantitativos e dois mistos, com coleta de dados realizada a partir de questionários, escalas, entrevistas e grupos focais. Quatro pesquisas mensuraram o Bem-Estar Espiritual³ (EBE) e as subdimensões Bem-Estar Existencial (BEE) e Bem-Estar Religioso (BER) utilizando a escala de Paloutzian e Elisson (1982) (C. C. da Costa et al., 2008; Gastaud et al., 2006) e a versão adaptada e validada para o Brasil de Marques, Sarriera e Dell’Aglío (2009) (Cavalheiro, 2010; L. A. C. da Silva, 2016). Dois estudos avaliaram a qualidade de vida com base na escala da Organização Mundial de Saúde (OMS), a World Health Organization Quality of Life (WHOQOL). O QUADRO 1.2 sintetiza os procedimentos de coleta e análise dos dados, objetivos e referencial teórico.

QUADRO 1.2 – CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DAS PUBLICAÇÕES

(continua)

Autores	Objetivos	Procedimentos de coleta	Análise dos dados	Referencial teórico
Freitas (2002)	Investigar as relações entre crenças religiosas e características de personalidade	- Entrevista individual - Grupo focal - Questionário Pratt sobre Crença Religiosa adaptado - Método Rorschach	- Análise Fenomenológica - Análise das Modalidades de Crença por James Pratt	Fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty

³ A EBE, originalmente *Spiritual Well-Being Scale (SWBS)*, é composta por 20 itens e se propõem a medir um sentido psicológico do bem-estar espiritual a partir de uma dimensão vertical ou religiosa (itens que contém a palavra Deus) e uma dimensão horizontal ou existencial (Paloutzian, 2016). Os escores gerais da EBE assumem os intervalos de 20 a 40, 41 a 99 e 100 a 120, para baixo, moderado e alto, respectivamente. Nas subescalas, os intervalos são de 10 a 20, 21 a 49 e 50 a 60 pontos. Nos estudos analisados, os resultados foram admitidos como bem-estar espiritual positivo para escores altos e negativo para escores moderado e baixo.

(conclusão)

Autores	Objetivos	Procedimentos de coleta	Análise dos dados	Referencial teórico
Gastaud et al. (2006)	Investigar se a graduação pode estar associada a baixos índices de EBE e a relação entre saúde mental e religiosidade	- SWBS - Self-Reporting Questionnaire	- Teste qui-quadrado - Regressão logística - Razão de chances	Não se aplica
Costa et al. (2008)	Avaliar qualidade de vida e EBE e a relação desses aspectos com a formação	- SWBS - WHOQOL	- Correlação de Spearman - Teste de Mann-Whitney	Não se aplica
Ferreti (2010)	Investigar a presença de crença religiosa e a dinâmica de mudanças ao longo da formação em IES pública e privada	- Questionário semiestruturado	- Estatística descritiva - Teste qui-quadrado e de correlação Phi - Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre	Conceito de Representação Social de Serge Moscovici
Cavalheiro (2010)	Comparar calouros e formandos com base na EBE e na dimensão de E/R e crenças pessoais. Compreender como a espiritualidade foi abordada na formação	- EBE - WHOQOL - Questionário sobre Valores e Aspectos Espirituais e Religiosos - Grupo focal	- Estatística descritiva - Testes paramétricos e não paramétricos - Análise de Conteúdo (Minayo)	Psicologia Transpessoal e correntes existencialistas, humanistas
Pinho (2012)	Saber como articulam crenças religiosas e visão de homem e de mundo com os conhecimentos adquiridos no curso	- Entrevista semidiretiva	- Análise de Conteúdo	Não usa/menciona
Gandelman (2013)	Compreender a E/R de formandos que valorizam a dimensão espiritual/religiosa	- Entrevista semidirigida	- Análise de Conteúdo	Não usa/menciona
Vieira et al. (2013)	Avaliar atitude religiosa, bem-estar psicológico e físico e interação entre religiosidade e formação	- Questionários de Avaliação de Atitude Religiosa e de Interação Religiosidade-Formação em Psicologia - Questionário de Bem-estar Psicológico e Físico	- Estatística descritiva - Correlação de Person	Não se aplica
Souza (2014)	Compreender como relacionam a psicologia e espiritualidade	- Grupo temático - Relato escrito	- Análise qualitativa	Kenneth Pargament
Silva (2016)	Investigar EBE e concepção de espiritualidade nos processos de formação. Compreender como abordam a espiritualidade e suas contribuições na formação humana	- EBE - Questionário estruturado - Entrevista Semiestruturada	- Teste Mann-Whitney U - Análise de Conteúdo Temática de Minayo	Abordagem Integral/Transpessoal de Ken Wilber
Nascimento (2017)	Compreender e inter-relacionar religião e E/R na formação de psicoterapeutas	- Análise documental de matrizes curriculares* - Entrevista semiestruturada	- Método Processamento Simbólico-arquetípico	Psicologia Analítica

Fonte: dados da pesquisa (2018). NOTA: *resultados não abordados nesta revisão.

Os estudos compreenderam uma amostra de 2.245 estudantes de psicologia, de seis Estados diferentes mais Distrito Federal (N=7). Há predomínio do sexo feminino, de jovens, representando aproximadamente 35 cursos diferentes de psicologia. Nos estudos de base qualitativa, cinco coletaram dados com estudantes em fase final de curso. Dos quantitativos, a maioria é de recorte transversal (N=4) e dois compararam calouros e formandos. O QUADRO 1.3 agrupa dados de caracterização dos estudantes e IES participantes que compõem a amostra analisada, conforme os dados disponibilizados nos estudos.

QUADRO 1.3 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E IES PARTICIPANTES
(continua)

Autores	Participantes		Instituição de Ensino Superior	
	Dados sociodemográficos	Perfil religioso	Categoria Administrativa	UF
Freitas (2002)	Amostra (N=52) Sexo: F (N=35) / M (N=17) Faixa etária 18 a 25 Primeiro ao sexto período de curso	Crença em Deus e adesão a religião (N=35) Crença em Deus, sem adesão a religião (N=14) Conflito e ambivalência (N=6) Ceticismo (N=2) Ateísmo (N=1)	Confessional Católica (N=1)	DF
Gastaud et al. (2006)	Amostra (N=351) Sexo: F (N=299) / M (N=37) Faixa etária 17 a 64 Totalidade dos estudantes do curso	Não apresenta dados sobre prática e/ou pertencimento religioso	Confessional Católica (N=1)	RS
Costa et al. (2008)	Amostra (N=136) Sexo: F (N=115) / M (N=21) Idade média 22,57 Primeiro ao décimo período de curso	Possuem religião (86%) / católicos (47,2%) Interesse na espiritualidade (83,8%) Conversam com amigos/colegas (63%) Não frequentam (70,4%)	Confessional Católica (N=1)	RS
Ferreti (2010)	Amostra (N=256) IES pública (N=127) IES privada (N=129) Sexo: não informa Faixa etária predomínio 17 a 25 Fases início, meio e final de curso	Acreditam em Deus (81%) Católicos, evangélicos, espíritas, outros (64,4%) Frequentam atividades semanais (42,64%) Raramente frequentam (44,8%)	Pública (N=1) Privada (N=1)*	RJ

(conclusão)

Autores	Participantes		Instituição de Ensino Superior	
	Dados sociodemográficos	Perfil religioso	Categoria Administrativa	UF
Cavalheiro (2010)	Amostra (N=1064) Calouros (N=672) Formandos (N=392) Sexo: F (85,7%) / M (13,6%) Idade média 23,44 (calouros) / 28,1 (formandos) Grupo focal Confessional (N=9) Pública (N=10)	Não apresenta dados sobre prática e/ou pertencimento religioso	IES com formandos em 2009 (N=25) Grupo focal: Confessional Luterana (N=1) Pública Federal (N=1)	RS
Pinho (2012)	Amostra (N=5) Faixa etária 21 a 61 Sexo feminino Oitavo e décimo período de curso	Católica (N=1) Evangélica (N=1) Umbandista (N=1) Sem religião (N=2)	(N=1)*	SP
Gandelman (2013)	Amostra (N=2) Sexo F, 25 anos / M, 23 anos Último ano de curso	Evangélica (N=1) Sem religião (N=1)	(N=1)*	Não informa
Vieira et al. (2013)	Amostra (N=168) Sexo: F (82,1%) / M (17,9%) Idade média 22,88 Fases início, meio e final de curso	Católicos (47,2%) Evangélicos (21,4%) Espíritas (15,1%) Sem Religião (8,8%)	Privada Filantrópica (N=1)*	GO
Souza (2014)	Amostra (N=6) Faixa etária 22 a 32 Último período de curso	Evangélicas adventistas (N=6)	Confessional Adventista (N=1)	SP
Silva (2016)	Amostra (N=202) IES pública (N=94) IES confessional (N=108) Sexo: F (N=155) / M (N=42) Faixa etária: não informa Calouros e formandos	Não apresenta dados sobre prática e/ou pertencimento religioso	Pública Federal (N=1) Confessional Católica (N=1)	PE
Nascimento (2017)	Amostra (N=6) Estudante (N=3) Professor-supervisor (N=3) Sexo estudantes: F (N=2) / M (N=1) Faixa etária 23 a 32 (estudantes) Último ano de curso	Católica (N=1) Católica e espírita (N=1) Sem religião (N=1) (religião dos estudantes)	(N=3)*	PE

Fonte: dados da pesquisa (2018). NOTA: *categoria administrativa não informada pelos autores.

Para apresentação dos principais resultados, privilegiou-se a descrição individualizada dos estudos por ordem cronológica e tipo de metodologia empregada. Na sequência, uma análise qualitativa dos dados é apresentada de forma sistematizada em eixos temáticos.

2.1. Estudos quantitativos

Gastaud et al., (2006) comparou seus achados com os resultados encontrados por Volcan, Sousa, Mari e Horta (2003) em pesquisa equivalente realizada com estudantes de medicina e direito da mesma instituição. Observou-se preeminência de escores baixos e moderados na EBE (84,6%) e na BEE (83,5%) em estudantes de psicologia quando comparados a alunos de medicina (EBE =68,8% / BEE=64,1%) e direito (EBE=68,5% / BEE=68,5%) com maior semelhança entre os grupos apenas na variável bem-estar religioso. Quanto à prevalência de transtornos psiquiátricos menores (TPM), não foram encontradas diferenças significativas, porém, os resultados apontam para uma relação inversa entre os níveis de EBE e os escores de TPM, sugerindo que estudantes de psicologia com esses transtornos apresentaram maior probabilidade de obterem baixas pontuações na EBE e nas subdimensões BER e BEE. No entanto, o estudo destaca que a amostra dos três cursos apresenta menor prevalência de TPM que estudo de base populacional anterior realizado na mesma região, sugerindo que o fator socioeconômico, por se tratar de estudantes de uma IES privada, possa ser um dos motivos mais preponderantes para esta diferença. Os autores questionam quais fatores podem estar associados ao desenvolvimento ou inibição da espiritualidade em graduandos de Psicologia.

Na pesquisa realizada por Costa et al., (2008), cerca de 36% dos participantes já haviam se deparado com questões relacionadas à espiritualidade em alguma prática do curso, como estágios e atendimentos, e 77,9% afirmaram ter interesse em discutir o tema durante a formação. Os resultados indicaram escores altos de qualidade de vida e moderados de EBE (M=87,95). Na subescala BEE (M=46,51), a média dos participantes aparece mais elevada que na BER (M=41,73), sugerindo que os estudantes relacionam o bem-estar espiritual mais a uma sensação de encontro de algo significativo na vida do que a uma referência a Deus. Os dados também apontaram correlações positivas entre o domínio psicológico da qualidade de vida com a BER e BEE, de igual modo, correlação positiva da BEE com todos os domínios da qualidade de vida mensurados pelo instrumento (físico, psicológico, relações sociais, ambiente e saúde geral). O estudo indica que aspectos relacionados ao significado da vida e à razão de viver podem ser percebidos como mais satisfatórios pelos colaboradores e que tais resultados podem estar relacionados a influências e contribuições do curso de Psicologia na formação pessoal e profissional dos estudantes.

O estudo de Cavalheiro (2010) é o de maior abrangência de amostragem e território (N=1064), e tem parte de seus resultados publicado no formato de artigo (Cavalheiro &

Falcke, 2014). Os resultados apresentaram escores moderados na EBE (M=90,04), BEE (M=46) e BER (M=44), com diferenças significativas entre calouros e formandos (EBE e BER), tendo os calouros média superior em todas as dimensões. Em relação ao BER, observou-se diferenças significativas nas variáveis renda e sexo, indicando índices maiores nesta subescala entre as mulheres e relação inversa com a variável renda, sugerindo que quanto menor a renda, maior o índice de BER. A qualidade de vida mensurada na dimensão da subescala espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais obteve média de 15,74 (variação de 5 a 20), porém não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.

Sobre valores e aspectos espirituais religiosos, o estudo encontrou diferenças significativas entre os grupos: 93,1% dos calouros e 87,2% dos formandos acreditam em Deus (Força Superior, Poder, Energia, etc.); 17,7% dos calouros e 27,8% dos formandos referem a espiritualidade como aspecto de menor prioridade em suas vidas; 73,2% dos calouros e 56,6% dos formandos consideram importante ou extremamente importante a espiritualidade para lidar com situações da vida pessoal. Também foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas questões condicionadas a prática profissional: 69,3% dos formandos e 46,2% dos calouros a consideram pouco ou nada importante dimensão espiritual para prática clínica; e 85,9% dos calouros e 74% dos formandos consideram que a espiritualidade influencia negativamente e muito negativamente a saúde (física, mental e emocional).

O estudo também indicou diferenças significativas entre as linhas teóricas de maior identificação dos formandos e os índices na EBE, sendo o grupo com menor média aquele dos estudantes que se identificam com a psicanálise (M=85,18), seguido pelo grupo que se identifica com a Cognitivo Comportamental (M=90,72) e das abordagens Humanistas, Gestalt, Sistêmica, Junguiana e Fenomenológico Existencial (M=90,75). O estudo salienta que o declínio nos índices que aferem a espiritualidade e a religiosidade dos formandos, e o desconhecimento sobre as pesquisas que indicam associação positiva entre saúde e espiritualidade, evidenciam a necessidade de reavaliação sobre como o tema tem sido abordado nos cursos de psicologia.

Ferreti (2010) identificou que ambos os grupos, estudantes das IES pública e privada, apresentam alto perfil de adesão religiosa que se mantém durante o curso. Contudo, as frequências sugerem que os estudantes da IES pública são menos adeptos à religião institucionalizada (34,7% acreditam em Deus, mas não tem religião) do que os da privada (23,2%), apresentando também número muito superior de ateus (10,2% na pública para 3,1% na privada). Quanto à participação em atividades religiosas institucionais entre estudantes

católicos, evangélicos e espíritas, 42,64% frequentam toda semana e 44,8% raramente, sendo os evangélicos aqueles com maior assiduidade (55,1%). Cerca de 50% dos estudantes identificam a importância e influência de algum membro da família na sua opção religiosa ou não religiosa e aproximadamente 36% consideram que fizeram essa escolha apenas individualmente, sem a influência de outra pessoa.

Vieira, Zanini e Amorim (2013) avaliaram diferentes interações na relação religiosidade-formação, dentre as quais, a percepção dos colaboradores sobre a atitude dos professores frente às crenças religiosas e a experiência de conflitos. Nos resultados, estudantes que se afirmaram como muito religiosos apresentaram índices maiores de atitude religiosa e maior bem-estar físico e psicológico. Estudantes que apresentaram índices mais elevados de atitude religiosa também indicaram pensar com maior frequência nas suas crenças estudando psicologia durante as aulas e fora dela. O estudo também encontrou correlação positiva entre atitude religiosa e vivência de conflito no estudo de algumas abordagens psicológicas – 32% discriminaram alguma abordagem, destes, 61% indicaram a Psicanálise como a abordagem em maior conflito com suas crenças religiosas, 14,8% apontaram o Behaviorismo e 9,3% a Gestalt. Sobre a percepção de que os professores respeitam a religiosidade dos alunos, os dados indicaram correlação negativa com as variáveis período e atitude religiosa, sugerindo que estudantes mais avançados no curso e/ou mais religiosos tendem a perceber com mais frequência atitudes dos professores como desrespeitosas em relação às suas crenças. A vivência de conflito com as abordagens igualmente indica correlação positiva com a percepção sobre o comportamento dos professores e a percepção de que a formação em psicologia pode provocar os estudantes a abandonarem suas crenças religiosas. Para os autores, o indicativo de que há uma tensão entre as crenças religiosas dos estudantes e o curso de Psicologia deve ser um alerta para os docentes, dado que esses são mediadores importantes na relação dos alunos com a formação e, em grande medida, os representantes das abordagens.

Silva (2016) igualmente identificou, entre calouros e formandos da IES pública e confessional, escores moderados na EBE ($M=4,63$ para variação de 1 a 6), porém sem diferenças entre os grupos. Os escores indicaram diferença significativa na variável sexo, tendo as mulheres apresentado índices mais elevados na EBE e BER.

2.2. Estudos qualitativos

Na bibliografia revisada, o estudo desenvolvido por Freitas (2002) é o primeiro cuja temática problematiza a relação entre a formação e a experiência religiosa de estudantes de psicologia. É também, o único trabalho de pós-graduação na área da Psicologia desenvolvido em uma IES pública. As respostas ao Questionário Pratt indicaram um predomínio da modalidade crença emocional, seguida das primitiva e intelectual. Uma sistematização da análise revelou que a maioria dos colaboradores entende a religião como a crença na existência de um Ser ou Força Superior (N=42). Consideram a religião como uma experiência emocional (N=21), descrevem acreditar em Deus por já terem experimentado sua presença (N=30) ou com base em argumentos (N=15). Aceitam a Bíblia como autoridade em questões religiosas (N=20), afirmam rezar, orar ou fazer preces (N=44), acreditar que Deus as houve (N=31) e na vida após a morte (N=39).

Os resultados revelaram elevada mobilização afetiva em falar sobre o tema durante a formação, dada à percepção de que há um silenciamento sobre o assunto na Universidade e no curso. Questionam acerca da tendência de patologização da experiência religiosa, comum em várias teorias psicológicas. Tanto estudantes crentes quanto ateus ou céticos apresentaram dificuldade e desconforto em expor sobre suas crenças no ambiente acadêmico e entre seus pares. O impacto dos conteúdos estudados no curso sobre a experiência religiosa dos estudantes se destaca no conflito intrapessoal em relação às crenças ou não crenças em Deus ou na dimensão transcendente; no conflito interpessoal com colegas ou professores; e nas preocupações de cunho ético em relação à própria postura e prática profissional.

Com base na diferença significativa encontrada entre as IES nos escores da EBE, Cavalheiro (2010) realizou grupos focais com os formandos do curso que obtiveram maior (M=98,73) e menor média (M=78,73). Ambos estão localizados na capital, sendo a primeira uma IES confessional luterana e a segunda uma IES pública federal. O perfil dos participantes se difere em relação à faixa etária, experiências pessoais e profissionais e no interesse em estudos sobre espiritualidade. Os estudantes da IES com índices maiores na EBE possuem idade mais elevada, formação acadêmica anterior à psicologia, independência financeira e histórias de vida pessoal (casamento, maternidade/paternidade, separação, viuvez) que também os diferencia dos estudantes com menores índices – todos solteiros, a maioria apenas estuda e está concluindo a primeira formação superior.

Os estudantes com índices maiores na EBE assumem alterações positivas no desenvolvimento da espiritualidade pessoal durante o curso e identificam uma

indissociabilidade entre o amadurecimento pessoal, profissional e espiritual; relataram possuir interesse pessoal e profissional sobre o tema da espiritualidade e buscam conhecer mais através de leituras e participação em eventos científicos. Revelam uma concepção de humano que inclui a espiritualidade, seja através da religião ou não; analisam a relação espiritualidade-saúde como algo que pode se apresentar tanto de forma positiva quanto negativa. Consideram que o tema não foi abordado no curso de forma satisfatória e não se sentem preparados profissionalmente para lidar com o assunto, mas apontam disciplinas específicas da grade, quando estudaram religião, como facilitadoras e fomentadoras do interesse pelo tema. Consideram o estudo da religião e espiritualidade como muito relevante para qualificação profissional, para ética profissional frente a uma escuta inclusiva para todas as dimensões trazidas pelos pacientes.

Os estudantes com índices menores observam que a espiritualidade pessoal regrediu durante a formação e que a identificação com as linhas teóricas e os conteúdos vistos no curso pode preencher o espaço antes ocupado pela espiritualidade em suas vidas, ainda sim, relatam ser espiritualizados, possuírem crenças pessoais e vivenciarem experiências religiosas, místicas e mediúnicas. A maioria concebe uma visão de ser humano biopsicossocial, que explica a espiritualidade por essa via, e como tema que não compete ao psicólogo, pois transcende o estudo científico. Sobre a relação espiritualidade-saúde se mostram reticentes, pautando-se em exemplos negativos como relatos de casos em que dogmas e fanatismo religioso se sobrepõem ao tratamento indicado; revelam preconceito, evitação e pouco conhecimento sobre a literatura científica sobre o tema. Relatam que o tema não foi abordado durante o curso e percebem o silêncio como um indicativo de como o assunto deve ser tratado. Sentiram-se silenciados logo no início do curso e identificam que o tema pode ser estudado até mesmo na própria IES, porém em outros contextos. Identificam que as abordagens estudadas no curso de forma geral são todas oposicionistas ao pensamento ligado a religiosidade e identificam as linhas teóricas e a própria ciência como um tipo de crença. Embora relatem experiências no estágio profissional e de vivência religiosa/espiritual na vida pessoal, a maioria assume que o assunto não deve aparecer na clínica, que a espiritualidade não deve compor as concepções do psicólogo e que este deve até mesmo se opor, dado que costumam analisar esse tipo de experiência como sintoma ou muleta. Reconhecem que não aprenderam como lidar com o tema e se limitam a interpretar ou negar o assunto.

Ferreti (2010) investigou a possibilidade de influência do curso de Psicologia na representação de Deus dos estudantes e observou que o discurso coletivo “Deus é protetor”,

que exemplifica descrições de Deus como um Ser, Força, Energia ou Entidade Superior que protege e interfere em tudo e na vida das pessoas, como central na elaboração da maioria (61,7%) dos estudantes de ambas as instituições. O discurso “Deus é força e energia” e “Deus é indefinível” aparece mais associado à descrição dos crentes sem religião, especialmente no caso de estudantes de fim de curso da instituição pública. A representação de Deus como projeção de uma necessidade humana também aparece, contudo de pouca representatividade em ambos os grupos (8%). A autora analisa que os discursos expressam de modo geral a representação social de um Deus cristão, mas ainda que os dados revelem um perfil elevado de religiosidade, a amostra é percentualmente menos religiosa que a população do Rio de Janeiro e do Brasil.

No estudo de Pinho (2012), todas as colaboradoras relataram ter vivenciado experiências significativas durante o curso que influenciaram suas crenças e/ou a relação institucional com suas religiões de origem. As experiências, que foram do conflito à resignificação, se exemplificam no caso da colaboradora de 44 anos que deixou de ser freira católica após o terceiro ano da graduação, da umbandista, de 28 anos, que precisou trancar o curso devido ao alto nível de conflito com suas crenças e da evangélica, de 21 anos, que em sua formação faz o movimento de selecionar e assimilar os elementos que convergem com sua fé. As falas também expõem casos de abandono e ruptura com as crenças religiosas e uma consequente mudança de referencial: do religioso para o psicanalítico. Em relação à prática profissional, relatam dificuldade e insegurança com o fazer psicológico quando o assunto é abordado pelos clientes, experiência que todas já haviam tido em seus atendimentos. Os embaraços quanto à articulação dos temas aparecem na menção recorrente de que os professores veiculam visões negativas ou mencionam (ensinam) que o assunto não deve ser tratado na clínica – posições que se revelam como fonte de dúvidas que não encontram espaço para diálogo. No relato de uma das colaboradoras, os docentes abordam a religião como um objeto: “isso é sobre os outros, não tem nada a ver com a gente” (Pinho 2012, p. 51).

Na análise da pesquisadora, as experiências pessoais das estudantes interferem na forma como manejam todas as questões, conflituosas ou não, envolvendo conhecimentos psicológicos e religiosos. O distanciamento entre psicologia e religião no ambiente acadêmico, a ausência de discussões sobre o tema durante a formação e a interferência dos professores na forma como as estudantes aprenderam a articular a relação crenças religiosas e formação científico-profissional corroboram com a dificuldade e insegurança das

entrevistadas – dificuldade que encontra um paradoxo quando precisam pensar a complexidade da totalidade humana e os princípios éticos dependentes disso.

A análise dos relatos, Gandelman (2013) identificou que os colaboradores refletem sobre sua formação científica e profissional com base em suas experiências de vida, valores, crenças e sentimentos, sendo tais aportes o que os incentiva a buscar sentido e respostas, tanto para suas vidas quanto para sua prática como futuros psicólogos. Nessa busca está implícita a questão da E/R e as dificuldades em relacionar experiências e histórias de vida aos conhecimentos aprendidos durante o curso. O movimento realizado por cada um dos colaboradores, no entanto, é curiosamente diferente. O jovem, que não declara pertencimento religioso, acredita que a religião e a espiritualidade são aspectos inerentes ao humano, logo, merecem acolhimento e atenção ativa por parte do psicólogo. Sua visão de homem integral e a importância desta noção para sua prática redirecionou sua orientação teórica da Psicanálise para Fenomenologia, visto que ponderou nesta última, recursos para acolher as crenças dos pacientes. Diante dessas experiências no contexto de sua prática no estágio, afirma que foi sua espiritualidade que o ajudou a pensar isso como psicólogo. A estudante de religião evangélica, de forma oposta, acredita que há uma dicotomia entre ciência e religião, o que a direcionou a uma busca por deixar suas crenças religiosas de fora, e assim, poder se abrir ao conhecimento científico. Desejando ser mais assertiva em sua prática, escolheu a Psicologia Cognitiva Comportamental. Motivou este movimento, o medo de que suas crenças a destituíssem de seu valor profissional, assim como, o exercício da neutralidade – tão mencionado e ensinado pelos professores. O estudo mostrou que os estudantes se preocupam com a relação entre suas crenças pessoais e as de seus pacientes, tema que se mostrou presente já nos primeiros atendimentos. Para eles, a interferência é direta e inevitável no nível profissional.

Nos resultados de Souza (2014), as diferentes experiências e matizes de opiniões se destacaram, ainda que todas as colaboradoras fossem adventistas, ou seja, pertencentes ao mesmo grupo e denominação religiosa. A espiritualidade é conceituada como uma experiência íntima e pessoal e uma vivência relacionada à figura de Deus ou ao indivíduo. A religiosidade é descrita como o aspecto mais organizado e socialmente estruturado dessa dimensão humana. No contexto da vivência pessoal, a espiritualidade aparece como experiência de contemplação do sagrado; de autonomia na opção religiosa e na influência dos relacionamentos familiares e sociais. Psicologia e espiritualidade são compreendidas como áreas que tem objetivos comuns e que por isso podem atuar paralelamente. Na experiência pessoal como estudantes da ciência psicológica descrevem a psicologia como aquela que

colabora para um desenvolvimento mais satisfatório da espiritualidade, como elemento de crise, questionamento e reorganização espiritual.

Em relação à formação, a temática da espiritualidade indica ser trabalhada pela IES como um todo, entretanto, no que se refere à relação com a psicologia, as colaboradoras sentem uma lacuna. A figura do professor-supervisor aparece como influenciadora, tanto positiva quanto negativamente, considerando a abertura ou não para discutir o tema com os alunos. Sentem falta de uma abordagem que auxilie a trabalhar com a espiritualidade do paciente. A questão da espiritualidade no atendimento clínico consistiu no tema de maior expectativa e convergência dos discursos. Sobre a relação espiritualidade do psicólogo e espiritualidade do paciente, a maioria considera que o trabalho do psicólogo deve ser independente, e que esse deve conhecer a religião do paciente. Uma das colaboradoras, porém, considera que pode ser positivo para o paciente quando ambos compartilham os mesmos valores religiosos – tal concepção é juntamente elaborada a partir de uma experiência pessoal positiva em psicoterapia.

Os relatos indicam dificuldade em compreender a espiritualidade amplamente e de como abordá-la na clínica, bem como conflito e angústia entre o que devem fazer como psicólogas quando seus valores pessoais divergem do processo terapêutico do cliente. Tais dificuldades e posturas incluem o medo de influenciar o cliente; tendência a esquivar-se do assunto no atendimento; dificuldade com a discordância e também com a identificação de questões relacionadas ao sagrado; opção pela neutralidade que se transforma em fuga, o que é visto como problema pelas colaboradoras. Com base em seu referencial teórico, o pesquisador identifica que três colaboradoras tendem a assumir a postura do terapeuta que se julga capaz de ajudar seu paciente a desenvolver sua própria espiritualidade; e que as demais tendem a outra postura, a de não se sentirem aptas para atender demandas que estejam muito distantes de seus valores pessoais, estando mais propensas a encaminhar.

A partir da abordagem Transpessoal, Silva (2016) identificou como principais significados atribuídos à espiritualidade as concepções de Espiritualidade como Bem-estar Pessoal; Resiliência; e Relações Consigo e Suas Crenças, tendo a última maior representatividade (55%) entre calouros e formandos. Tal concepção aparece relacionada à crença em Deus, divino, energia e/ou transcendência e, de modo geral, a religiosidade e a religião institucionalizada. Embora o estudo não apresente dados sobre pertencimento religioso, os resultados indicam um perfil que tende maior vinculação a uma religiosidade pessoal e/ou institucional. Sobre a relação entre formação em Psicologia e espiritualidade,

mais de 90% dos estudantes de ambos os cursos afirmam ser importante a discussão da temática na graduação. As justificativas salientam a noção de religião e espiritualidade como uma dimensão humana e seu papel nas diferenças socioculturais; o interesse por uma compreensão psicológica da espiritualidade; e sua relevância para o preparo ético e profissional. Na IES confessional, 80,9% dos formandos responderam ter estudado o tema em uma disciplina da grade obrigatória que discute ciência e fé, bem como em eventos e palestras sobre a laicidade da psicologia e nos contextos de estágio e formação clínica. Na perspectiva dos estudantes, a disciplina direcionada ao estudo da religião não aborda a temática da espiritualidade diretamente e a indicam como insuficiente, porém valorizam o espaço para conhecer diferentes religiões e o enfoque em discussões sobre tolerância, ética e moral. Na IES pública, 45% dos formandos responderam ter estudado sobre espiritualidade na graduação, indicando discussões em sala, orientação clínica e em disciplinas de filosofia, psicanálise, analítica, entre outras. Contudo, a análise sugere que tratar do assunto resume-se em tangenciar o tema em algumas disciplinas e contextos.

Com base na Psicologia Analítica, Nascimento (2017) analisou a perspectiva de professores-supervisores e estudantes estagiários de clínica sobre as diferenças entre religião, religiosidade e espiritualidade e identificou como principais símbolos do campo semântico: a) a religião como mito religioso, representação de caráter sagrado, rito e cerimônias com símbolos sagrados vinculados à totalidade do ser; b) religiosidade como voltada a rituais de instituições religiosas e vinculada à crença intrínseca e/ou extrínseca sobre a prática religiosa; e c) espiritualidade como busca individual pelo sagrado independente da religião e da religiosidade; e os símbolos totalidade do ser, Deus e sagrado como passíveis de associação ao self ou centro de personalidade do indivíduo. A autora observa que nos três cursos, o simbolismo acerca da psicoterapia na perspectiva dos estagiários se pauta na laicidade e que há uma interface maior entre psicologia, religião e religiosidade do que entre psicologia e espiritualidade. A relação entre religião do terapeuta e religião do paciente se mostra pautada no discurso, princípios e orientações do Sistema Conselhos de Psicologia, no que tange ao privativo, e ao que é proibido à prática psicológica e a laicidade da psicologia. Sobre os contextos de intervenção na clínica psicológica, o tema religião é descrito como frequente na experiência dos estagiários; há uma preocupação iminente com a neutralidade e a ausência de julgamentos; a noção de que a religião pode ser prejudicial à saúde mental e também o uso do conhecimento religioso pessoal e/ou oferecidas pelo paciente para compreender as demandas de sentido. O estudo enfatiza a importância do trabalho pessoal aliado ao estudo teórico e à

supervisão para que os profissionais e os psicólogos em formação encontrem equilíbrio e amparo frente à relação religião e psicoterapia.

2.3. Eixos Temáticos

A análise qualitativa dos dados revisados resultou na sistematização descritiva das crenças e perfil de E/R da amostra e na apreensão de elementos e estruturas associados à experiência vivida dos estudantes no contexto da relação entre crenças pessoais, ciência psicológica e formação profissional.

2.3.1. Crenças pessoais, espiritualidade e saúde mental

A maioria dos estudantes da amostra declara-se religiosa, com frequência maior de católicos, seguida de evangélicos e espíritas. Dentre os sem religião, a maioria descreve-se como espiritualizado ou crente em alguma forma de transcendente, com baixa representatividade de ateus nos estudos. A representação de Deus como Força, Energia ou Entidade Superior se destaca nos discursos de crentes e não crentes. A religião é definida como dimensão humana; crença em Deus ou como uma experiência emocional. A religiosidade aparece como experiência voltada à religião, que estrutura individualmente e socialmente essa dimensão. A espiritualidade, igualmente aparece como dimensão humana, e com frequência, como ligada ao indivíduo, à experiência individual com as crenças pessoais ou consigo mesmo, podendo ou não estar relacionada à religião institucionalizada ou à religiosidade.

Os achados associados à saúde indicam escores altos de qualidade de vida e moderados de bem-estar espiritual; correlações significativas entre as dimensões qualidade de vida, bem-estar espiritual e atitude religiosa (C. C. da Costa et al., 2008; Vieira et al., 2013) e entre saúde mental e bem-estar espiritual (C. C. da Costa et al., 2008; Gastaud et al., 2006).

3.3.2. Ciência psicológica e religião: a psicologia explica

Experiências de conflito e contradição com a relação entre crenças pessoais e ciência psicológica foram relatadas na maioria dos estudos revisados. Tais vivências independem da religião de pertencimento ou tipo de crença, sendo mencionadas também por participantes sem religião. Os resultados indicam que os estudantes encontram dificuldades em relacionar experiências, dogmas e crenças com os conteúdos aprendidos no curso; podem modificar as

formas de compreender e significar os fenômenos religiosos e as próprias vivências; e até mesmo romper com as crenças e/ou religião de origem.

Por outra via, os dados igualmente sugerem que as estruturas de E/R dos estudantes podem ajudar a ressignificar dissociações e conflitos, o que ocorre quando buscam assimilar conteúdos convergentes à fé, como na opção por abordagens psicológicas específicas; quando a psicologia se torna um instrumental colaborativo no desenvolvimento da espiritualidade pessoal ou quando a psicologia serve como instrumental em favor das crenças ou religião pessoal. Tais resultados são equivalentes com os relatos de que psicologia e religião possuem objetivos comuns, e por isso podem atuar paralelamente ou, como observado nas vivências descritas inicialmente, de que se anulam mutuamente, não podendo ser articuladas. A relação, interesse ou opção por uma abordagem psicológica também pode compor essa problemática. Observa-se a busca por linhas teóricas compatíveis com as crenças ou não crenças e que o estudo da Psicanálise pode estar associado à vivência de conflito e à menor bem-estar espiritual.

3.3.3. Quando o assunto é religião na formação do psicólogo

3.3.3.1. Universidade e sala de aula

Todos os estudos qualitativos observaram o discurso de que há um distanciamento entre psicologia e religião no ambiente acadêmico e de que temas relacionados não são abordados na graduação. Relatam sentir desconforto e constrangimento ao expor suas crenças pessoais no espaço universitário e entre seus colegas. Outra estrutura recorrente é a menção sobre a posição dos professores e supervisores de estágio clínico sobre a religião e a espiritualidade humana. Os estudantes relatam com frequência o modo como os docentes tratam o assunto e acabam por interferir na articulação entre a vivência de E/R dos alunos e os conteúdos da psicologia. A crítica na maioria dos relatos se refere a um posicionamento interpretado como negativo, quando os docentes veiculam visões contraproducentes sobre essa faceta da experiência humana ou simplesmente se calam, não oportunizando o diálogo.

No contexto das IES confessionais, observou-se o indicativo por parte dos estudantes de que as disciplinas de religião ofertadas na grade obrigatória contribuem com conhecimentos sobre as religiões e as religiosidades e com uma visão mais ampla e ética sobre essa esfera da dimensão humana. Disciplinas voltadas ao estudo da experiência religiosa e/ou provenientes da Psicologia da Religião e da Espiritualidade não foram mencionadas nos resultados de nenhum dos estudos.

3.3.3.2. Profissão e ética: a neutralidade na prática

A maioria dos formandos da amostra já havia se deparado com o tema em seus atendimentos clínicos como estagiários de psicologia. Observa-se, ainda que por menções bastante simplistas, que os estudantes avaliam a E/R como uma dimensão importante na vida de seus pacientes, que compõem a totalidade ou a cultura humana e que pode apresentar-se tanto de forma positiva quanto negativa. Contudo, a menção de dificuldade, insegurança, preocupação e medo quando o assunto aparece na clínica evidencia-se nos resultados dos estudos qualitativos. Os relatos incluem questionamentos sobre a postura ética adequada (escuta e integralidade do sujeito versus a neutralidade do terapeuta); medo de influenciar o paciente, revelar a religião pessoal e não saber lidar com suas próprias crenças; falta de conhecimento e manejo teórico-clínico; e a dificuldade ou impedimento de abordar tais questões nas supervisões.

3. Discussão

A revisão identificou um número reduzido de estudos sobre a experiência religiosa de estudantes no contexto da formação do psicólogo, especialmente quando comparado aos resultados iniciais da busca nas bases de dados e à literatura sobre formação em psicologia⁴.

Ainda que a seleção de publicações buscasse estudos empíricos, observou-se a inexistência de artigos teórico-críticos sobre o tema. A carência de estudos, e consequente discussão a respeito dos problemas e desafios apresentados, se evidenciam tanto no número escasso de artigos quanto na representatividade das teses e dissertações observada nesta revisão. Embora quase a totalidade desses últimos não esteja publicada em formato de artigo, o que ampliaria as possibilidades de divulgação e debate, ressalta o interesse e inquietação de psicólogos ao voltarem-se para assuntos pertinentes à experiência de estudantes e à formação profissional de psicoterapeutas no contexto da pós-graduação⁵.

⁴ Uma busca na base de dados BVS com o termo “formação do psicólogo” resulta em 403 publicações voltadas aos mais diferentes contextos, eixos e estruturas relacionadas ao ensino e preparo profissional do psicólogo no Brasil, especialmente no campo da Saúde, visto a base ser direcionada a essa área (<http://brasil.bvs.br/>, recuperado em 24, abril, 2018). Uma busca rápida nesses textos com o recurso localizar palavras indica a completa ausência dos termos religião e espiritualidade nessa literatura.

⁵ Nos tópicos de Apresentação das teses e dissertações é possível obter informações sobre o interesse e justificativa pessoal dos pesquisadores. Chama atenção que além da experiência como docentes e supervisores (Pinho, 2012; Gandelman, 2013; Nascimento, 2017), alguns psicólogos também justificam a escolha por terem pessoalmente se deparado com problemas e dificuldades na prática como psicoterapeutas, quando o tema religião aparece (Souza, 2014; Pinho, 2012; Ferreti, 2010; Nascimento, 2017). Além disso, todos os três artigos são fruto

Também sobre a categorização das publicações revisadas, destaca-se a importância das IES confessionais e a pequena representação das IES públicas no desenvolvimento desses estudos. Tais resultados condizem com o papel histórico das instituições de confissão católica na disseminação da PR no país (Paiva, 2017b; Paiva et al., 2009), ainda que as Universidades públicas apareçam como primeiras colocadas no ranking de publicações em saúde e E/R (Moreira-Almeida, A.; Lucchetti, 2016). Por outra via, essa diferença também atesta a crítica de Marques (2013) sobre a condição de distanciamento das IES brasileiras, especialmente as públicas, para com a dimensão espiritual dos estudantes universitários. Nesse sentido, evidenciam-se os resultados encontrados por Cavalheiro (2010) nos grupos focais com formandos de instituição pública e confessional, quando os primeiros, além de apresentarem os menores índices de bem-estar espiritual entre estudantes de todo o Estado, sugerem uma perspectiva bastante limitada sobre a relação da psicologia com a religião e da espiritualidade humana com a saúde física e mental.

Posto que os dados da amostra investigada nesta revisão não podem ser generalizados, observa-se que a maioria dos estudantes afirma pertencer a uma religião⁶, resultado que condiz com as características apresentadas pelo Censo 2010 sobre a autodeclaração de religião ou culto do jovem brasileiro, quando cerca de 90% da população na faixa etária entre 15 e 24 anos respondem pertencer a alguma religião (IBGE, 2010). Sob o mesmo prisma, estudos recentes realizados com estudantes da área da saúde, como enfermagem, medicina, biomedicina, terapia ocupacional e fisioterapia, indicam uma população também religiosa, que declara pertencer e praticar atividades religiosas ou acreditar em Deus (Borges, Anjos, Oliveira, Leite & Lucchetti, 2013; Espinha, Camargo, Silva, Pavelqueires & Lucchetti, 2013; Lucchetti, Oliveira, Koenig, Leite & Lucchetti, 2013; Tomasso, Beltrame & Lucchetti, 2011; Zanetti et al., 2018). A importância e representação da religião e da espiritualidade na história de vida do jovem brasileiro (Novaes, 2006, 2013), e consequentemente daqueles que escolhem a profissão de psicólogo ainda nesta fase, já legitima a crítica e o valor da discussão sobre a pertinência do tema religião e espiritualidade na graduação.

Os resultados relacionados a saúde e qualidade de vida dos estudantes se assemelham aos estudos que apontam associação positiva dessas dimensões com a E/R (Koenig, 2012;

do trabalho de conclusão de curso dos primeiros autores, ou seja, muito possivelmente, fruto da reflexão e problematização de estudantes no contexto ainda de suas formações.

⁶ Com exceção dos estudos de Gastaud et al., (2006), Cavalheiro (2010) e Silva (2016) que não apresentam dados sobre pertencimento religioso.

Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck, 2007) e remetem a sua importância na saúde mental de jovens universitários como fator de proteção para transtornos mentais e sofrimento psíquico, tema que também carece de mais investigações (Carlotto, 2013; Neves & Dalgalarrodo, 2007). Quanto aos índices pontuados na EBE, a incidência de escores moderados de bem-estar espiritual nos quatro estudos chama atenção quando comparados a pesquisas realizadas com outros estudantes universitários (Volcan et al., 2003) e com estudantes e profissionais da área da saúde (Pedrão & Beresin, 2010; R. de P. Silva, de Souza, Nogueira, Moreira & Chaves, 2013). Os acadêmicos de psicologia tendem a ter escores menores; e formandos podem apresentar níveis ainda mais baixos de bem-estar espiritual que calouros (Cavalheiro & Falcke, 2014). Lévano (2012), encontrou resultados equivalentes em estudo transcultural com estudantes de psicologia de primeiro ano no Peru, República Dominicana, Bolívia e Argentina, com escores moderados de bem-estar espiritual nos três primeiros países e escores baixos para estudantes argentinos.

Tais resultados sinalizam tanto para características peculiares à ciência psicológica e as ciências humanas como um todo, quanto para possíveis influências do curso de psicologia na vivência de crenças e espiritualidade dos estudantes. Dado os problemas anteriormente introduzidos e já assinalados nos resultados desta revisão, fica evidente que a relação por vezes complexa da psicologia com a religião e as consequentes limitações e insuficiências da formação, podem favorecer o declínio do sentido positivo de bem-estar espiritual daqueles que adentram este campo. Corrobora com essa argumentação o indicativo de que a psicanálise como abordagem teórica está associada a níveis ainda menores de bem-estar espiritual e a vivências de conflito no curso (Cavalheiro & Falcke, 2014; Vieira et al., 2013); e a histórica patologização e reducionismo da experiência religiosa, amplamente disseminada por uma psicologia afeita ao senso comum⁷, mas que ainda se faz presente nas salas de aula dos cursos de psicologia do país (Freitas & Vilela, 2017; Neubern, 2013; Vergote, 2001).

No âmbito da relação formação científica versus crenças espirituais/religiosas, evidenciam-se nos resultados as experiências de conflito e as dificuldades encontradas pelos estudantes tanto na dimensão pessoal quanto na esfera do preparo profissional. A busca por

⁷ Como psicologia do senso comum, nos referimos aqui a enunciados, pré-conceitos ou mesmo chavões que circulam salas de aula, corredores e meios relacionadas à psicologia. Enunciados como “Deus está morto” e “religião é neurose obsessiva”, que embora tenham origem em teóricos e textos clássicos da filosofia e da psicologia, raramente são estudados em profundidade pelos estudantes, condição até mesmo de muitos professores. Devido à frequência com que são repetidos, conceitos e frases soltas ditas superficialmente, rapidamente se tornam “verdades”, assim como no meio popular, de onde provém o que nós do meio científico discriminamos e denominamos senso comum.

referenciais compatíveis com as crenças ou não crenças, ou mesmo por aqueles mais “científicos”, parece sinalizar para um nível não apenas de conflito, mas de uma confusão conceitual a respeito de planos devidamente distintos como os da religião e da racionalidade científica. Como coloca Freitas (2007), a percepção de uma rivalidade entre os saberes científico e religioso durante os anos de curso gera impactos subjetivos, afetivos e cognitivos na vida dos estudantes, que se expressam no conflito intrapessoal entre a experiência religiosa e a psicologia; na insegurança ou dúvida entre a explicação científica ou espiritual para fenômenos antes compreendidos como da ordem do religioso; na preocupação ética em relação à própria postura profissional diante de futuros pacientes religiosos ou ateus; e no conflito interpessoal com professores, colegas e familiares.

Conforme os resultados observados na revisão, as dificuldades e contradições vividas na formação científica parecem desembocar na realidade da prática profissional dos estudantes, dado que a maioria dos formandos que colaboraram com os estudos já haviam se deparado com o tema em seus atendimentos. As experiências transcritas nas teses e dissertações revisadas mostram futuros psicólogos que compreendem a importância da espiritualidade humana, porém, guardam questionamentos importantes sobre seu fazer, sentem medo e insegurança. Assim como na sala de aula, não sabem ao certo o que farão com sua E/R na clínica, nem mesmo com a de seus pacientes.

Nesse cenário, colocam em prática o que aprenderam: o silêncio e a esquivia, ou, dito de outra forma, a neutralidade – noção absolutamente discutível e criticada pelas epistemologias contemporâneas. Embora esse seja o discurso mais presente, diferentemente, alguns estudantes parecem admitir o valor e os benefícios de sua espiritualidade no acolhimento e escuta dos pacientes, quando tendem a usar mais seus conhecimentos e experiências espirituais/religiosas para compreender seus pacientes, visto que mantiveram em aberto, até o momento do estágio, as dificuldades subjetivas e cognitivas em assimilar a relação das teorias psicológicas com a experiência religiosa. Estudantes de enfermagem e medicina também relatam se sentirem inseguros diante da tarefa de abordar ou acolher uma demanda religiosa, por terem medo de influenciar o paciente com suas próprias crenças, por falta de conhecimento ou por não se sentirem preparados (Espinha et al., 2013; Lucchetti et al., 2013; Maftum, Souza & Bais, 2008). Poucos estudantes desse grupo respondem recorrer à literatura científica para buscar conhecimentos sobre a relação entre espiritualidade e saúde, e um número representativo deles, afirma buscar esses conhecimentos dentro de sua própria religião.

Disciplinas voltadas ao estudo da experiência religiosa e/ou provenientes da PR não foram mencionadas nos resultados de nenhum dos estudos. Mesmo diante do crescimento da literatura científica sobre religião, espiritualidade e saúde mental, as dificuldades e limitações dos estudantes apresentadas nos resultados revelam a distância desses conhecimentos no nível da graduação em psicologia. Como destaca Ancona-Lopez (2005), o desconhecimento de estudos na área da PR, aliado ao preconceito existente no ambiente científico contra a religião, inviabiliza a discussão aberta do assunto entre estudantes e professores, dificultando uma estruturação pessoal e profissional de um tema naturalmente complexo.

A crise subjetiva vivenciada pelos estudantes, em si mesma, necessariamente não deve ser interpretada como um problema, visto que tais experiências fazem parte do desenvolvimento pessoal, psicológico e religioso, especialmente quando se trata de novos conhecimentos e experiências, – estejam elas relacionadas à ciência, à fé ou à história de vida da pessoa (Amatuzzi, 2015; Paiva, 2000). Como argumenta Freitas (2007), é desejável que se desenvolva no estudante a capacidade de revisão crítica e ética de pressupostos dogmáticos, num nível que contribua para sua formação profissional como psicólogo, sem que essa revisão seja confundida e sujeitada por um cientificismo ideológico ou defensivo, entretanto.

É nesse sentido último, que se assenta a problemática mais inquietante encontrada nos resultados desta revisão e já anteriormente identificada por outros autores (Ancona-Lopez, 2005; Freitas, 2016; Paiva, 2017a, 2017b), – o distanciamento e silenciamento do tema religião durante os anos de formação. Participantes em todos os estudos qualitativos relataram experienciar essa realidade no curso, e também no levantamento realizado por (Vieira et al., 2013), que identificou vivências nesse sentido relacionadas à sala de aula e em relação aos comportamentos e atitudes de professores. Percepções e relatos muito semelhantes foram observados em estudo anterior realizado com 60 estudantes de psicologia de uma IES pública, quando além de perguntas sobre experiências em sala de aula, foram feitas questões sobre vivências de crenças ou não crenças religiosas no ambiente acadêmico (Pereira & Holanda, 2016). Expressões marcantes como, “é difícil falar desse assunto, sendo um cristão, dentro desse prédio” (p. 403), experiências de desrespeito, desdém e preconceito, e a noção de que a academia é um espaço ateu, portanto um “território limitado da ciência” (p. 402) narram os resultados desse estudo e, ousa-se dizer, a realidade experimentada por estudantes dos mais diferentes cursos de psicologia no país.

Diante deste cenário, questiona-se, sobretudo, a natureza de uma psicologia que não escuta e silencia, não acolhe subjetividades e mesmo pessoas. Questiona-se o tipo de ciência,

que por ainda parecer requerer seu lugar e distinção da religião, se ausenta e recusa investigar um fenômeno elementar de seu objeto, se precavendo assim, da irracionalidade e do intangível do ser religioso.

4. Considerações finais

Nesta revisão, foram apresentados os principais resultados de 11 pesquisas realizadas com graduandos de psicologia sobre a relação entre suas vivências de E/R e a formação de psicólogo. Ainda que os resultados desses estudos não possam ser generalizados para toda uma população de estudantes, a extensão da amostra estudada permite identificar vivências e percepções contínuas; conflitos, dificuldades e preocupações comuns a estudantes de diferentes regiões do Brasil.

Mesmo diante das repercussões e polêmicas propagadas na mídia e redes sociais (Freitas & Piasson, 2015), e das intervenções e iniciativas do conselho profissional (CFP, 2013; CRP/SP, 2015) sobre a interface religião e atuação do psicólogo, um importante personagem desse cenário parece permanecer esquecido. O número bastante reduzido de publicações identificadas para esta revisão e demais implicações apontadas nos resultados, sinalizam para um problema pouquíssimo discutido no meio acadêmico, bem como, evidenciam a emergência de uma abertura ética e consciente para o tema na formação do psicólogo brasileiro.

Algumas limitações observadas neste trabalho devem-se as diferenças metodológicas entre estudos quantitativos e qualitativos. No intuito de sistematizar resultados, alguns dados precisaram ser suprimidos, sendo que uma análise individualizada dos grupos poderia oferecer resultados mais específicos de acordo com as peculiaridades desses tipos de pesquisa. Sobre as particularidades dos estudos, tem-se que a categorização da amostra poderia ser mais completa, visto que três estudos quantitativos não apresentaram dados sobre pertencimento religioso. Juntos, esses estudos representam mais da metade da amostra estudada na revisão. Assim, fica em aberto o perfil religioso desses estudantes e a representação de colaboradores sem religião, ateus e agnósticos na amostra geral, especialmente porque no caso dos estudos qualitativos, o interesse e envolvimento de estudantes que professam uma crença tende a ser maior. Na sistematização dos dados, também não foi possível analisar diferenças entre estudantes de IES públicas, privadas e confessionais, bem como entre calouros e formados, isso porque alguns estudos não informaram a categoria administrativa das IES participantes e

também pelos diferentes tipos de metodologias aplicadas, o que impossibilitou muitas comparações.

Como sugestão de novos estudos, destaca-se a importância de levantamentos multicêntricos, como os desenvolvidos por Espinha et al. (2013) e Lucchetti et al. (2013) na enfermagem e medicina, respectivamente, com enfoque nas especificidades da formação em psicologia, mas também, como nesses estudos, na relação entre a atuação profissional em saúde e a interface com E/R dos pacientes. Avalia-se também a importância de estudos de base qualitativa e quantitativa que explorem como estudantes de psicologia compreendem e conceituam os termos religião, espiritualidade e religiosidade, tema abordado diretamente por apenas um dos estudos revisados. Estudos longitudinais ou transversais com calouros e formandos que investiguem as possíveis mudanças e influências da formação nas crenças espirituais/religiosas e na relação institucional com as religiões de origem dos estudantes; e na mesma linha, investigações sobre possíveis diferenças na formação de acadêmicos de IES públicas, privadas e confessionais, dado as peculiaridades e diferenças ideológicas e políticas dessas instituições. Por fim, sugere-se o desenvolvimento de revisões de literatura como essa, que contemplem a literatura internacional sobre o eixo formação do psicólogo, religião e espiritualidade, e textos teórico-críticos, que objetivem ampliar as reflexões, discussões e as possíveis saídas para o problema aqui explorado.

Referências

- Ancona-Lopez, M. (2005). A espiritualidade e os psicólogos. In M. M. AmatuZZi (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 147–159). São Paulo, SP: Paulus.
- Ancona-Lopez, M. (2007). As crenças pessoais e os clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez (Eds.), *Temas em Psicologia da Religião* (pp. 187–2010). São Paulo, SP: Vetor.
- Ancona-Lopez, M. (2008). Religião na constituição da subjetividade: psicólogos e seus clientes. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 69–102). São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Angerami, V. A. (2008). Religiosidade e psicologia: a contemporaneidade da fé religiosa nas lides acadêmicas. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 1–41). São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Belzen, J. A. (2009). Psicologia Cultural da Religião: perspectivas, desafios, possibilidades. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 4, 1–29. Retirado de http://pucsp.br/rever/rv4_2009/t_belzen.pdf

- Borges, D. C., Anjos, G. L. dos, Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Lucchetti, G. (2013). Saúde, espiritualidade e religiosidade na visão dos estudantes de medicina. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 11(1), 6–11. Retirado de <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3380.pdf>
- Carlotto, R. C. (2013). Espiritualidade e sintomatologia depressiva em estudantes universitários brasileiros. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(2), 50–60. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a04.pdf>
- Carneiro, J. D. G. (2008). *Experiência espiritual e psicopatologia: a percepção de professores de psicopatologia* (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Universidade Católica de Brasília.
- Carrete, J. R. (2012). Retorno a James: psicologia, religião e a amnésia da neurociência. In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva (Eds.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para psicologia* (pp. 21–54). Brasília-DF: Universa.
- Cavalheiro, C. M. F. (2010). *Espiritualidade na clínica psicológica: um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Retirado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>
- Cavalheiro, C. M. F. & Falcke, D. (2014). Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(1), 35–44. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000100004>
- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2013). Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade. Retirado de <https://bit.ly/2mIpJ1L>
- Costa, W., Nogueira, C. & Freire, T. (2010). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need for reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9255-9>
- Costa, C. C. da, Bastiani, M. de, Geyer, J. G., Calvetti, P. Ü., Muller, M. C. & Moraes, M. L. A. de. (2008). Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 249–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200007>
- Conselho Regional de Psicologia – CRP/SP. (2015). Relatório síntese das discussões dos seminários estaduais Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. São Paulo, SP. Retirado de <https://bit.ly/2NMuXVL>
- Esperandio, M. R. G. & August, H. (2017). A pesquisa quantitativa em Psicologia da Religião no Brasil. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 49–67. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS03>
- Esperandio, M. R. G. & Marques, L. F. (2015). The Psychology of Religion in Brazil. *International Journal for the Psychology of Religion*, 25(4), 255–271. doi: <https://doi.org/10.1080/10508619.2014.952189>

- Espinha, D. C. M., Camargo, S. M. de, Silva, S. P. Z., Pavelqueires, S. & Lucchettie, G. (2013). Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e Religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(4), 98–106. doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-1447201300040001>
- Esteves, M. C. S. (2009). *Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de Psicologia* (Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15832>
- Ferreti, M. L. C. (2010). *Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Retirado de <http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/dis.MaraFerretti.pdf>
- Freitas, M. H. de. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach* (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, M. H. de. (2007). Quando o silêncio transborda, “calaboca” já morreu: religiosidade, cientificidade e formação em psicologia. In M. H. de Freitas & O. P. Pereira (Eds.), *As vozes do silenciado: estudos nas fronteiras da antropologia, filosofia e psicologia* (pp. 187–205). Brasília-DF: Universa.
- Freitas, M. H. de. (2012). Religiosidade na experiência de atuação psi: sintoma ou saúde? In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva (Eds.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para psicologia* (pp. 191–229). Brasília-DF: Universa.
- Freitas, M. H. de. (2016). Por que, para que e para quem este livro? [Prefácio]. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti & S. H. N. Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 9–18). Curitiba, PR: Juruá.
- Freitas, M. H. de. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade? *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 89–107. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS04>
- Freitas, M. H. de & Piasson, D. L. (2015). Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. *Revista Esferas*, 5(8), 103–112. doi: <http://dx.doi.org/10.19174/esf.v1i8.7909>
- Freitas, M. H. de & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95–107. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011
- Gandelman, T. C. (2013). *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação de psicólogo* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>

- Gastaud, M. B., Souza, L. D. D. M., Braga, L., Horta, C. L., Oliveira, F. M. De, Sousa, P. L. R. & Silva, R. A. Da. (2006). Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: estudo transversal. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(1), 12–18. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000100003>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.ibge.gov.br>
- Koenig, H. G. (2012). Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications. *International Scholarly Research Network - ISRN Psychiatry*, 2012, (não paginado). doi: <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Lévano, A. C. S. (2012). *Efectos del bienestar espiritual sobre la resiliencia en estudiantes universitarios de Argentina, Bolivia, Perú y República Dominicana* (Tesis de Doctorado, Unidad de Post-Grado, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú). Retirado de <http://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/cybertesis/3293>
- Lucchetti, G., Oliveira, L. R. de, Koenig, H. G., Leite, J. R. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Medical students, spirituality and religiosity-results from the multicenter study SBrame. *BMC Medical Education*, 13(1). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-13-162>
- Machado, A. R. (2009). *Supervisões e temas da religião: experiência de acolhimento* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15925>
- Maftum, M. A., Souza, J. R. de & Bais, D. D. H. (2008). O cuidado de enfermagem em face do reconhecimento da crença e/ou religião do paciente: percepções de estudantes de graduação. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3), 1–9. doi: <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20081525>
- Marques, L. F. (2013). Desafios da integração da espiritualidade no Ensino Superior. In M. H. de Freitas, G. J. de Paiva & C. de Moraes (Eds.), *Psicologia da Religião no mundo contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade* (pp. 219–240). Brasília-DF: EdUCB.
- Marques, L. F. & Rigo, R. M. (2016). A produção científica atual (2008-2014) em Psicologia da Religião e da Espiritualidade no Brasil. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti & Sérgio Henrique Nunes Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 19–41). Curitiba, PR: Juruá.
- Marques, L. F., Sarriera, J. C. & Dell’Aglío, D. D. (2009). Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE). *Avaliação Psicológica*, 8(2), 179–186. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200004
- Mata, S. da. (2010). *História & Religião*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Mauro Martins Amatzuzi. (2015). *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade*

nas fases da vida. São Paulo, SP: Ideias & Letras.

- Moreira-Almeida, A.; Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência & Cultura*, 68(2), 54–57. doi: <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>
- Moreira-Almeida, A., Koenig, H. G. & Lucchetti, G. (2014). Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(2), 176–182. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>
- Nascimento, A. K. da C. (2017). *Religiosidade, espiritualidade e psicoterapia na formação acadêmica do psicólogo* (Tese de Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco). Retirado de http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1280
- Neubern, M. da S. (2013). *Psicoterapia e espiritualidade*. Belo Horizonte, MG: Diamante.
- Neves, M. C. C. & Dalgallarrondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 4(56), 237–244. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001>
- Novaes, R. (2006). Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In F. Texeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 135–160). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Novaes, R. (2013). Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *Religiões em movimento: o Censo 2010* (pp. 175–190). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, G. G. & Oliveira, A. M. de. (2012). Modernidade, (des)secularização e pós-secularismo nos debates atuais da sociologia da religião. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, 1(1), 24–45. Retirado de <http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/109/216>
- Oliveira, M. P. de. (2010). *Líderes religiosos cristãos e a formação em psicologia: os significados da busca pela formação em psicologia e seus efeitos na prática eclesial* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14991>
- Paiva, G. J. de. (1990). Psicologia da Religião na Europa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42(ju/ago), 88–99.
- Paiva, G. J. de. (2000). *A religião dos cientistas: uma leitura psicológica*. São Paulo, SP: Loyola.
- Paiva, G. J. de. (2017a). Invited Paper – Um passo atrás: minha caminhada em Psicologia da Religião. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 17(1), 10–17. doi: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol17i1a2>
- Paiva, G. J. de. (2017b). Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 31–48. doi: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol9i1a2>

<https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>

- Paiva, G. J. de, Zangari, W., Verdade, M. M., Paula, J. R. M. de, Faria, D. G. R. de, Gomes, D. M., ... Gomes, A. M. de A. (2009). Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 441–446. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300019>
- Paloutzian, R. F. (2017). Psychology of Religion in the World. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 15. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS01>
- Paloutzian, R. F. & Elisson, C. W. (1982). Loneliness, spiritual well-being and the quality of life. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness, a sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 224–237). Nova York, US: Wiley.
- Panzini, R. G., Rocha, N. S. da, Bandeira, D. R. & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 105–115. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>
- Pedrão, R. B. & Beresin, R. (2010). O enfermeiro frente à questão da espiritualidade. *Einstein*, 8(1), 86–91. Retirado de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1208-Einsteinv8n1_p86-91_port.pdf
- Pereira, K. C. L. & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>
- Piasson, D. L. (2017). *O Senso Religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília). Retirado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2330>
- Pinho, R. B. de S. (2012). *Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15114>
- Reuniões do GT “Psicologia & Religião.” (2016). Maceió (AL). Retirado de http://www.anpepp.org.br/images/ANPEPP/simposios/pdf/relatórios_gts_2016/GT_56.pdf
- Silva, A. F. S. (2010). *Conexões e distinções entre experiências e psicopatologia na percepção de psicólogos recém-formados*. Universidade Católica de Brasília, DF.
- Silva, R. de P., de Souza, P., Nogueira, D. A., Moreira, D. da S. & Chaves, E. de C. L. (2013). Relação entre bem-estar espiritual, características sociodemográficas e consume de álcool e outras drogas por estudantes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(3), 191–198. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000300003>
- Silva, L. A. C. da. (2016). *Espiritualidades e Bem-estar Espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife/PE à luz da Abordagem Integral/Transpessoal* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade

Federal de Pernambuco). Retirado de <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18066>

- Souza, F. F. de. (2014). *Psicologia e espiritualidade – grupo temático com alunos adventistas de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15381>
- Tomasso, C. de S., Beltrame, I. L. & Lucchetti, G. (2011). Conhecimentos e atitudes de docentes e alunos em enfermagem na interface espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 19(5), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500019>
- Vergote, A. (2001). Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In G. J. de Paiva (Ed.), *Entre necessidade e desejo. Diálogos da Psicologia com a Religião* (pp. 9–24). São Paulo, SP: Loyola.
- Vieira, T. M., Zanini, D. S. & Amorim, A. de P. (2013). Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 17(2), 141–151. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>
- Volcan, S. M. A., Sousa, P. L. R., Mari, J. de J. & Horta, B. L. (2003). Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Revista de Saúde Pública*, 37(4), 440–445. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000400008>
- Zanetti, G. C., Lemos, G. L., Gotti, E. S., Tomé, J. M., Silva, A. P. da & Rezende, E. A. M. R. de. (2018). Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da Saúde e Humanas (ligadas à Saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(1), 65–72. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20160044>

SEÇÃO II

ESTUDO EMPÍRICO

APRESENTAÇÃO DO ESTUDO EMPÍRICO

O estudo apresentado nesta sessão consiste na pesquisa realizada com estudantes de psicologia de quatro Instituições de Ensino Superior (IES), sendo uma instituição pública, duas privadas e uma confessional. O intuito de selecionar uma amostra em instituições de diferentes categorias administrativas tem caráter exploratório e como proposição investigar possíveis diferenças nas vivências, experiências e perfil de espiritualidade/religiosidade dos graduandos ao longo da formação. Como hipótese central, considera-se que diferenças institucionais de ordem ideológica e identitária, comuns aos distintos tipos de IES aqui observados, podem, em certo nível, influenciar vivências, percepções e mesmo a declaração de pertencimento religioso dos estudantes. Nessa acepção, ressalta-se quanto às IES confessionais o compromisso e a vinculação direta com uma confissão religiosa, e com a religião e/ou espiritualidade como construto; de forma oposta, as instituições públicas, com tenacidade, se distinguem pela lógica de um secularismo e laicismo, — autonomia essa que a afasta do religioso; e no caso das IES privadas, a ausência de uma premissa ou compromisso como aqueles assumidos pela privada confessional ou pela pública, visto que não possui como mantenedora o Estado ou uma instituição religiosa.

Trata-se de um estudo descritivo, de recorte transversal e de natureza quantitativa e qualitativa. O instrumento de coleta é do tipo survey, e a amostra não-probabilística, o que impede a generalização dos resultados. Devido ao volume de dados e diferenças metodológicas, a sessão foi dividida em dois textos, sendo inicialmente apresentado o estudo quantitativo, seguido do qualitativo. O material elaborado prima, sobretudo, pela apresentação completa dos principais resultados do estudo e das metodologias utilizadas, o que de forma indireta compete com a proposição de documentos em formato de artigo, especialmente pela extensão dos textos. O primeiro artigo contempla as etapas gerais do estudo, como procedimentos éticos e coleta dos dados, mais os resultados do estudo quantitativo; enquanto no segundo artigo têm-se as etapas e procedimentos específicos ao estudo qualitativo. Os estudos têm objetivos distintos, descritos em seus respectivos desenvolvimentos.

Em razão do volume de dados, o estudo empírico apresentado neste trabalho parte de uma perspectiva mais descritiva e menos analítica. O instrumento utilizado e tamanho da amostra coletada resultou em um volume de material bastante grande, o que demandará etapas de análise mais específicas e, inclusive, outras pesquisas. Todavia, também justifica o modelo

adotado, o limite de tempo estabelecido para o desenvolvimento do presente trabalho, assim como, os diferentes obstáculos não antecipados no cronograma da pesquisa⁸.

⁸ Com respeito ao tempo para aprovação do estudo em quatro comitês de ética, agenda e cronograma das coordenações de curso das instituições participantes e diferentes problemas com suporte e assessoria estatística durante o processo de análise dos dados.

ARTIGO III

ESTUDO QUANTITATIVO: O PERFIL DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE DO ESTUDANTE E A FORMAÇÃO COMO PSICÓLOGO

Introdução

Dados do último recenseamento mostram que 10,5% dos jovens na faixa etária entre os 18 e 24 anos se declaram sem religião (IBGE, 2010). Para estudiosos das ciências sociais, esse fenômeno pode ser interpretado como sinais de mudanças “secularizantes” (Novaes, 2006, 2013; Tavares & Camurça, 2010); mudanças essas que não carregam propriamente o sentido de uma falência da religião, mas que, como sinais de um novo tempo, indicam a força de novas configurações, sentidos e experiências religiosas que podem ser experimentadas pelos jovens de um mundo globalizado. Importante ressaltar que dizer-se sem religião na atualidade não significa apenas ser ateu, descrente ou desinstitucionalizado, mas também espiritualizado, místico, esotérico, buscador, eclético e outros (Novaes, 2006).

Na outra ponta, há os outros 89,5% que se declaram católicos, evangélicos, espíritas, de outros credos e sincretismos (IBGE, 2010). Representados pela população brasileira, a maioria dos jovens parecem seguir a tradição religiosa da família, quando os índices dos principais grupos religiosos da amostra populacional se replicam de forma muito semelhante também entre os mais jovens. Embora o declínio do percentual de católicos, grupo majoritário no país, seja um dado de realidade nas últimas décadas, também não se pode negar que a grande massa da população se mantém sob a influência dessa cultura e de outras matrizes cristãs (Pierucci, 2006), o que devidamente inclui os jovens brasileiros.

Como evidência dessa influência, entre os jovens sem afiliação religiosa muitos respondem acreditar em Deus, mas não ter religião, o que também significa dizer católico não praticante, frequentador de terreiro de umbanda, do candomblé e de centro espírita (Novaes, 2006). Ainda, acreditar em Deus, mas não ter religião, assim como dizer-se ateu ou agnóstico, também pode ser interpretado como um estado passageiro, uma linha provisória entre uma gama grande de escolhas e permissões espiritualísticas e religiosas que prontamente definem o trânsito religioso e os sincretismos brasileiros (Camurça, 2006; Novaes, 2006).

A religião do brasileiro parece também não mudar no contexto universitário, lugar privilegiado da razão e do secularismo. Embora o recenseamento religioso não apresente

dados específicos sobre essa população e não se tenha conhecimento de estudos que representem o perfil religioso do jovem universitário brasileiro, pesquisas locais em diferentes universidades e áreas do conhecimento mostram jovens universitários que também se definem católicos, espíritas, evangélicos e de outros credos (Borges et al., 2013; Espinha et al., 2013; Lucchetti et al., 2013; G. R. Silva, 2010; Steil, Alves & Herrera, 2001). Nesses estudos, todavia, a representação de acadêmicos jovens sem religião parece ser maior que na população em geral, com percentuais geralmente superiores a 20% nos grupos estudados, chegando a cerca de 40% em algumas amostras.

No contexto da formação em psicologia, diferentes investigações têm sido realizadas no sentido de uma melhor compreensão a respeito da religiosidade dos graduandos (Cavalheiro & Falcke, 2014; C. C. da Costa et al., 2008; Ferreti, 2010; Freitas, 2004; Gandelman, 2013; Gastaud et al., 2006; Pereira & Holanda, 2016; L. A. C. da Silva, 2016; Souza, 2014; Vieira et al., 2013). Com base nesses estudos, é possível inferir que a dimensão religiosa, a crença transcendente e a influência cristã na cultura pessoal é um aspecto presente no perfil religioso também do estudante de psicologia, como esperado para o contexto brasileiro. Entretanto, grande parte desses estudos é de base qualitativa (Freitas, 2004; Gandelman, 2013; Pereira & Holanda, 2016; Souza, 2014) ou quando quantitativos, não trazem dados sobre representação de estudantes sem religião, filiação ou frequência em atividades religiosas, por exemplo (Cavalheiro & Falcke, 2014; Gastaud et al., 2006; L. A. C. da Silva, 2016). Investigações nesse sentido podem ampliar o conhecimento e compreensão a respeito desses estudantes, bem como, contribuir para discussões importantes sobre o perfil e influência do ensino superior na vida religiosa dos jovens e dessa população em geral.

Com base nessa perspectiva, esse estudo teve como objetivo realizar um levantamento a respeito do perfil de espiritualidade/religiosidade (E/R) do estudante de psicologia com base em suas experiências, percepções, práticas e história espiritual/religiosa. Os objetivos específicos consistem em: a) investigar possíveis diferenças no perfil de E/R de graduandos em Psicologia de IES pública, privada e confessional; b) avaliar a centralidade, importância e proeminência da religiosidade na vivência de estudantes de psicologia; e c) investigar possíveis diferenças entre os níveis de centralidade da religiosidade durante os anos de graduação nas diferentes instituições.

1. Método

1.1. População e instituições participantes

A pesquisa foi realizada em quatro IES, localizadas na cidade de Curitiba, Paraná, sendo uma pública, duas privadas e uma confessional. A amostra é composta por 561 estudantes do primeiro ao quinto ano de curso, com idade igual ou superior a 18 anos ($M=22,9$ anos / $DP=6,2$), regularmente matriculados nas IES participantes, e que voluntariamente concordaram em participar do estudo.

As IES selecionadas foram a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), Universidade Positivo (UP), Faculdades Pequeno Príncipe (FPP) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). A PUC/PR é uma universidade privada sem fins lucrativos, de vinculação confessional católica. A UP e a FPP são instituições privadas, com e sem fins lucrativos, respectivamente, e a UFPR, uma instituição pública federal.

O convite para participar do estudo foi realizado aos coordenadores dos cursos de Psicologia da FPP, PUC/PR e UP, os quais mediaram, junto a suas respectivas IES, o termo de concordância de instituição coparticipante do estudo. A pesquisa foi inicialmente aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências Humanas da UFPR (CEP/SD) e consecutivamente, encaminhada e aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da FPP (CEP/FPP), PUC/PR (CEP/PUCPR) e UP (CEP-UP), conforme parâmetros estabelecidos pelo CEP/SD. A tramitação desse processo teve a duração de nove meses (outubro de 2016 a julho de 2018) (ANEXO 1).

Os quatro cursos oferecem o grau de formação Bacharelado em Psicologia, na modalidade Educação Presencial. O tempo de graduação em todos os cursos é de cinco anos, sendo a periodicidade na UP, anual e nos demais semestral. O QUADRO 2.1 sintetiza os dados de caracterização dos cursos e instituições, como turno, número de vagas anuais e carga horária.

QUADRO 2.1 – CARACTERIZAÇÃO DOS CURSOS E INSTITUIÇÕES

(continua)

Dados/IES	FPP	PUC/PR	UFPR	UP
Categoria Administrativa	Privada sem fins lucrativos	Privada sem fins lucrativos (Comunitária)	Pública Federal	Privada com fins lucrativos

(conclusão)

Dados/IES	FPP	PUC/PR	UFPR	UP
Ano início do curso	2011	1969	1972	2001
Grau	Bacharelado	Bacharelado	Bacharelado	Bacharelado
Vagas anuais	100	360	80	250
Carga horária mínima	4464 horas	4230 horas	4050 horas	4000 horas
Periodicidade	Semestral	Semestral	Semestral	Anual
Turno(s)	Noturno	Matutino e Noturno	Integral	Matutino e Noturno
Regime de seleção	Semestral	Semestral	Anual	Anual

FONTE: Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior (2018).

A PUC/PR, devido ao seu caráter confessional, é a única IES a ofertar na base curricular obrigatória do curso, uma disciplina voltada ao tema da religião. A disciplina Cultura Religiosa está integralizada no primeiro período, no formato aula teórica com 40h/a (PUC/PR, 2017). Na UFPR, há a oferta da disciplina optativa Psicologia e Religião, no formato aula teórica com 30h/a (UFPR, 2008), ministrada nos últimos oito anos, anualmente, com grande procura dos alunos⁹. A FPP e a UP não ofertam disciplinas específicas voltadas ao tema da religião ou da espiritualidade.

Um caso particular em relação à UP, informado pelo coordenador do curso, é que a instituição havia recebido em seu corpo discente, estudantes de psicologia transferidos da Faculdade Evangélica do Paraná, uma IES de vinculação confessional evangélica¹⁰, que encerrou suas atividades de graduação em Psicologia. A presença desses estudantes no curso, segundo o coordenador, trouxe repercussões em sala de aula, quando temas relacionados à religião/espiritualidade e a atuação do psicólogo eram mencionados e discutidos durante as aulas. Segundo o mesmo coordenador, foi necessário mediar conflitos entre os estudantes e discutir as diferenças de posicionamentos e postura da UP como uma instituição laica.

⁹ Exceto, em 2018, que não foi ofertada.

¹⁰ No site da instituição não foi possível encontrar informações sobre o extinto curso de Psicologia (<http://www.fepar.edu.br>, recuperado em, 26, junho, 2018). É provável que a IES ofertasse na matriz curricular do curso uma ou mais disciplinas, voltadas ao tema da religião ou de orientação teológica. Essa informação, contudo, não foi encontrada. Atualmente, em nível de graduação, a instituição oferta apenas a formação em Medicina, cuja estrutura curricular possui no primeiro período a disciplina Aspectos Filosóficos e Teológicos em Saúde.

1.2. Instrumentos e materiais

A coleta dos dados foi realizada por meio de dois questionários autoaplicáveis e anônimos, sendo o primeiro destinado ao estudo quantitativo, apresentado nesta sessão, e o segundo ao estudo qualitativo (APÊNDICE 1).

O instrumento é composto pelo Questionário Perfil Sociodemográfico e de Espiritualidade/Religiosidade, elaborado e adaptado pelos autores para os objetivos deste estudo com base na literatura e nos resultados de pesquisa anterior (Pereira & Holanda, 2016); e pela versão reduzida da *Centrality of Religiosity Scale (CRS)* de Huber e Huber (2012). A CRS foi inserida no primeiro questionário com o fim de oferecer uma sequência lógica para o respondente no ordenamento das perguntas do instrumento. Também com objetivo de simplificar a instrumentalização do material impresso e otimizar o tempo de resposta, o instrumento foi formatado em folha A3 compondo um único caderno de questões (APÊNDICE 2).

O primeiro questionário foi submetido a um projeto piloto com nove estudantes de psicologia¹¹, a fim de avaliar a interpretação dos itens pelos graduandos e estimar o tempo médio de resposta a ser informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa aplicação foi realizada em conjunto e durou cerca de 15 minutos. Após responderem, os estudantes apresentaram suas dúvidas e impressões gerais; bem como, dificuldades de compreensão ou aplicação de determinados itens dentro do contexto particular de suas experiências de crenças ou não crenças religiosas. O instrumento foi avaliado com base nas percepções dos colaboradores, sendo alguns itens reformulados ou excluídos.

Uma descrição particularizada do questionário e da CRS é apresentada a seguir.

2.2.1. Questionário Perfil Sociodemográfico e de Espiritualidade/Religiosidade

O questionário é composto por 28 itens, sendo 24 perguntas objetivas fechadas ou de múltipla escolha, uma pergunta aberta e três em escala tipo *likert*. O instrumento é composto por três grupos de perguntas, sendo o primeiro para obtenção de dados sociodemográficos e sobre o curso (itens 1 a 12), o segundo para dados sobre o perfil de E/R (itens 13 a 26), e o

¹¹ O projeto piloto foi realizado com os estudantes do Programa de Educação Tutorial – PET Psicologia da UFPR, em horário e local de reunião do grupo, no dia 7 de abril de 2017. A discussão a respeito das impressões sobre o instrumento também contou com a participação e contribuições da professora tutora do grupo, Alessandra Sant’Anna Bianchi.

terceiro sobre o interesse profissional em abordagens psicológicas e áreas de atuação em psicologia (itens 27 e 28). De modo particularizado, temos:

- a) Itens 1 a 11: dados sociodemográficos;
- b) Item 12: participação do aluno em disciplinas voltadas ao tema da religião e da espiritualidade ofertadas durante a graduação;
- c) Item 13: autodeclaração de espiritualidade e de religiosidade;
- d) Itens 14 a 18: Escala de Centralidade da Religiosidade;
- e) Item 19: filiação religiosa;
- f) Itens 20 a 23: história espiritual/religiosa, desfiliação e trânsito religioso;
- g) Itens 24 e 25: interesse e busca pessoal por temas relacionados a E/R;
- h) Item 26: frequência em atividades e práticas relacionadas a E/R;
- i) Itens 27 e 28: interesse profissional em abordagens psicológicas e áreas de atuação em psicologia.

Os itens do questionário foram elaborados com a proposta de adequar o instrumento à participação de estudantes crentes e não crentes e buscaram dar enfoque à esfera da E/R nos contextos da experiência pessoal de crenças ou não crenças. Assim, com termos “espiritualidade/religiosidade”, “espiritual/religioso” e “crenças ou não crenças”, buscou-se valorizar a história de vida, experiências, práticas e comportamentos relacionados a E/R do estudante, sem, todavia, utilizar diretamente o termo “sua religião”, dado que a temática pode parecer imprópria para colaboradores ateus, agnósticos e sem religião, e para os colaboradores em geral, visto tratar de um assunto por vezes delicado e complexo quando abordado no meio acadêmico.

A pergunta 13 tem como objetivo categorizar a percepção pessoal do estudante sobre sua E/R a partir das categorias “religiosa”, “espiritualizada, mas não religiosa”, “religiosa e espiritualizada” e “nem religiosa, nem espiritualizada”¹². O item 19, sobre filiação religiosa, foi elaborado com base na composição dos grupos de religião autodeclaradas no Censo 2010 (IBGE, 2010). Nas opções religião evangélica e afro-brasileira foi solicitado ao respondente que especificasse a denominação ou culto, respectivamente. As perguntas 20 a 23 se referem à história espiritual/religiosa e têm o objetivo de investigar se os estudantes possuem ou não a

¹² Item sugerido pela professora Mary Rute Gomes Esperandio, membro da banca de qualificação e defesa do presente estudo. O formato, ressaltando os conceitos espiritualizado e religioso e suas associações ou dissociações na identidade pessoal, têm sido tema de pesquisas e discussões na área da Psicologia da Religião e da Espiritualidade na Europa e nos Estados Unidos (Paiva, 2005).

mesma religião dos pais (item 22, pergunta aberta); quais núcleos de influência e educação indicam como parte de sua formação religiosa (item 21, múltipla escolha); se já tiveram outra crença ou religião (item 23, múltipla escolha); e há quanto tempo definem sua E/R atual (item 20, objetiva).

Com as perguntas 24, 25 e 26, buscaram-se dados sobre interesses, práticas e busca pessoal do estudante no desenvolvimento de sua espiritualidade. São exemplos, o interesse por temas específicos como Budismo ou Esoterismo, e os meios para acessar esses conhecimentos, como livros sagrados ou sites na internet. Para isso, buscou-se na elaboração e escolha dos itens e afirmativas contemplar os diferentes tipos de expressão e práticas espirituais e religiosas; inserir elementos que possam ser comuns aos colaboradores ateus, agnósticos e sem religião, no que se refere à espiritualidade; e contemplar interesses e práticas relacionadas a novas religiosidades (religiões orientais, de tradição esotérica, indígenas e outros espiritualismos). Quanto a esse último, os itens também objetivam captar experiências de E/R e temas de interesse presentes no cotidiano e práticas dos jovens (Novaes, 2006), mas que podem passar despercebidas, por não estarem sempre relacionadas à religião. São exemplos, a busca por técnicas como numerologia e mapa astral, ou a prática de meditação e alimentação saudável com objetivo de desenvolver a espiritualidade e o autoconhecimento. Desse grupo de perguntas, a 24 e a 25 são de múltipla escolha e a pergunta 26, no formato de escala *likert* de cinco pontos, com os extremos 1 = nunca e 5 = frequentemente. Com as afirmativas dessa escala avaliamos a frequência das práticas de E/R anteriormente descritas (nove itens) e a frequência com que os estudantes buscam psicoterapia (item 26.9).

Os itens 27 e 28 têm como objetivo investigar possíveis relações entre o perfil de E/R e o interesse dos estudantes por abordagens teóricas específicas e áreas de atuação em psicologia. Na construção dos itens, buscou-se representar o maior número de áreas e linhas teóricas possíveis, além da opção outros. As questões foram formuladas no formato de escala *likert* de quatro pontos, com os extremos 1 = nenhum interesse e 4 = muito interesse.

A construção dos itens e afirmativas se baseou nos resultados da descrição do perfil de E/R, história espiritual e experiência religiosa dos colaboradores do estudo anterior (Pereira & Holanda, 2016) e em dados e descrições oriundas de sites e blogs vinculados a religiosidades e espiritualismos presentes no Brasil. Alguns dos itens das perguntas 24 e 26, que se referem a práticas alternativas e a religiosidades orientais e neoesotéricas, foram elaborados com base no estudo de Magnani (1999) e de informações contidas no site do

Conselho Holístico do Estado do Paraná¹³ e da Sociedade Internacional de Terapia¹⁴. Dentre os itens da questão 26, algumas das afirmativas sobre características e comportamentos relacionados a E/R foram sugestionados e/ou adaptados do estudo “*Spirituality in Higher Education: Students’ Search for Meaning and Purpose*”, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, EUA (Astin et al., 2005).

2.2.2. Escala da Centralidade da Religiosidade (ECR)

A *Centrality of Religiosity Scale (CRS)* foi originalmente elaborada por Stefan Huber (Huber, 2003) e aplicada em inúmeros estudos, nas áreas da Sociologia da Religião, Psicologia da Religião e estudos religiosos (Huber & Huber, 2012). A Escala da Centralidade da Religiosidade (ECR) tem como objetivo mensurar a centralidade, importância e proeminência dos significados religiosos na personalidade a partir de cinco dimensões fundamentais conferidas à vida religiosa — as dimensões intelectual e ideológica, as ritualísticas, prática pública e prática privada, e a dimensão da experiência religiosa (Huber & Huber, 2012).

A escala é disponibilizada originalmente em três versões¹⁵, sendo a CRS-15 a versão completa com 15 itens (confiabilidade entre 0,92 e 0,96); a CRS-10 com 10 itens (confiabilidade entre 0,89 e 0,94); e a versão econômica CRS-5, com cinco itens (confiabilidade de 0,85). A escala utilizada no presente estudo é a CRS-5 (questões 14 a 18 do instrumento), com um item para cada uma das cinco dimensões (Huber & Huber, 2012).

O modelo multidimensional do instrumento está teoricamente fundamentado em estudos da Sociologia da Religião que admitem a vivência religiosa como um construto social orientado por dimensões representativas da vida religiosa (Glock, 1962, 1973 citado por Huber & Huber, 2012). O modelo com cinco dimensões oferece um quadro de referência apropriado para estudos empíricos, por mensurar um amplo escopo da vida religiosa e oferecer uma medida combinada da centralidade da religiosidade. Embora a escala tenha sido desenvolvida a partir de uma perspectiva sociológica, as cinco dimensões fundamentais que

¹³ <http://www.conselhoholisticopr.com.br>, recuperado em, 10, setembro, 2016.

¹⁴ <http://www.sinte.com.br>, recuperado em, 10, setembro, 2016.

¹⁵ A escala foi originalmente desenvolvida para mensurar a religiosidade no contexto de religiões de tradição monoteísta (cristianismo, judaísmo e islamismo). O construto, no entanto, foi adaptado pelos autores da escala para igualmente contemplar distinções entre as religiões monoteístas, e possibilitar a aplicação em contextos de culturas e religiões orientais (através de alterações ou inclusão de termos como “Deus ou divido”, e itens associados à prática da meditação, por exemplo). Versões para escalas inter-religiosas e demais adaptações sobre o modelo original podem ser mais bem explicitadas em Huber e Huber (2012).

compõem o construto igualmente abrangem a religiosidade a partir de uma perspectiva psicológica, dado que associam modos psicológicos distintos na representação de conteúdos religiosos na experiência individual (Huber & Huber, 2012). O QUADRO 2.2 sintetiza a interação entre o núcleo sociológico das dimensões fundamentais e a definição psicológica desse sistema na construção religiosa pessoal:

QUADRO 2.2 – DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA ESCALA DE CENTRALIDADE DA RELIGIOSIDADE

Dimensão	Núcleo sociológico	Representação religiosa individual	Item do instrumento na ECR
Intelectual	Expectativa social de que pessoas religiosas possuem algum conhecimento sobre suas religiões ou sobre o transcendente	Representado por temas de interesse, habilidades hermenêuticas, tipos de pensamento e interpretação, e como conjunto de conhecimentos	“Com que frequência você pensa sobre questões religiosas?”
Ideológica	Expectativa social que pessoas religiosas possuem crenças relacionadas à existência e essência da realidade transcendente e à relação desta transcendência com o humano	Representada como crenças, convicções inquestionáveis e padrões de plausibilidade	“Até que ponto você acredita na existência de Deus ou algo divino?”
Prática Pública	Expectativa social de que pessoas religiosas pertencem a comunidades religiosas, que se manifesta na participação pública em rituais e atividades comunitárias	Representada por padrões de ação e sentimento de pertença a um determinado grupo, bem como a uma imaginação ritualizada da transcendência	“Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?”
Prática Privada	Expectativa social de que pessoas religiosas se dediquem à transcendência em rituais e atividades individualizadas no espaço privado	Representada por padrões de ação e um estilo pessoal de devoção à transcendência	“Com que frequência você normalmente ora/reza?”
Experiência	Expectativa social de que pessoas religiosas possuem algum contato direto com o transcendente que os sensibiliza emocionalmente	Representado por padrões de percepções religiosas e como conjunto de experiências religiosas e sentimentos	“Com que frequência você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou um ser superior intervém em sua vida?”

FONTE: Huber e Huber (2012).

As cinco dimensões fundamentais podem ser analisadas como uma interação de ações, pensamentos e experiências que representam o conjunto da vida religiosa do indivíduo, sendo esse o conceito central da construção da ECR (Huber & Huber, 2012). Nesse quadro, a

mensuração da intensidade geral dessas dimensões, dada pelo escore geral de desempenho na escala, oferece uma estimativa da frequência e intensidade com que essas vivências são ativadas no sistema de construção religiosa.

Quanto às características de mensuração, as dimensões Intelectual e Experiência são avaliadas por uma frequência subjetiva, com base nos extremos “nunca” a “frequentemente”, visto tratarem de pensamentos e percepções que podem ocorrer com menos regularidade. A dimensão Ideológica é avaliada por medidas subjetivas de intensidade (de “nenhum pouco” a “muitíssimo”), dado que a frequência em si tem menor importância ou sentido nesse contexto. As dimensões ritualísticas Prática Pública e Prática Privada são avaliadas por frequências objetivas, baseadas na regularidade com que tais ações são realizadas na maioria das tradições religiosas (de “nunca” a periodicidades anuais, mensais, semanais ou diárias). A pontuação dos itens valora de 1 a 5 pontos. No caso das questões sobre as práticas ritualísticas (que oferecem sete e nove opções, respectivamente), as respostas são recodificadas para os valores de 1 a 5 de forma gradativa, conforme o nível da frequência objetiva¹⁶.

Os escores na ECR variam de 1 a 5, sendo o escore geral a média das cinco dimensões fundamentais, denominado nesse estudo, de escore da Centralidade da Religiosidade (CR). A CR é avaliada a partir dos seguintes parâmetros: indivíduos que pontuam entre 1,0 e 2,0 são definidos como “não-religiosos”; que pontuam entre 2,1 e 3,9 como “religiosos”; e 4,0 a 5,0 como “altamente religiosos”. Huber e Huber (2012) atribuem aos escores menores o indicativo de uma baixa presença de construções religiosas e, possivelmente, pouco relevantes na experiência psíquica, sendo plausível atribuir a esses indivíduos a categoria de não-religiosos. No outro extremo, índices elevados indicam uma construção religiosa claramente presente e relevante no sistema de construção religiosa social e psíquica, onde se presume que a experiência religiosa exerça influência também sobre questões não religiosas, permitindo a categorização desses indivíduos como altamente religiosos. A categoria religiosos representa o intervalo de transição entre a presença e ausência de um sistema de construção religiosa. É possível que respostas nesse nível indiquem a presença de construtos horizontais nessa esfera da vida, mas também que não são ativados com muita frequência ou intensidade.

¹⁶ Em ordem decrescente, as alterações no item 16, Prática Pública, são realizadas a partir das alternativas 16.5 para 16.5=4; 16.6=5 e 16.7=5. No item 17, Prática Privada, a alternativa 17.3=2; 17.4=3; 17.5=3; 17.6=3; 17.7=4; 17.8=5 e 17.9=5.

1.3. Procedimentos de coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de maio e setembro de 2017, conforme a aprovação dos comitês de ética de cada instituição e a disponibilidade dos coordenadores dos cursos em agendar e programar o início da aplicação da pesquisa. Os estudantes foram abordados apenas no contexto de sala de aula ou de supervisão de estágio.

A coleta na UFPR foi programada com os professores que disponibilizaram parte de suas aulas para aplicação da pesquisa. Nas demais instituições, a coleta foi programada com os coordenadores, que estabeleceram um cronograma em conjunto com a pesquisadora e professores. A seleção das turmas foi realizada com base na disponibilidade dos docentes em ceder um período de suas aulas para aplicação, utilizando-se o critério de uma turma para cada ano de curso, preferencialmente nas classes que ofertam disciplinas obrigatórias do currículo, conforme a periodização desejável por ano de curso.

Os estudantes foram convidados a participar do estudo mediante os critérios e informações contidas no TCLE (APÊNDICE 3). Em sequência ao convite e orientações sobre a participação e preenchimento dos questionários, todos os estudantes presentes em sala receberam uma cópia dos questionários e duas cópias do TCLE, sendo acordado que aqueles que optassem por não participar da pesquisa entregariam o material em branco junto aos questionários e TCLE respondidos. O tempo de resposta variou de 10 a 20 minutos e poucos estudantes não responderam a pesquisa. A aplicação e coleta dos questionários foi realizada exclusivamente pela pesquisadora.

A coleta de dados com os formandos da UFPR ocorreu no contexto das supervisões de estágio, visto que nesta IES, não há uma disciplina comum a todos no quinto ano. Nesse contexto, dado o tempo reduzido das supervisões de estágio, os estudantes receberam os questionários para responder em outro momento, sendo a entrega do material realizada na semana seguinte no mesmo horário da supervisão. Embora esse procedimento tenha demandado mais trabalho, obteve-se uma resposta bastante positiva dos formandos, com retorno da maioria dos questionários respondidos.

1.4. Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram inicialmente tabulados, e nos casos necessários, categorizados, recodificados ou agrupados. Para análise das variáveis categóricas foi realizada a estatística descritiva das frequências absolutas e relativas, e para as variáveis contínuas, a estatística das

medidas descritivas (mínimo, máximo, quartis, média e desvio-padrão). Os resultados foram agrupados em tabelas e gráficos com o fim de ampliar a visualização e caracterização da amostra.

Para comparação dos escores da ECR entre as IES participantes e avaliação do efeito dos tipos de instituição pública, privada e confessional na centralidade da religiosidade foram realizadas a Análise de Covariância (ANCOVA), tendo o fator idade como covariável; e a Análise de Variância (ANOVA), seguida do teste de comparação múltipla (*post-hoc*) de Tukey para identificação da evidência a cada dois grupos. Para testar a homogeneidade das variâncias, foi utilizado o teste de Levene. A análise da consistência interna da ECR e das cinco dimensões foi avaliada pelo coeficiente *Alpha Cronbach*. O nível de significância adotado para todas as análises foi de 5% (p-valor < 0,05).

2. Resultados

2.1. Perfil Sociodemográfico

Participaram do estudo 561 estudantes de psicologia, sendo que a idade média dos colaboradores é de 22,9 anos (DP=6,2), com 50% dos estudantes na faixa etária dos 20 aos 23 anos (TABELA 1.1). A amostra está distribuída entre os cinco anos da graduação, conforme apresentado na TABELA 1.2.

TABELA 1.1 – DESCRITIVO IDADE POR GRUPOS DE IES

	N	Min	Q ₁	Mediana	Q ₃	Max	Média	DP
FPP	118	18	21	23	27,8	65	25,8	8,7
PUC/PR	147	18	19	21	23	49	21,8	4,8
UFPR	158	18	19,3	21	23	55	21,8	4,2
UP	136	18	19	21	23,3	54	22,9	6,2
Geral	559	18	20	21	23	65	22,9	6,2

FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: N, número da amostra; Min, valor mínimo; Q₁ e Q₂, primeiro e terceiro quartis; Max, valor máximo; DP, desvio padrão.

TABELA 1.2 – AMOSTRA POR INSTITUIÇÃO E ANO DE CURSO

	FPP		PUC/PR		UFPR		UP		Total ano	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Primeiro ano	22	15,8	42	30,2	45	32,4	30	21,6	139	24,8
Segundo ano	19	19	31	31	22	22	28	28	100	18,4
Terceiro ano	27	24,3	27	24,3	28	25,2	29	26,1	111	19,3
Quarto ano	24	23,3	31	30,1	25	24,3	23	22,3	103	17,8
Quinto ano	27	25	16	14,8	38	35,2	27	25	108	19,8
Total IES	119	21,2	147	26,2	158	28,2	137	24,4	561	100

FONTE: dados da pesquisa (2018).

A maioria dos estudantes é do sexo feminino (76,5%, N=429), solteira (86,1%, N=483) e não exerce atividade remunerada (57%, N=320). Dentre aqueles que responderam ter um trabalho (43%, N=241), 36,5% (N=88) têm um trabalho formal, 34% (N=82) fazem estágio remunerado e 22% (N=53) trabalham informalmente (autônomo/freelancer). O rendimento dos pais ou cônjuge constitui a principal fonte de renda da maioria dos colaboradores (89,3%, N=501), sendo que apenas 3,2% (N=18) contribuem efetivamente com o orçamento familiar. A faixa de renda mensal familiar da maioria é de um a cinco salários mínimos (42,1%, N=234), seguida de cinco a 10 para 30,9% (N=174). Estudantes com rendimentos financeiros a partir de 10 salários mínimos (27%, N=150) se concentram principalmente nos cursos da PUC/PR (N=53, 35%) e da UP (N=53, 35%).

Quanto à escolaridade, 18,4% (N=57) já possuem uma formação superior completa, sendo a maioria dessas graduações em formações de tecnólogos ou bacharelados em letras e administração. Os estudantes da FPP compõem a maior parte desse grupo, representando 38,6% (N=22), seguido da UFPR (26,3%, N=15). Também se difere no perfil dos respondentes da FPP, em relação aos outros cursos e amostra geral, a idade média mais elevada (M=25,8 / DP=8,73), maior frequência de estudantes casados (N=21, 17,6%), que trabalham (N=83, 69,7%), que contribuem no orçamento familiar (7,6%, N=9) ou que representam a principal fonte de renda de seu grupo familiar (25,2%, N=30). Os colaboradores deste grupo também foram os que mais responderam se enquadrar na menor faixa de renda (60,5%, N=72).

A maioria dos colaboradores estuda no período diurno (78%, N=438). Os alunos da UFPR (100%, N=158) estudam no período integral (manhã e tarde) e os alunos da PUC/PR

(98,6%, N=145) e UP (98,5%, N=135) no período matutino¹⁷. Os estudantes da FPP estudam no período noturno (100%, N=119). Demais dados do perfil sociodemográfico da amostra são apresentados abaixo (TABELA 1.3).

TABELA 1.3 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

	FPP		PUC/PR		UFPR		UP		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo										
Feminino	92	77,3	117	79,6	107	67,7	113	82,5	429	76,5
Masculino	27	22,7	30	20,4	51	32,3	24	17,5	132	23,5
Estado Civil										
Solteiro	87	73,1	133	90,5	144	91,1	119	86,9	483	86,1
Casado	21	17,6	4	2,7	7	4,4	15	10,9	47	8,4
Morando junto	8	6,7	7	4,8	7	4,4	3	2,2	25	4,5
Divorciado/Separado	3	2,5	3	2,0	-	-	-	-	6	1,1
Outra graduação completa										
Sim	22	18,5	11	7,5	9	5,7	15	10,9	57	18,4
Não	97	81,5	136	92,5	149	94,3	122	89,1	504	81,6
Trabalho										
Não	36	30,3	90	61,2	107	67,7	87	63,5	320	57
Sim	83	69,7	57	38,8	51	32,2	50	36,5	241	43
Trabalho formal	44	37	12	8,2	13	8,2	19	13,9	88	15,7
Trabalho informal	11	9,2	8	5,4	20	12,7	14	10,2	53	9,4
Estágio remunerado	27	22,7	31	21,1	4	2,5	20	14,6	82	14,6
Bolsa de estudos	3	2,5	6	4,1	19	12,0	2	1,2	30	5,3
Principal fonte de renda										
Renda dos pais/cônjuge	92	77,3	141	95,9	144	91,1	124	90,5	501	89,3
Trabalho	30	25,2	7	4,8	9	5,7	11	8,0	57	10,2
Estágio	3	2,5	4	2,7	-	-	3	2,2	10	1,8
Bolsa de estudos	-	-	-	-	5	3,2	-	-	5	0,9
Outros	7	5,9	1	0,7	8	5,1	3	2,2	19	3,4
Renda familiar mensal										
1 a 5 salários mínimos	72	60,5	49	33,6	73	46,8	40	29,6	234	42,1
5 a 10 salários mínimos	40	33,6	44	30,1	46	29,5	42	31,1	172	30,9
10 a 15 salários mínimos	5	4,2	29	19,9	24	15,4	27	20,0	85	15,3
+ de 15 salários mínimos	2	1,7	24	16,4	13	8,3	26	19,3	65	11,7

FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: nas variáveis trabalho e renda, os colaboradores podiam responder mais de uma alternativa.

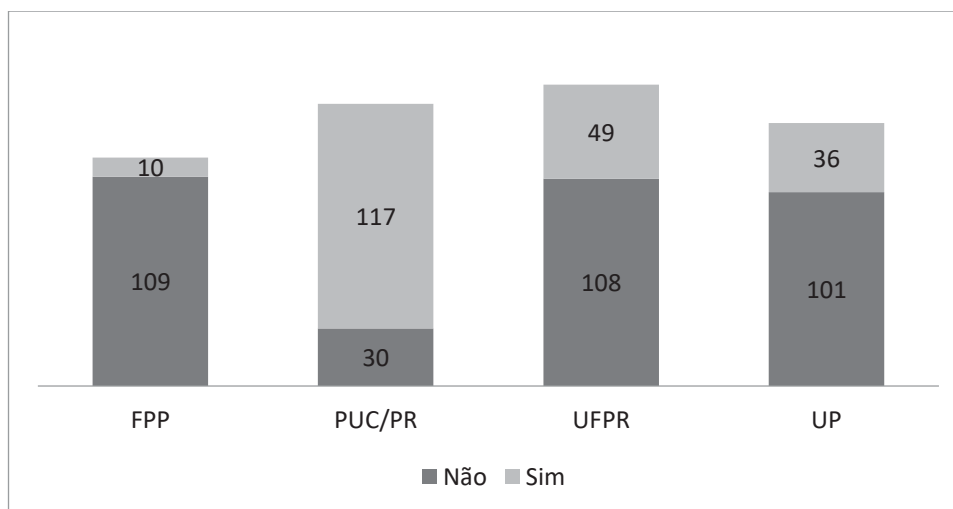
¹⁷ A coleta de dados foi realizada apenas em turmas matutinas.

2.2. Disciplinas na formação

A maioria dos colaboradores respondeu negativamente à pergunta sobre já ter cursado disciplinas no curso de Psicologia que abordassem de forma central os temas religião, espiritualidade ou religiosidade (62,1%, N=318). Dentre as respostas afirmativas (37,9%, N=212), as disciplinas indicadas foram categorizadas em específicas e secundárias. Como específicas (N=163) foram consideradas as disciplinas Cultura Religiosa (N=112), Psicologia e Religião (N=42), Teologia (N=7), Espiritualidade (N=1) e Psicologia Religiosa (N=1). Como secundárias (N=56), foram admitidas as disciplinas que geralmente compõem a grade curricular obrigatória e que não tratam de religião ou E/R diretamente, porém, foram indicadas pelos colaboradores como disciplinas que abordaram o tema. São elas: Psicologia Humanista (N=15), Antropologia (N=11), Psicologia Analítica (N=6), História das Ideias Psicológicas (N=5), Sociologia (N=3), Tópicos em Psicologia (N=3), Filosofia (N=2), Observação Direta (N=2), Psicologia Sócio-Histórica (N=2), Tanatologia (N=2), Diversidade (N=1), Epistemologia (N=1), Ética (N=1), Psicanálise (N=1) e Semiótica (N=1).

O GRÁFICO 1 apresenta os resultados por curso, no contexto geral, de ter ou não cursado disciplinas que abordaram o tema religião e E/R. Observa-se que o tema aparece presente na PUC/PR, devido à disciplina de base curricular obrigatória, Cultura Religiosa (94,9%, N=111). Na UFPR, a maioria das disciplinas indicadas se refere à optativa Psicologia e Religião (81,6%, N=40). No caso da UP e FPP, a maioria das disciplinas indicadas foi categorizada como secundárias, visto que nesses cursos não há oferta de disciplinas específicas sobre religião e E/R. Alguns estudantes desses cursos, contudo, indicaram disciplinas específicas, representando casos de transferência de curso como descrito anteriormente.

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO EM DISCIPLINAS QUE ABORDARAM RELIGIÃO



FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: frequência absoluta. Alguns estudantes indicaram mais de uma disciplina.

É importante ressaltar que os dados e o gráfico acima, representam a perspectiva dos colaboradores do estudo a respeito de ter ou não recebido formação em religião e/ou E/R, especialmente no que tange a indicação das disciplinas categorizadas nesse estudo como secundárias, que na opinião desses colaboradores, abordaram o tema de forma central.

2.3. Perfil de espiritualidade/religiosidade

Em resposta a pergunta sobre ter uma religião ou frequentar algum grupo de expressão religiosa/espiritual, 26,4% dos estudantes se declaram católicos (N=148), 14,6% (N=82) evangélicos, 4,1% (N=23) espíritas, 3,4% (N=19) umbandistas e 8,8% (N=49) declararam outras religiosidades (budistas, hare krishnas, wiccas, etc.)¹⁸. Entre os sem religião, a maioria se declarou agnóstico (18,8%, N=105), seguido de estudantes que acreditam em Deus, mas não tem religião (N=71, 12,7%) e ateus (N=56, 10%). Quanto à múltipla pertença religiosa, um estudante respondeu pertencer a três religiões e 20 (4%) a duas religiões. A TABELA 1.4 representa a distribuição da amostra segundo os grupos de religião e grupos de pertencimento.

¹⁸ Como outras religiosidades, categorizamos também estudantes que responderam possuir múltipla pertença, religiosidades indefinidas e três estudantes que se definiram na opção Outros como “católico não praticante”. Em relação às religiões Afro-brasileiras, todos os colaboradores se declaram como umbandistas. Dentre os evangélicos (N=82), 46,3% responderam ser de denominação Histórico Protestante (N=38), 30,5% Pentecostais (N=25) e 23,2% (N=19) não indicaram a denominação ou não foi possível categorizar com base nas informações descritas pelos colaboradores.

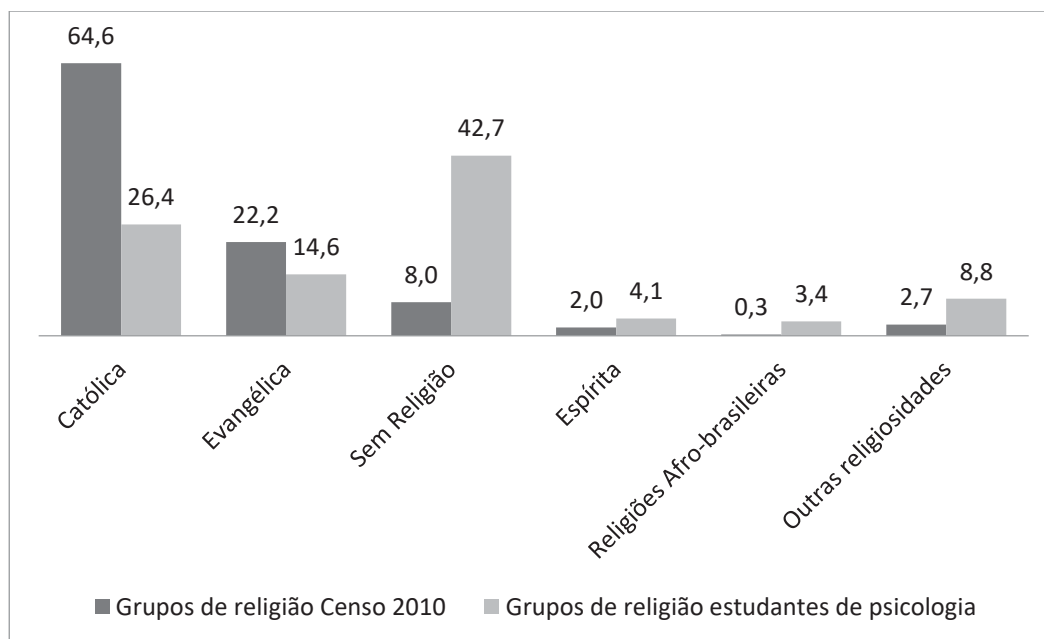
TABELA 1.4 – AMOSTRA POR GRUPOS DE RELIGIÃO E PERTENCIMENTO

	FPP		PUC/PR		UFPR		UP		Total Geral	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pertencimento religioso										
Católicos	45	37,8	42	28,8	24	15,2	37	27	148	26,4
Espíritas	4	3,4	9	6,2	6	3,8	4	2,9	23	4,1
Evangélicos	27	22,7	23	15,8	18	11,4	14	10,2	82	14,6
Umbandistas	6	5	7	4,8	2	1,3	4	2,9	19	3,4
Outras religiosidades	10	8,4	10	6,8	14	8,9	15	10,9	49	8,8
Sem religião										
Acreditam em Deus	15	12,6	18	12,3	22	13,9	16	11,7	71	12,7
Agnósticos	8	6,7	24	16,4	45	28,5	28	20,4	105	18,8
Ateus	3	2,5	11	7,5	26	16,5	16	11,7	56	10
Não possui religião	1	0,8	2	1,4	1	0,6	3	2,2	7	1,3
Total IES	119	100	146	99,3	158	100	137	100	560	99,8

FONTE: dados da pesquisa (2018).

Uma análise a partir da subdivisão da amostra entre estudantes que declaram pertencimento religioso e estudantes sem religião (conforme TABELA 1.4) mostra um número bastante expressivo de estudantes no segundo grupo, representando 42,7% da amostra geral. Uma segunda análise baseada nos grupos de religião do Censo 2010, onde católicos (64,6%), evangélicos (22,2%) e pessoas sem religião (8%) representam os três maiores grupos de religião no Brasil (IBGE, 2010), indica que dentre os colaboradores deste estudo, o grupo de maior representação é o de estudantes sem religião, seguida de católicos e evangélicos. Nesse aspecto, também se destaca o número reduzido de católicos comparado à população brasileira (IBGE, 2010). O GRÁFICO 2 apresenta a comparação da amostra com os dados censitários por grupos de religião.

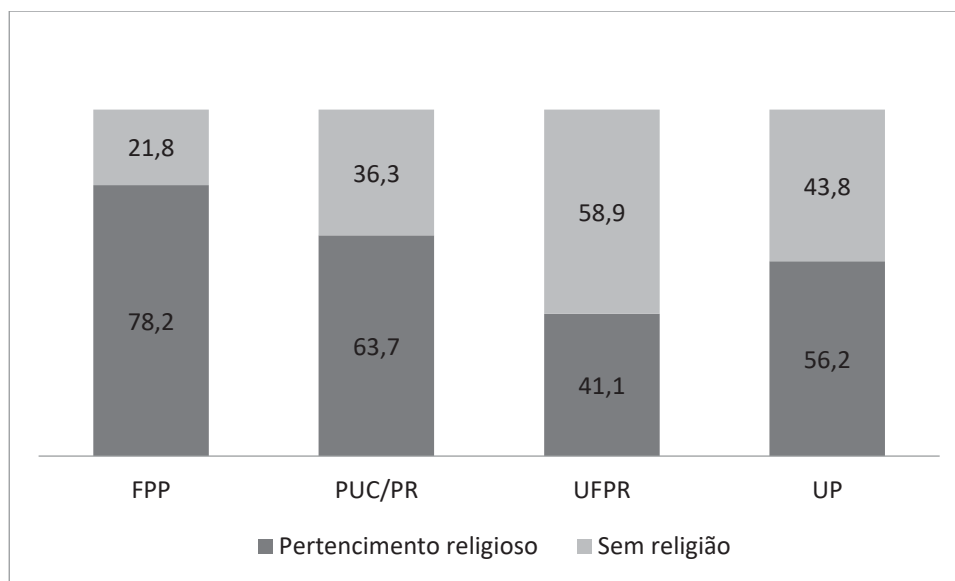
GRÁFICO 2 – COMPARATIVO POR GRUPOS DE RELIGIÃO CENSO 2010



FONTE: dados da pesquisa (2018) e IBGE (2010). NOTA: frequência relativa.

A amostra geral também indica um percentual bastante alto de ateus (10%) e agnósticos (18,8%) comparado à representação destes grupos na população geral: conforme os dados censitários, apenas 0,3% dos brasileiros são ateus e 0,1% agnósticos (IBGE, 2010). Uma comparação gráfica dos grupos pertencimento religioso e sem religião por IES, entretanto, demonstra que o percentual de estudantes sem religião é maior na UFPR, sendo a única instituição onde esse grupo é proporcionalmente maior que o grupo pertencimento religioso (GRÁFICO 3). Observa-se também que a FPP é a IES com maior representação de estudantes que declararam pertencimento religioso e também com maior representação de católicos (37,8%, para N=119) e evangélicos (22,7%, para N=119). Na UFPR a maioria dos alunos se declarou agnóstico, representando 28,5% (N=45) da amostra, seguidos de ateus com 16,5% (N=26). A UP é a segunda IES com maior percentual de ateus (20,4%, N=28), e também de agnósticos (11,7%, N=16).

GRÁFICO 3 – COMPARATIVO PERTENCIMENTO RELIGIOSO



FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: frequência relativa.

Em relação à autodeclaração de E/R, a maioria dos estudantes se considera uma pessoa “espiritualizada, mas não religiosa” (48%, N=269), seguida de “nem religiosa, nem espiritualizada” (22,3%, N=125), “religiosa e espiritualizada” (17,7%, N=99) e “religiosa” (12%, N=12%). No comparativo entre os cursos, observa-se que um número maior de estudantes na UP se considera espiritualizado, mas não religioso (N=86, 63,2%), bem como na UFPR, que 42,4% (N=67) se autodeclara como nem religioso, nem espiritualizado (TABELA 1.5).

TABELA 1.5 – AUTODECLARAÇÃO DE ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

	FPP		PUC/PR		UFPR		UP		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Espiritualizada, mas não religiosa	58	48,7	70	47,6	55	34,8	86	63,2	269	48
Nem espiritualizada, nem religiosa	9	7,6	21	14,3	67	42,4	28	20,6	125	22,3
Religiosa	21	17,6	23	15,6	11	7	12	8,8	67	12
Religiosa e espiritualizada	31	26,1	33	22,4	25	15,8	10	7,4	99	17,7

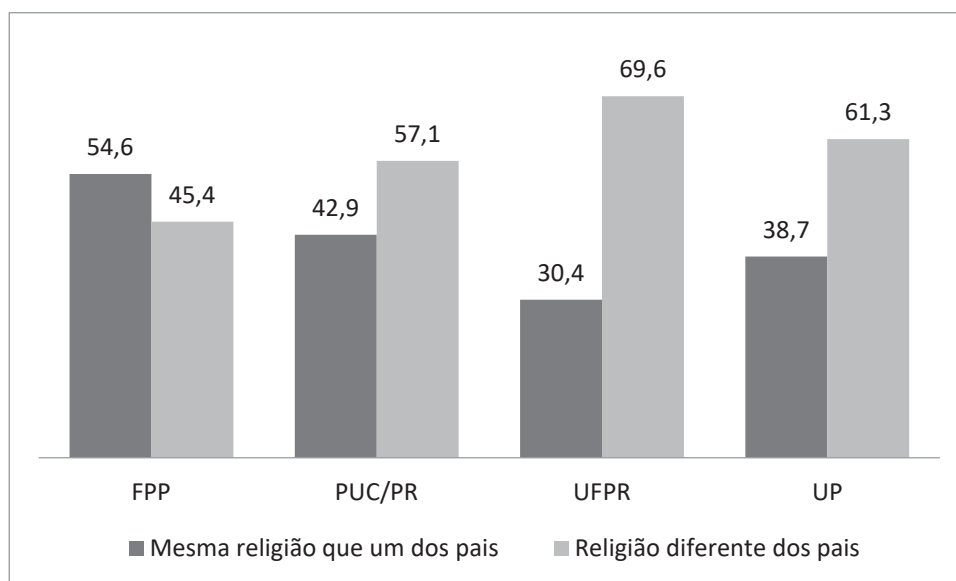
FONTE: dados da pesquisa (2018).

Com relação à história espiritual/religiosa, 80,9% (N=453) responderam ter recebido educação religiosa da família, sendo esse percentual equivalente por grupos de IES. A maioria

também respondeu ter recebido educação religiosa na igreja (65,2%, N=365) e 33,8% (N=189) em escolas confessionais. Em resposta há quanto tempo definem a E/R atual, 40% (N=224) afirmaram manter a identificação da infância e 31% (N=171) desde a adolescência. Cerca de 13% (N=73) dos estudantes mudaram a identificação religiosa durante o curso de psicologia¹⁹.

Em relação à religião dos pais, a maioria é católica (59,9% das mães e 54,9% dos pais), seguida de evangélicos (18,5% das mães e 16,4% dos pais). As mães sem religião representam 5,3% da amostra e os pais 11,4%. Um comparativo da declaração de pertencimento religioso dos estudantes com a descrição oferecida a respeito de seus pais mostrou que 40,8% (N=229) dos respondentes declararam ter a mesma religião que pelo menos um dos pais, e um percentual maior (59,2%, N=332), ser de declaração diferente. Como pode ser observado no GRÁFICO 4, mais de 60% dos estudantes da UFPR e da UP possuem religiões ou tipos de pertença diferente de seus pais.

GRÁFICO 4 – COMPARATIVO RELIGIÃO DOS PAIS



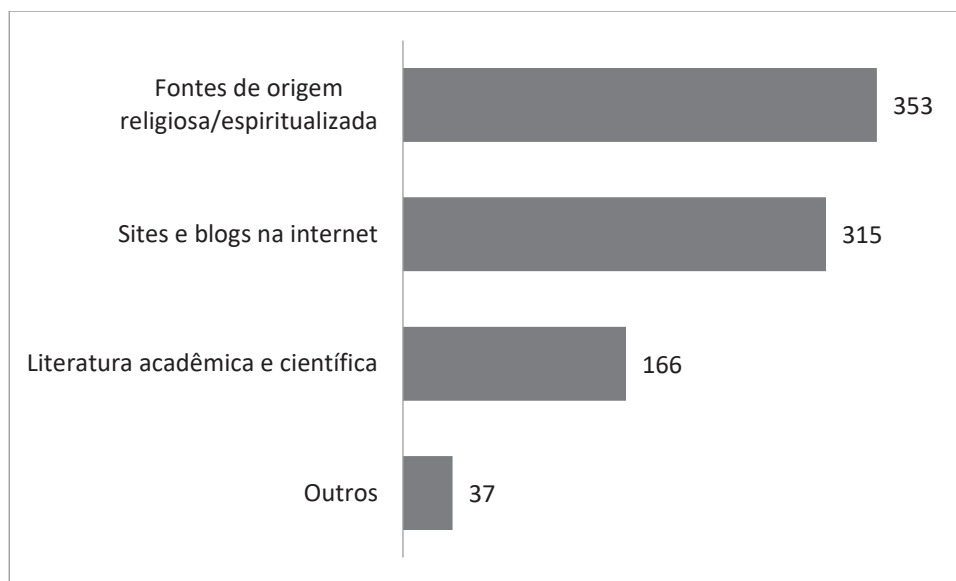
FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: frequência relativa.

¹⁹ Com a pergunta 20 do instrumento, “Há quanto tempo você define sua E/R dessa forma?”, tínhamos também o objetivo de investigar quantos estudantes mudaram de religião durante o período do curso. No entanto, o terceiro item da pergunta, “há x ano(s) aproximadamente”, foi mal formulado. Concluimos durante a análise, que o dado expresso dessa forma não nos dava a garantia de que a mudança ocorreu de fato dentro do período do curso. Não é possível, por exemplo, com base na resposta “há dois anos aproximadamente”, afirmar com precisão que um estudante do segundo ou terceiro ano de curso mudou de identificação religiosa durante o curso. Assim, o percentual de 13% descrito acima, representa os estudantes que responderam “ser uma mudança recente (dias ou meses)” mais o número estimado das possíveis mudanças ocorridas durante o curso. O mais adequado seria termos perguntado se mudaram ou não de identificação religiosa durante o curso.

Ainda sobre a mudança de referencial religioso e participação em grupos espirituais/religiosos, 36% (N=200) dos estudantes respondeu já terem sido católicos e/ou frequentado essa igreja, 17,6% (N=98) igrejas evangélicas, 17,6% (N=98) o espiritismo e 9,7% (N=54) religiões afro-brasileiras. Um número representativo de estudantes (32,4%, N=180) respondeu já ter sido adepto e/ou frequentado outras religiosidades, como as de tradição esotérica, orientais e indígenas, espiritualismos, religiosidades cristãs como Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nesse cenário, 30,4% (N=169) dos participantes já tiveram outra crença e/ou frequentaram ativamente um grupo religioso anteriormente, 13,5% (N=75) já passaram por outras duas religiões e 14% (N=78) por três ou mais — nesse último grupo, alguns estudantes (N=23, 4,1%) indicaram já terem sido adeptos entre cinco a oito religiões diferentes.

Quanto ao interesse e busca pessoal por temas em religião e espiritualidade, os estudantes costumam buscar conhecimentos sobre esse assunto principalmente em fontes de origem espiritual/religiosa (63%, N=353), seguido de sites e blogs na internet (56,3%, N=315). A maioria busca saber sobre religião através de literatura religiosa ou espiritualizada (37,7%, N=211), livros sagrados (37,1%, N=208), palestras (27,9%, N=156) ou grupos de estudos de origem religiosa/espiritualizada (23%, N=129). Do total, 14,1% (N=79) dos participantes respondeu não ter interesse no tema religião e espiritualidade. No item aberto Outros, os estudantes mencionaram também buscar informações sobre o tema com amigos, colegas e em conversas com praticantes ou pessoas que conhecem a determinada religião (N=17). Embora com menor frequência, 29,6% respondeu buscar a literatura acadêmica e científica para saber sobre esses temas. O GRÁFICO 5 apresenta um comparativo por frequência dos meios mais utilizados pelos estudantes.

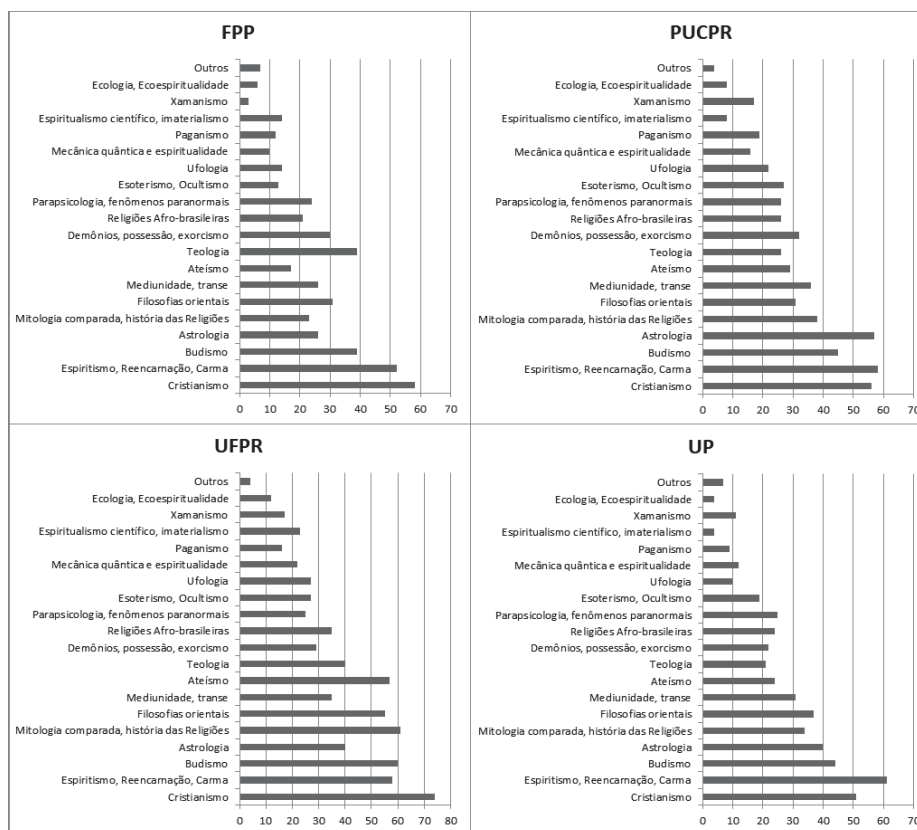
GRÁFICO 5 – MEIOS UTILIZADOS PARA CONHECER SOBRE RELIGIÃO



FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: frequência absoluta.

Os temas de maior interesse dos participantes são o cristianismo (43,2%, N=239), espiritismo, reencarnação, carma (41,4%, N=229), budismo (34%, N=188), astrologia (29,5%, N=163), mitologia comparada ou história das religiões (28,2% N=156) e filosofias orientais (27,8%, N=154). Temas contemporâneos como Ecoespiritualidade (5,4%, N=30), Espiritualismo Científico (8,9%, N=49) e Mecânica Quântica (10,8%, N=60) foram, de modo geral, menos sinalizados. Na comparação entre as IES, observou-se que os estudantes se interessam com frequência bastante semelhante pelos tópicos indicados. Os estudantes da UFPR, seguido da PUC/PR assinalaram um número maior de temas de interesse. O GRÁFICO 6 apresenta as frequências dos temas de interesse por IES.

GRÁFICO 6 – TEMAS DE INTERESSE EM RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE



FONTE: dados da pesquisa (2018). NOTA: frequência absoluta para FPP, N=465; PUC/PR, N=581; UFPR, N=717; UP, N=490.

Quanto à frequência em atividades e vivências relacionadas a E/R, mais da metade dos estudantes respondeu ter conversado sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida, muitas vezes ou frequentemente, com colegas (57,6% N=323) e com familiares (51,3%, N=287). Ainda, mais da metade dos estudantes também respondeu ter questionado suas crenças ou não crenças espirituais/religiosas com elevada frequência (56,5%, N=310). Diferentemente, 55,5% (N=310) afirmaram nunca ou raramente ter buscado orientação pessoal com líderes ou representantes religiosos (como padres, pastores, sacerdotes, guias, gurus, sensitivas, quiromantes, etc.). Sobre as práticas alternativas, religiosidades orientais, neoesotéricas e espiritualismos observou-se a baixa pontuação desses itens, com 65% (N=364) dos estudantes respondendo nunca ter buscado terapias alternativas, holísticas ou naturistas como Reiki, Floral e Transpessoal; e 67,4% (N=378) nunca ou raramente ter buscado autoconhecimento em técnicas como astrologia, numerologia, búzios e tarô. Por outra via, cerca de 50% (N=273) dos estudantes afirmaram ter buscado atendimento

psicológico com elevada frequência. A TABELA 1.6 apresenta as frequências e médias por item da escala conforme dados da amostra geral.

TABELA 1.6 – VIVÊNCIAS E PRÁTICAS EM E/R

(continua)

		AMOSTRA GERAL			
		N	%	M	DP
Conversou com colegas sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida	Nunca	11	2,0	3,7	1,0
	Raramente	61	10,9		
	Ocasionalmente	166	29,6		
	Muitas vezes	179	31,9		
	Frequentemente	144	25,7		
Conversou com familiares sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida	Nunca	23	4,1	3,5	1,2
	Raramente	98	17,5		
	Ocasionalmente	152	27,1		
	Muitas vezes	143	25,5		
	Frequentemente	144	25,7		
Questionou suas crenças ou não crenças espirituais/religiosas	Nunca	32	5,8	3,5	1,2
	Raramente	94	17,1		
	Ocasionalmente	113	20,6		
	Muitas vezes	169	30,8		
	Frequentemente	141	25,7		
Encontrou um novo significado nos rituais e práticas de sua religião	Nunca	154	27,8	2,7	1,4
	Raramente	112	20,2		
	Ocasionalmente	117	21,1		
	Muitas vezes	99	17,9		
	Frequentemente	72	13,0		
Buscou desenvolver sua espiritualidade através de novos conhecimentos e experiências espirituais ou religiosas	Nunca	132	23,6	2,8	1,4
	Raramente	117	20,9		
	Ocasionalmente	115	20,6		
	Muitas vezes	113	20,2		
	Frequentemente	82	14,7		
Escutou músicas com temas místicos ou religiosos (música sacra, gospel, new age, adoração, mantras, etc.)	Nunca	158	28,3	2,7	1,5
	Raramente	125	22,4		
	Ocasionalmente	93	16,7		
	Muitas vezes	76	13,6		
	Frequentemente	106	19,0		
Buscou autoconhecimento em técnicas como astrologia, numerologia, búzios, tarô, mapa astral, cabala, horóscopo, etc.	Nunca	233	41,5	2,2	1,3
	Raramente	145	25,9		
	Ocasionalmente	69	12,3		
	Muitas vezes	63	11,2		
	Frequentemente	51	9,1		

		(conclusão)			
		AMOSTRA GERAL			
		N	%	M	DP
Buscou orientação pessoal com pessoas que partilham da mesma crença que você (ex.: padres, pastores, sacerdotes, guias, gurus, sensitivas, quiromantes, etc.)	Nunca	217	38,8		
	Raramente	93	16,6		
	Ocasionalmente	97	17,4	2,5	1,4
	Muitas vezes	84	15,0		
	Frequentemente	68	12,2		
Esteve em atendimento psicológico (psicoterapia, psicanálise, plantão psicológico, etc.)	Nunca	129	23,2		
	Raramente	62	11,2		
	Ocasionalmente	92	16,6	3,3	1,6
	Muitas vezes	82	14,8		
	Frequentemente	191	34,4		
Buscou desenvolver sua espiritualidade no contato com a natureza, alimentação saudável, estética, práticas de meditação, vivências, artes marciais, etc.	Nunca	182	32,4		
	Raramente	108	19,3		
	Ocasionalmente	100	17,8	2,6	1,5
	Muitas vezes	79	14,1		
	Frequentemente	92	16,4		
Buscou terapias alternativas, holísticas ou naturistas como Reiki, Floral, Cromoterapia, Runas, Transpessoal, técnicas corporais alternativas, etc.	Nunca	364	65,0		
	Raramente	76	13,6		
	Ocasionalmente	60	10,7	1,7	1,2
	Muitas vezes	36	6,4		
	Frequentemente	24	4,3		

FONTE: dados da pesquisa (2018).

2.4. Centralidade da religiosidade

Para análise dos escores da ECR considerou-se inicialmente o mais adequado utilizar a ANCOVA assumindo a variável idade como covariável, o que significa controlar os resultados por essa variável ou excluir seu efeito na análise (Agranonik & Machado, 2011). Como explorado na literatura, sabe-se que há diferentes níveis de maturidade religiosa quando considerados sua relação com a maturidade e o desenvolvimento humano geral (Amatuzzi, 2015); estando a idade positivamente associada a índices mais elevados de atitude religiosa (Aquino et al., 2009). Como o objetivo era avaliar possíveis diferenças na centralidade da religiosidade dos estudantes no contexto dos diferentes tipos de instituição, a variável idade poderia ser um fator confundidor na proposta deste estudo.

O pressuposto de homogeneidade das variâncias para aplicação da ANCOVA, no entanto, não foi atendido (Agranonik & Machado, 2011). As variâncias deveriam ser similares para todos os grupos, porém o teste de Levene indicou diferença entre os grupos no fator

idade ($p < 0,05$), indicando que a ANCOVA não seria uma boa opção para analisar estes dados. Assim, a opção escolhida foi por diminuir o impacto da variável idade na amostra pela transformação dessa em uma amostra sem diferenças significativas entre os grupos quanto à idade. Como era sabido, das análises anteriores, que o grupo FPP era diferente dos outros quanto à idade, optou-se por excluí-lo da amostra. Um novo teste de análise de variância indicou que não havia diferença entre as médias de idade entre os três grupos restantes [$F(2,438) = 2,062$, $p > 0,05$]. A decisão foi considerada válida também por manter os objetivos iniciais do estudo em comparar a formação do psicólogo em IES pública, privada e confessional.

Quanto à análise de consistência interna da ECR, obteve-se o *Alpha de Cronbach* de 0,91, avaliando-se a versão CRS-5 um instrumento confiável e aceitável para sua aplicação entre estudantes do ensino superior. A análise pela remoção de cada item/dimensão também obteve bons índices de confiabilidade, com *Alpha de Cronbach* variando de 0,92 a 0,88 (conforme a ordem dos itens/dimensões no questionário, de 0,92 a 0,88).

O escore CR na amostra geral foi de 3,1 pontos (DP=1,3), o que segundo os parâmetros da escala caracteriza os estudantes de psicologia deste estudo como sendo religiosos. O resultado difere de estudos com a ECR realizados no Brasil, cujo escore médio é de 4,2 pontos, o que categoriza a população brasileira como altamente religiosa (Huber & Huber, 2012). Entre as dimensões fundamentais, a maior média entre os estudantes se concentra na dimensão Intelectual (M=3,5, DP=1,1) e a menor na dimensão Prática Pública (M=2,6, DP=1,6) (TABELA 1.7).

TABELA 1.7 – DESCRITIVO DIMENSÕES E ESCORE CR

	AMOSTRA GERAL		
	N	M	DP
Dimensões			
Intelectual	442	3,5	1,1
Ideológica	440	3,4	1,5
Prática Pública	442	2,6	1,6
Prática Privada	441	2,9	1,7
Experiência	442	2,9	1,5
Escore CR	439	3,1	1,3

FONTE: dados da pesquisa (2018).

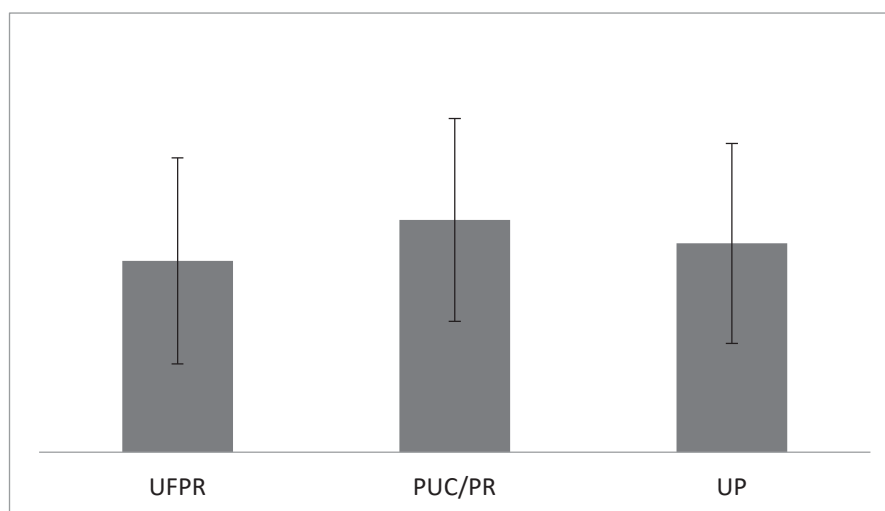
No comparativo entre os grupos, a ANOVA mostrou que existem diferenças entre os estudantes das IES participantes no escore CR e em quatro das cinco dimensões fundamentais, não sendo encontradas diferenças apenas entre os escores da dimensão Intelectual, pensar sobre questões religiosas (TABELA 1.8). Como esperado, dado os resultados sobre pertencimento religioso, os estudantes da IES pública foram os que obtiveram o menor escore CR, com média 2,8 (DP=1,5). Os estudantes da instituição confessional possuem os maiores escores, com diferença significativa na centralidade da religiosidade para com os estudantes da IES privada e principalmente para com os estudantes da pública (GRÁFICO 7).

TABELA 1.8 – COMPARATIVO DIMENSÕES E ESCORE CR POR IES

	UFPR			PUC/PR			UP			<i>p-valor</i>
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
Intelectual	158	3,4	1,1	147	3,7	1,1	137	3,5	1,1	p=0,118
Ideológica	157	3,0a***	1,5	147	3,9b***	1,4	136	3,5b*	1,4	p<0,001
Prática Pública	158	2,4a*	1,5	147	2,8b*	1,6	137	2,5	1,5	p=0,041
Prática Privada	157	2,6a**	1,7	147	3,2b**	1,6	137	2,9	1,6	p=0,007
Experiência	158	2,6a***	1,5	147	3,4b***	1,5	137	2,9a*	1,4	p<0,001
Escore CR	156	2,8a***	1,5	147	3,4b***	1,5	136	3,1	1,5	p=0,001

FONTE: Dados da pesquisa (2018). NOTA: resultado do teste post hoc de Tukey para o escore CR e dimensões por IES: escores médios não diferem estatisticamente entre si: a = a; escores médios diferentes estatisticamente entre si: a ≠ b ≠ c; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001.

GRÁFICO 7 – ESCORE CENTRALIDADE DA RELIGIOSIDADE POR IES



FONTE: dados da pesquisa (2018).

Na dimensão Intelectual, observaram-se escores médios elevados para todos os cursos, o que corrobora com os resultados observados sobre o interesse e busca pessoal por temas em religião e espiritualidade por parte dos estudantes da amostra. Como aferido pelos pressupostos da escala, há a expectativa social de que pessoas religiosas possuem conhecimentos na área da religião, e na estrutura psicológica, de que pensam a respeito do tema a partir de um conjunto de conhecimentos, interesses e habilidades hermenêuticas. Os escores altos sugerem uma vivência reflexiva e ativa nesse âmbito da vida religiosa, o que pode estar relacionado com a própria experiência do curso, bem como com uma possível fase de transição ou ressignificação da experiência religiosa.

Como pode ser observado na TABELA 1.8, em relação à dimensão Ideológica, os estudantes da PUC/PR têm escores significativamente maiores que os estudantes da UP e da UFPR, o que sugere que esses estudantes estão mais atentos a representação social da crença na existência de um transcendente; e individualmente mais convictos a respeito de suas crenças religiosas.

Nas dimensões práticas ritualísticas, os estudantes da PUC/PR também apresentaram escores significativamente maiores que os estudantes da UFPR, indicando maior frequência e responsividade social e individual para práticas religiosas, tanto na esfera pública quanto na privada. Na dimensão experiência religiosa, o grupo tem escores significativamente maiores que os da UP e UFPR, especialmente em comparação a esses últimos. Conforme os pressupostos da escala, é possível que os estudantes da IES confessional vivenciem a vida religiosa de uma forma mais pessoal, afetuosa e intensa.

Na análise de variância entre as IES por ano de curso, foram encontradas diferenças nos escores da ECR entre os alunos do primeiro, segundo e quarto ano de formação (TABELA 1.9). No contexto do primeiro ano de curso, os alunos da UP obtiveram os menores índices na CR e em quatro das cinco dimensões fundamentais. Esse grupo é significativamente diferente dos estudantes da PUC/PR nas dimensões Prática Privada, Experiência e CR. O resultado chama atenção, dado que os calouros da UP são aqueles com maior tempo de curso na amostra, dado que a coleta nessa IES foi realizada no mês de setembro para um curso que é anual. Os estudantes da PUC/PR estavam nas primeiras semanas de aula e os da UFPR no terceiro mês do primeiro período. No comparativo transversal, esse é o único momento em que os estudantes da UP apresentam média menor que os estudantes da UFPR.

TABELA 1.9 – COMPARATIVO DIMENSÕES E ESCORE CR ANO DE CURSO

	UFPR			PUC/PR			UP			<i>p-valor</i>
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	
Primeiro ano										
Intelectual	45	3,7	0,9	42	3,7	1,0	30	3,2	1,1	p=0,055
Ideológica	44	3,2	1,5	42	3,8	1,4	30	3,2	1,3	p=0,091
Prática Pública	45	2,6	1,5	42	2,9	1,7	30	2,3	1,3	p=0,267
Prática Privada	44	3,0	1,7	42	3,3a*	1,7	30	2,4b*	1,3	p=0,041
Experiência	45	2,8	1,5	42	3,5a*	1,5	30	2,5b*	1,2	p=0,013
Escore CR	43	3,0	1,5	42	3,4a*	1,5	30	2,7b*	1,3	p=0,045
Segundo ano										
Intelectual	22	3,4	0,9	31	3,9	1,1	28	3,6	1,3	p=0,297
Ideológica	22	2,6a**	1,7	31	4,0b**	1,4	28	3,3	1,6	p=0,006
Prática Pública	22	1,9a*	1,4	31	3,1b*	1,6	28	2,4	1,6	p=0,021
Prática Privada	22	2,3a*	1,6	31	3,5b*	1,5	28	2,7	1,6	p=0,016
Experiência	22	2,2a**	1,5	31	3,5b**	1,4	28	2,8	1,4	p=0,008
Escore CR	22	2,5a**	1,5	31	3,6b**	1,4	28	3,0	1,5	p=0,005
Terceiro ano										
Intelectual	28	3,6	1,3	27,0	4,0	0,9	29,0	3,4	0,9	p=0,117
Ideológica	28	3,2	1,6	27,0	3,7	1,4	28,0	3,3	1,5	p=0,362
Prática Pública	28	2,4	1,6	27,0	2,9	1,5	29,0	2,3	1,4	p=0,277
Prática Privada	28	2,6	1,7	27,0	3,3	1,6	29,0	2,8	1,6	p=0,33
Experiência	28	2,7	1,6	27,0	3,4	1,6	29,0	2,8	1,4	p=0,181
Escore CR	28	2,9	1,6	27,0	3,5	1,4	28,0	2,9	1,4	p=0,194
Quarto ano										
Intelectual	25	3,0	1,0	31	3,5	1,0	23	3,7	1,1	p=0,111
Ideológica	25	2,7a*	1,5	31	3,7b*	1,3	23	4,0b**	1,1	p=0,003
Prática Pública	25	2,6	1,4	31	2,5	1,4	23	3,0	1,6	p=0,361
Prática Privada	25	2,4	1,6	31	2,8	1,6	23	3,3	1,8	p=0,209
Experiência	25	2,3a*	1,5	31	3,1	1,4	23	3,4b*	1,4	p=0,04
Escore CR	25	2,6	1,4	31	3,1	1,4	23	3,5	1,4	p=0,059
Quinto ano										
Intelectual	38	3,3	1,1	16	3,2	1,5	27	3,6	1,2	p=0,448
Ideológica	38	3,1	1,5	16	3,4	1,7	27	3,7	1,4	p=0,378
Prática Pública	38	2,3	1,6	16	2,6	2,0	27	2,7	1,6	p=0,553
Prática Privada	38	2,5	1,7	16	2,9	1,8	27	3,4	1,6	p=0,124
Experiência	38	2,6	1,3	16	3,3	1,5	27	3,4	1,5	p=0,054
Escore CR	38	2,7	1,5	16	3,1	1,7	27	3,3	1,5	p=0,205

FONTE: Dados da pesquisa (2018). NOTA: Resultado do teste post hoc de Tukey para o escore CR e dimensões por IES e ano de curso: escores médios não diferem estatisticamente entre si: a = a; escores médios diferentes estatisticamente entre si: a ≠ b ≠ c; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001.

Nos subgrupos referentes ao segundo ano de curso, tem-se que os estudantes da UFPR possuem escores significativamente menores que os estudantes da PUC/PR, com

exceção da dimensão Intelectual que não apresentou diferença entre os grupos. O segundo ano é o momento em que os estudantes da UFPR apresentam os menores escores (exceção da dimensão Intelectual) tanto em comparação aos outros anos de curso quanto em comparação a PUC/PR e UP. No contexto do quarto ano de curso, os estudantes da UP apresentaram escores maiores na CR e em todas as dimensões fundamentais, com diferença significativa na dimensão Ideológica entre a PUC/PR e UFPR, e na dimensão Experiência com os estudantes da UFPR.

3. Discussão

O levantamento quantitativo apresentou um perfil de estudantes de psicologia com representação significativa tanto de indivíduos que declaram pertencer a uma religião institucionalizada, quanto de indivíduos sem religião. Observou-se que o número de estudantes que se declaram católicos é destacadamente menor quando comparado à população brasileira, e também como indica o Censo 2010, ao número de católicos com formação superior (66,3%) e de católicos com idade entre 18 a 25 anos (66,3%). Do mesmo modo, o número de estudantes sem religião comparado a esses grupos, formação superior (7%) e jovens com idade entre 18 a 25 (10,5%) é consideravelmente superior a amostra nacional (IBGE, 2010). Tais resultados parecem já reforçar a concepção de que o contato com a ciência psicológica e a formação em psicologia pode provocar mudanças e reestruturações importantes na vivência pessoal de E/R, quando se permite até mesmo pressupor uma transferência de identificação religiosa, de um referencial católico, evangélico, espírita para uma desinstitucionalização religiosa.

Levantamentos realizados com estudantes também da área da saúde, conforme estudo elaborado no primeiro artigo, parecem corroborar com essa hipótese, pois ainda que apresentem números expressivos de pessoas sem religião, os percentuais da amostra investigada desta pesquisa ainda se mostram superiores. Nesse cenário, os autores de um estudo realizado também com estudantes de áreas ligadas à saúde (N=183), se surpreenderam com a representação de estudantes de psicologia sem religião comparada aos acadêmicos de medicina, biomedicina, enfermagem, nutrição, educação física, fisioterapia, terapia ocupacional e serviço social: “mas o que chama a atenção é que 56% dos ingressantes em Psicologia não têm afiliação religiosa” (Zanetti et al., 2018, p. 72). Nesse estudo, 27,9% dos estudantes responderam não ter religião, 43,2% serem católicos, 13,7% espíritas e 10,4%

evangélicos. O segundo grupo de estudantes com maior número de pessoas sem religião foi o de biomedicina, com 38,9% da amostra.

Por outra via, os resultados do presente estudo igualmente aferem um perfil de estudante religioso, como atribuído pelos escores da ECR e pelos dados referidos à história, formação, educação espiritual/religiosa e também pela afiliação religiosa dos pais. Como esperado, a religião e a E/R são parte constitutiva da vida dos estudantes de psicologia, especialmente as religiosidades cristãs, resultado que em si mesmo já estrutura e localiza inúmeras características, crenças e representações socioculturais que são naturais aos brasileiros. Reforça esse retrato o fato de também indicarem elevado interesse por temas em religião, especialmente pelo cristianismo e espiritismo, e os níveis admitidos na dimensão Intelectual, quando se sugere que pensam em questões religiosas com frequência considerável e buscam tais assuntos principalmente em fontes de origem religiosa e espiritualizada.

Como discutido por Ancona-Lopez (2007, 2008), a cultura religiosa é um dado na história de vida e visão de homem e mundo do estudante de psicologia; é também um dado de realidade o fato de que essa cultura acabe por ser frequentemente confrontada ao longo da graduação, tanto por aspectos peculiares a ciência psicológica quanto pelo modo como a disciplina é transmitida nos cursos de psicologia do país (Ancona-Lopez, 2005). Nesse sentido, os achados relacionados ao interesse pelo tema religião e a categorização, “religioso”, admitida pelos escores da ECR parecem mesmo estar de acordo com um perfil de indivíduos que vivenciam um período de transição entre a presença e ausência de um sistema de construção religiosa como designado por Huber e Huber (2012). Dito de outra forma, é possível que o contato com a ciência psicológica seja, em certo nível, uma condição preponderante para questionamentos, crises pessoais e busca de novas identificações e identidades religiosas ou não religiosas experimentada pelos colaboradores deste estudo.

Por outro prisma, o fator idade também precisa ser avaliado na leitura e análise dos resultados. Os alunos da FPP representam o grupo com maior pertencimento religioso, sem a autodeclaração de ateus na amostra. Entretanto, também representam um perfil de estudante mais maduro no quesito fases da vida, visto que são mais velhos que os estudantes das outras IES, com maior presença de colaboradores casados, que trabalham, contribuem financeiramente com os rendimentos da família e estão em uma segunda formação superior. Resultados similares foram encontrados por (Cavalheiro, 2010) em estudo com formandos em psicologia de 25 IES no Rio Grande do Sul. Os formandos de uma IES confessional foram os que apresentaram os maiores níveis de bem-estar espiritual em toda a amostra, mas o grupo

também era representado por estudantes mais velhos, casados, viúvos, divorciados, que trabalhavam e estavam em uma segunda formação superior. No estudo, Cavalheiro (2010) igualmente analisou em grupo focal os formandos de uma IES pública que apresentaram os menores níveis de bem-estar espiritual de toda a amostra. Diferente do primeiro, esses estudantes eram todos solteiros, dependiam financeiramente dos pais e a psicologia era a primeira experiência na formação de nível superior. Além dos níveis de bem-estar espiritual, o grupo também se diferenciava bastante na forma como identificavam possibilidades de abertura, diálogo e interação da psicologia com a espiritualidade, tanto na dimensão profissional quanto na dimensão pessoal.

Esses achados ajudam a pensar questões importantes associadas ao perfil e vivência espiritual/religiosa do estudante de psicologia que propriamente podem não estar relacionadas a possíveis efeitos da graduação na vida religiosa. Se o estudante com faixa etária mais elevada tende a experimentar menor impacto, ou ainda, se o estudante que inicia a graduação aos 18 anos está, pela condição de desenvolvimento e maturidade, mais suscetível à influência do curso e aos questionamentos que serão provocados pela ciência psicológica são questões em aberto para novas investigações.

Não obstante, com base na literatura sobre desenvolvimento religioso vale destacar que o jovem adulto busca uma aproximação mais racionalizada e significativa no que se refere a sua visão de mundo e filosofia de vida (Amatuzzi, 2015). Nesta fase, a religião ou seu sistema de crenças não mais se sustenta com o conhecimento dos outros (pais, líderes religiosos, amigos), mas carecem de uma busca e investimento pessoal que agreguem racionalidade, experiência e sentido a essas vivências. Segundo Amatuzzi (2015), este movimento não é uma tarefa fácil ou simples, fato que o jovem, como alternativa, pode avançar nessa busca e definição; pode abandonar referenciais religiosos e substituir por algo não religioso que igualmente receba investimento pessoal; ou permanecer estacionado em posições que nesse momento serão superficiais, sem intimidade ou envolvimento pessoal. Apropriadamente, cada uma dessas proposições pode contribuir para a compreensão dos fenômenos aqui problematizados.

A investigação também possibilitou identificar diferenças no perfil de E/R dos estudantes das IES pública, privada e confessional. A primeira que se destaca se refere à indicação dos colaboradores a respeito das disciplinas que abordaram durante a formação o tema da religião e/ou espiritualidade. Como observado, na percepção dos graduandos das IES privadas, o tema é pouco ou nunca trabalhado durante o curso. Esse resultado é um retrato de

como o tema carece de presença na formação do psicólogo, especialmente pelo dado de que a maior parte dos cursos no país se concentra em instituições privadas sem vínculo confessional (W. Costa et al., 2010; Yamamoto, Falcão & Seixas, 2011).

No caso da IES confessional, observou-se que quase a totalidade dos estudantes indicou a disciplina Cultura Religiosa como momento em que se estuda no curso o tema religião e espiritualidade. Em termos de inserção desse tema nos cursos de psicologia do país, sabe-se que menos de 25% das IES o incluem em seus currículos, sendo a oferta realizada por instituições com vínculo confessional em cerca de 70% dos casos (W. Costa et al., 2010; Piasson, 2017). Embora também se saiba que o conteúdo dessas disciplinas tenda a ter origem na Teologia e primem por uma visão cultural da religião²⁰ (Lucchetti et al., 2012; Piasson, 2017), investigações de base qualitativa sugerem que tais disciplinas e conteúdos podem contribuir para a reflexão, abertura pessoal e desenvolvimento ético e moral na perspectiva de estudantes de psicologia (Cavalheiro, 2010; L. A. C. da Silva, 2016; Souza, 2014). Esses mesmos estudantes, no entanto, também respondem sentir falta de um diálogo e preparo profissional vindo da própria psicologia, ainda que considerem positivo o trabalho e abertura da instituição confessional ao abordar o tema religião e espiritualidade (Cavalheiro, 2010; Souza, 2014).

Na IES pública, cerca de 30% dos colaboradores consideraram já ter estudado o tema de forma central no curso, sendo a principal disciplina apontada a optativa de Psicologia e Religião. Na amostra geral, disciplinas oriundas da Psicologia Humanista, Antropologia, Psicologia Analítica, Psicanálise e Ética também foram indicadas, dado também observado em estudos qualitativos sobre a percepção dos estudantes a respeito da abordagem ao tema nos cursos de psicologia (L. A. C. da Silva, 2016).

No comparativo entre as IES no âmbito do perfil de E/R dos colaboradores, destacaram-se diferenças importantes entre grupos. O dado mais proeminente se refere ao número elevado de estudantes sem religião (agnósticos e ateus mais precisamente) na IES pública. O fato da representação de estudantes que declaram filiação religiosa ser inferior ao número dos sem religião parece ser um dado novo, tanto em relação a estudantes de psicologia quanto a outros estudantes da área da saúde.

²⁰ E não confessional ou proselitista como preconcebido por alguns estudantes. Nos estudos revisados do artigo II, alguns estudantes mencionam que tiveram “medo” da disciplina, pois deduziam que essa teria caráter evangelizador, dada a vinculação religiosa da instituição.

Depois da instituição pública, o grupo menos religioso no comparativo é o da IES privada com fins lucrativos (UP). Esse grupo também apresentou um percentual elevado de indivíduos sem religião, contudo mais de 60% desses estudantes se consideram pessoas “espiritualizadas, mas não religiosas”, diferente da amostra geral onde 48% dos colaboradores assim se descreveram, e dos estudantes da IES pública, que em maior número se descrevem como “nem religioso, nem espiritualizado” (42,4%).

Os estudantes da IES confessional foram os que apresentaram os maiores escores na ECR, sendo esse grupo significativamente mais religioso que os estudantes da IES pública e da privada. Nas dimensões associadas às práticas religiosas, os estudantes da IES confessional também são diferentes dos estudantes da IES pública, indicando que participam mais de atividades e serviços religiosos e se dedicam a práticas de oração e reza com maior frequência.

Posto que o comparativo realizado neste estudo seja de caráter exploratório e se limite aos estudantes e IES participantes, as diferenças observadas parecem corroborar com a hipótese de que o curso de psicologia influencia a E/R do graduando e que essa influência pode ser mais ou menos significativa dependendo do contexto institucional onde esse estudante se insere. Como elucubrações, permanecem questões associadas às possíveis diferenças entre um clima institucional secular (e laicista) e aqueles de vinculação religiosa; entre o corpo docente e as distintas propostas pedagógicas; e do que seja religião, espiritualidade e ética para essas diferentes instituições.

Referências

- Agranonik, M. & Machado, L. R. (2011). Análise de Covariância: uma aplicação a dados de função pulmonar, ajustada por idade. *Revista Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, 31(2), 248–253. Retirado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/21523>
- Amatuzzi, M. M. (2015). *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*. São Paulo, SP: Ideias & Letras.
- Ancona-Lopez, M. (2005). A espiritualidade e os psicólogos. In M. M. Amatuzzi (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 147–159). São Paulo, SP: Paulus.
- Ancona-Lopez, M. (2007). As crenças pessoais e os clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez (Eds.), *Temas em Psicologia da Religião* (pp. 187–2010). São Paulo, SP: Vetor.
- Ancona-Lopez, M. (2008). Religião na constituição da subjetividade: psicólogos e seus clientes. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 69–102). São Paulo, SP:

Cengage Learning.

- Aquino, T. A. A. de, Correia, A. P. M., Marques, A. L. C., Souza, C. G. de, Assis Freitas, H. C. de, Araújo, I. F. de, ... Araújo, W. F. de. (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 228–243. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200003>
- Astin, A. W., Astin, H. S., Lindholm, J. A., Bryant, A. N., Calderone, S. & Szelényi, K. (2005). *The spiritual life of college students: a national study of college students' search for meaning and purpose*. Los Angeles, CA: UCLA Higher Education Research Institute. Retirado de <http://spirituality.ucla.edu/>
- Borges, D. C., Anjos, G. L. dos, Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Lucchetti, G. (2013). Saúde, espiritualidade e religiosidade na visão dos estudantes de medicina. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 11(1), 6–11. Retirado de <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3380.pdf>
- Camurça, M. A. (2006). A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 35–48). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cavalheiro, C. M. F. (2010). *Espiritualidade na clínica psicológica: um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Retirado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>
- Costa, C. C. da, Bastiani, M. de, Geyer, J. G., Calvetti, P. Ü., Muller, M. C. & Moraes, M. L. A. de. (2008). Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia Em Estudo*, 13(2), 249–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200007>
- Costa, W., Nogueira, C. & Freire, T. (2010). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need for reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9255-9>
- Espinha, D. C. M., Camargo, S. M. de, Silva, S. P. Z., Pavelqueires, S. & Lucchetti, G. (2013). Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e Religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(4), 98–106. doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-1447201300040001>
- Ferreti, M. L. C. (2010). *Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Retirado de <http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/dis.MaraFerretti.pdf>
- Freitas, M. H. de. (2004). Modalidades de crença religiosa e desempenho na prova de Rorschach em estudantes de psicologia. In A. F. Holanda (Ed.), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia* (pp. 97–124). Campinas (SP): Alínea.
- Gandelman, T. C. (2013). *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de*

formação de psicólogo (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>

- Gastaud, M. B., Souza, L. D. D. M., Braga, L., Horta, C. L., Oliveira, F. M. De, Sousa, P. L. R. & Silva, R. A. Da. (2006). Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: estudo transversal. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande Do Sul*, 28(1), 12–18. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000100003>
- Glock, C. Y. (1962). “On the study of religious commitment”. Review of Recent Research Bearing on Religious and Character Formation. *Religious Education*, (july-august), 98–110.
- Glock, C. Y. (1973). *Religion in Sociological perspective: essays in the empirical study of religion*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Co.
- Huber, S. (2003). *Zentralität und Inhalt: Ein neues multidimensionales Messmodell der Religiosität*. Opladen: Leske and Budrich.
- Huber, S. & Huber, O. W. (2012). The Centrality of Religiosity Scale (CRS). *Religions*, 3(4), 710–724. doi: <https://doi.org/10.3390/rel3030710>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.ibge.gov.br>
- Lucchetti, G., Lucchetti, A. L. G., Espinha, D. C. M., Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Koenig, H. G. (2012). Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. *BMC Medical Education*, 12(1). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-12-78>
- Lucchetti, G., Oliveira, L. R. de, Koenig, H. G., Leite, J. R. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Medical students, spirituality and religiosity-results from the multicenter study SBrame. *BMC Medical Education*, 13(1). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-13-162>
- Magnani, J. G. C. (1999). *Mystica Urbe. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, SP: Studio Nobel. Retirado de <http://www.mdpi.com/2077-1444/3/3/710/>
- Novaes, R. (2006). Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In F. Texeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 135–160). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Novaes, R. (2013). Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *Religiões em movimento: o Censo 2010* (pp. 175–190). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Paiva, G. J. de. (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In Mauro Martins Amatzuzi (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 31–47). São Paulo, SP: Paulus.
- Pereira, K. C. L. & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de

- psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>
- Piasson, D. L. (2017). *O Senso Religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília). Retirado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2330>
- Pierucci, A. F. (2006). Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 49–51). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2017). Resolução N° 33/2017 - CONSUN. Aprova a homologação da Resolução N° 02/207 - CONSUN que alterou a Resolução N° 70/2016 - CONSUN que trata da matriz curricular do curso de Psicologia - Câmpus Curitiba. Retirado de <https://www.pucpr.br/escola-de-ciencias-da-vida/wp-content/uploads/sites/22/2017/07/resoluucca7acc83o-no-33-2017.pdf>
- Silva, G. R. (2010). *Universitários e religião: uma revisão bibliográfica* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais). Retirado de <http://hdl.handle.net/10183/20936>
- Silva, L. A. C. da. (2016). *Espiritualidades e Bem-estar Espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife/PE à luz da Abordagem Integral/Transpessoal* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco). Retirado de <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18066>
- Souza, F. F. de. (2014). *Psicologia e espiritualidade – grupo temático com alunos adventistas de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15381>
- Steil, C. A., Alves, D. & Herrera, S. R. (2001). Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil. *Debates do NER*, 2(2), 9–35. Retirado de <http://hdl.handle.net/10183/20936>
- Tavares, F. R. G. & Camurça, M. A. (2010). “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 7(1), 11–46. Retirado de <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/727>
- Universidade Federal do Paraná (2008). Portaria N° 095/2008 - PROGRAD/UFPR, 28 de novembro de 2008. Aprova o ajuste curricular do curso de Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, aplicável a Resolução 11/08-CEPE (2008). Retirado de <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologia/files/2018/04/Portaria-095-2008-assinada.pdf>
- Vieira, T. M., Zanini, D. S. & Amorim, A. de P. (2013). Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 17(2), 141–151. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>
- Yamamoto, O. H., Falcão, J. T. da R. & Seixas, P. de S. (2011). Quem é o estudante de

Psicologia do Brasil? *Avaliação Psicológica*, 10(3), 209–232. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000300002

Zanetti, G. C., Lemos, G. L., Gotti, E. S., Tomé, J. M., Silva, A. P. da & Rezende, E. A. M. R. de. (2018). Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da Saúde e Humanas (ligadas à Saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(1), 65–72. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20160044>

ARTIGO IV

ESTUDO QUALITATIVO: VIVÊNCIAS DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO COMO PSICÓLOGO

Introdução

O estudo apresentado neste artigo aborda a relação religião e ciência psicológica na formação do psicólogo e é um seguimento do estudo anterior, “Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido” (Pereira & Holanda, 2016). Essa pesquisa foi realizada com 60 estudantes de uma IES pública e contemplou alunos de todos os cinco anos da graduação. A maioria dos colaboradores declarou pertencer a uma religião ou acreditar em Deus (N=43).

Os principais resultados observados nos relatos sobre a relação entre Psicologia e Religião na graduação indicaram o interesse dos estudantes em abordar e discutir o tema na formação, dado que reconhecem a religiosidade como um fenômeno humano e de interesse da psicologia; a presença de uma crítica determinante por parte dos estudantes quanto ao silenciamento e falta de abertura do curso com respeito ao assunto; e os relatos e expressões também de crítica quanto a experiências de desrespeito, intolerância e preconceito para com o modo como o tema é tratado no curso e no ambiente acadêmico.

Os sentidos e percepções apreendidas no estudo mostraram vivências que se constituem de diferentes formas na vida acadêmica, pessoal religiosa e profissional, indicando que há estudantes que buscam associar a visão religiosa de mundo com a psicologia; estudantes que respondem separar esses campos; e aqueles que até o momento do estudo, não haviam elaborado essa relação, indicando vivências de conflito e contradição no diálogo das crenças ou não crenças pessoais com a psicologia.

Assim como no primeiro estudo, a proposta do presente trabalho foi investigar como estudantes de psicologia vivenciam sua espiritualidade/religiosidade (E/R) em relação ao ambiente acadêmico e à formação como psicólogo. Como objetivos específicos, buscou-se identificar possíveis diferenças entre as vivências de estudantes de Instituição de Ensino Superior (IES) pública, privada e confessional; se existem vivências de conflito em relação às crenças espirituais/religiosas e como lidam com possíveis impasses nos contextos da vida

acadêmica e formação profissional; e quais as representações e sentidos atribuídos à relação entre Psicologia e Religião na formação científica, vivência pessoal e atuação profissional.

1. Método

Foi realizado um estudo descritivo qualitativo, sendo o instrumento de pesquisa um questionário estruturado para relato escrito. A análise dos dados foi desenvolvida com base na metodologia empírico-fenomenológica, método que busca acessar elementos de significado e estruturas do vivido a partir de uma análise sistematizada de depoimentos ou outras formas de objetivação das vivências (Amatuzzi, 1996).

A pesquisa fenomenológica se fundamenta no estudo das vivências e busca, a partir de uma análise compreensiva e descritiva, apreender estruturas do vivido relacionadas ao fenômeno investigado (Holanda, 2011). O vivido é o dado imediato da consciência, a experiência intencional vivida pelo colaborador do estudo tal como aparece para ele.

Na análise fenomenológica, o relato é tomado em sua intencionalidade própria e constitutiva, diferentemente de análises qualitativas baseadas no significado literal do discurso ou em indicadores de estruturas inconscientes (Amatuzzi, 2011). O objetivo é acessar a essência do fenômeno investigado, o significado da experiência conforme atribuída pelo sujeito, substanciada pelo que está dizendo. A descrição dos resultados, ou descrição fenomenológica, compõe as significações resultantes – as estruturas do vivido delineadas pelos significados e estruturas gerais das experiências (Amatuzzi, 1996; Holanda 2006).

Na pesquisa fenomenológica, a essência ou elucidação das vivências pode ser alcançada a partir de um método que contemple três elementos fundamentais: a redução fenomenológica, a intersubjetividade e o retorno ao vivido (Holanda, 2011). Na redução fenomenológica tem-se a abstenção de juízos do pesquisador, momento que precisa colocar em suspenso a estrutura de suas próprias vivências. A intersubjetividade refere à relação pesquisador e sujeito pesquisado, momento que se desenvolve a apreensão de vivências individuais e socioculturais permitida por uma compreensão humana e plural, logo intersubjetiva. Por fim, no retorno ao vivido, o pesquisador busca acessar a experiência vivida na retomada do mundo-da-vida do sujeito, tal como o sujeito significa.

Desse modo, como explicita Amatuzzi (2011, p.21), os participantes de um estudo fenomenológico não fornecem informações, mas “pensam junto sobre o assunto” e o fazem, em muitos contextos, pela primeira vez. O pesquisador que se propõe a uma análise fenomenológica também se coloca como um facilitador do acesso ao vivido, dado que o tema

investigado pode não ter sido anteriormente refletido em profundidade pelo colaborador. Assim, a elaboração desenvolvida no ato de responder a pesquisa pode ser um vivido ainda não acessado ou reconhecido de antemão. Nesse sentido, o vivido expresso no ato reflexivo provocado pelo estudo é também um vivido surpreendido no presente, “quando a experiência da pessoa é pensada de repente e dita como pela primeira vez” (Amatuzzi, 2011, p. 22). Nesse sentido, a pesquisa fenomenológica sonda o vivido, dado que o que se apresenta não é um vivido puro, mas versões dele conectadas a representações sociais, culturais e individuais.

2. Instrumento

De acordo com Amatuzzi (2011, p.21), os diferentes formatos de análise qualitativa, como a análise de conteúdo ou a do tipo psicanalítica, podem ser desenvolvidos a partir de qualquer relato. No entanto, existem tipos de relato mais favoráveis para uma ou outra proposta de análise. No caso da análise fenomenológica, o melhor relato é aquele que busca trazer ou tornar presente, a experiência vivida pelo colaborador, especialmente quando se é possível retomar tais relatos em profundidade em contextos de dúvida sobre a compreensão do sentido de tais vivências. Uma forma sugerida pelo autor é inquirir o colaborador sobre o fenômeno a partir de sua experiência pessoal e concreta, como forma de remetê-lo ao seu mundo e consciência: — “estou pesquisando tal coisa: o que você pode me dizer sobre isso a partir de sua experiência pessoal?”.

A proposta de inquérito utilizada no presente estudo foi o relato escrito a partir de perguntas abertas dirigidas a segunda pessoa do singular, isto é, perguntas direcionadas as percepções, vivências e experiências do colaborador (APÊNDICE 1). O objetivo foi direcioná-lo ao seu mundo, história e consciência ao ser convidado a participar e responder a pesquisa. O instrumento foi denominado como Questionário para Crentes e Não Crentes ainda no contexto da pesquisa anterior (Pereira & Holanda, 2016). Ainda que o formato estruturado para relato escrito seja pouco convencional em pesquisas qualitativas e fenomenológicas, o modelo possibilitou a participação de um número representativo de colaboradores (quando comparado a estudos qualitativos em geral), mostrando-se adequado para coleta de relatos de experiência e estudo das vivências quando se planeja trabalhar com uma amostra mais ampla. Considera-se como principais limitações do modelo o grau de direcionamento dos temas, associados ao número significativos de perguntas que compõem o instrumento; e a impossibilidade de retornar ao colaborador para obter mais informações ou confirmar impressões sobre o vivido.

O questionário é composto por cinco perguntas abertas e tem como objetivo apreender vivências e percepções relacionadas à a) conceituação pessoal de Psicologia; b) a relação entre Psicologia e Religião na perspectiva e experiência do estudante; c) a percepção do ambiente acadêmico em relação à religião e as crenças ou não crenças religiosas; d) a possíveis experiências de conflito no contexto de sala de aula; e) e a relação entre a E/R pessoal e a formação como psicólogo.

2.1. Participantes

O estudo qualitativo foi realizado com base no relato escrito dos colaboradores do último ano de curso que responderam o caderno de questões, conforme descrito nos procedimentos de coleta dos dados do artigo três que trata do estudo quantitativo. Essa amostra foi composta por 108 estudantes de psicologia das quatro IES participantes, sendo 38 da UFPR, 27 da FPP, 27 da UP e 16 da PUC/PR. Os formandos têm entre 21 e 65 anos idade ($M=26,4$ / $DP=7,5$), com faixa etária predominante dos 21 aos 23 anos (52,8%, $N=57$). A maioria é do sexo feminino ($N=84$, 77,8%), solteira ($N=81$, 75%) e não exerce atividade remunerada ($N=57$, 52,8%). Dentre os que exercem ($N=51$), 37,3% tem um trabalho formal ($N=19$) e 29,4% ($N=15$) fazem estágio.

A TABELA 2.1 apresenta a distribuição da amostra de formandos por IES e grupos de religião.

TABELA 2.1 – FORMANDOS POR GRUPOS DE RELIGIÃO E PERTENCIMENTO

	FPP		PUC/PR		UFPR		UP		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pertencimento religioso										
Católicos	11	10,2	4	3,7	4	3,7	10	9,3	29	26,9
Espíritas	1	0,9	-	-	3	2,8	1	0,9	5	4,6
Evangélicos	6	5,6	3	2,8	4	3,7	4	3,7	17	15,7
Umbandistas	-	-	1	0,9	1	0,9	1	0,9	3	2,8
Outras religiosidades	5	4,6	-	-	2	1,9	1	0,9	8	7,4
Sem religião										
Acreditam em Deus	3	2,8	2	1,9	6	5,6	4	3,7	15	13,9
Agnósticos	1	0,9	4	3,7	13	12	2	1,9	20	18,5
Ateus	-	-	2	1,9	5	4,6	4	3,7	11	10,2
Total	27	25	16	14,8	38	35,2	27	25	108	100

Fonte: dados da pesquisa (2018).

Quanto ao perfil de E/R, 57,4% (N=62) pertencem a uma religião, 28,7% são ateus ou agnósticos e 13,9% responderam acreditar em Deus, mas não ter religião. Neste texto, categorizamos como não crentes estudantes que se declararam ateus ou agnósticos, e como crentes, estudantes com pertencimento religioso e que acreditam em Deus.

Em relação a autodeclaração de espiritualidade e religiosidade, a maior parte dos formandos se considera uma pessoa “espiritualizada, mas não religiosa” (46,3%, N=50), seguida de “nem religiosa, nem espiritualizada” (25,9%, N=28), “religiosa e espiritualizada” (14,8%, N=16) e “religiosa” (13%, N=14).

2.2. Procedimentos de análise dos dados

A análise dos depoimentos foi realizada em conformidade com a metodologia empírico-fenomenológica a partir de uma leitura compreensiva dos relatos voltada ao sentido das vivências e estruturas do vivido. A análise foi conduzida de acordo com os passos desenvolvidos no estudo anterior (Pereira & Holanda, 2016) e os dados (núcleos de significação ou categorias de sentido) tabulados por IES e pergunta do questionário. A tabulação teve como finalidade discriminar, e em certo nível, quantificar as categorias que emergiram entre os grupos, dado o volume de material a ser analisado e o interesse por possíveis distinções entre as IES participantes. Abaixo, descrevem-se os passos desenvolvidos na análise (Pereira & Holanda, 2016, p.395):

1. Leitura das respostas por colaborador, considerando os relatos como um todo, em sua estrutura geral, para uma compreensão do sentido global da experiência;
2. Leitura das respostas por pergunta do instrumento, também com o objetivo de buscar o sentido global, com base, porém, no enfoque e objetivos da pergunta;
3. Retomada aos relatos por pergunta do instrumento, tendo como base a busca por uma compreensão do depoimento que considere o que o colaborador está dizendo;
4. Transcrição e tabulação dos elementos que expressam o sentido e o significado da experiência vivida;
5. Elaboração de síntese com base em núcleos de significação – estruturas do vivido que convergem na experiência global intercolaboradores.

3. Resultados e análise dos dados

Esta sessão foi organizada no formato de descrição fenomenológica e organizou-se inicialmente a partir dos temas propostos nas perguntas dois a cinco do questionário²¹. Neste formato, a estrutura do texto não oferece macro categorias de análise, mas núcleos de significação que emergiram no estudo. A escolha se deve ao volume significativo de experiências e percepções relatadas e à complexidade de se distinguir e classificar vivências e expressões que se conectam e inter cruzam o tempo todo²².

Para fins de organização do texto, os núcleos de significação estão em destaque **negrito**. A descrição contou com o apoio de palavras e expressões literais ou indiretas dos colaboradores, estando essas expressões entre aspas ao longo do texto.

3.1. Como você descreve a relação da psicologia com a religião?

As respostas a essa pergunta diferiram quanto à perspectiva ao que compreensivamente os estudantes elegeram quando provocados a refletir e se posicionar sobre a relação psicologia e religião. O conteúdo das respostas traz elementos de sentido sobre a relação teórica e científica entre os campos, e sobre diferenças epistemológicas no âmbito do fazer, da prática e da formação.

Uma parte significativa dos colaboradores descreve a religião como **fenômeno humano**, no sentido de uma dimensão inerente a individualidade e totalidade do ser. A religião, deste modo, faz parte da experiência humana e sempre esteve presente na cultura, sendo também um construto que traz segurança, alívio em momentos de sofrimento e propósito existencial.

Nesse aspecto, a religião e a espiritualidade é também compreendida como **objeto de estudo da psicologia**, um fenômeno, “como muitos outros”, que afeta a experiência e pode

²¹ Os resultados da primeira pergunta do instrumento, “O que é a psicologia para você?”, não serão trabalhados nesta etapa do estudo.

²² Nesse sentido, uma descrição primária e direta nos deixa, nesse momento do estudo, mais a vontade; com a segurança de que nesse formato, estamos menos propensos a errar ou inferir uma sistematização que não está lá, e tão logo, não corresponda ao vivido. Esse traço, devidamente está associado ao volume de material gerado pelas quatro perguntas e objetivos atribuídos a elas, mas também, à própria expressão e reflexão do colaborador diante de um tema sabidamente pouco elaborado no contexto universitário. Exemplificando esse último caso, embora tenham emergido na análise vivências bastante distintas, tais distinções nem sempre se mantêm quando o colaborador responde a próxima pergunta, o que faz com que, em nossa análise, poucos estudantes se diferenciem amplamente uns dos outros com base em suas vivências. Mediante a isso, sentimos nesse primeiro momento certa complexidade em traçar perfis associados à IES ou tipos de crença, por exemplo, bem como elencar macro categorias.

ser foco de pesquisa e atendimento clínico. A psicologia deve, por isso, voltar-se para religião com objetivo de conhecer e analisar sua influência no indivíduo. Destaca-se nesse grupo de respostas, a menção de um dever imperativo, quando o sentido é de uma psicologia que “deve” ou mesmo “deveria” se ocupar dessa dimensão humana, disposição aparentemente pouco condizente com a realidade na análise de muitos estudantes.

“O ser humano é uma animal religioso, no sentido de ter uma relação simbólica com o mundo e ser capaz de extrair do material/concreto algo que não é dado objetivamente. A psicologia enquanto estudo desse ser humano PRECISA abordar o aspecto religioso do mesmo” (C.151 – UFPR, yoga vedanta).

A estrutura de significação mais presente nos relatos a essa pergunta, se concentra na assertiva de que a religião é um **importante aspecto da experiência humana**, especialmente na condição do paciente, quando cabe ao psicólogo reconhecer essa dimensão e **buscar conhecimentos específicos em religião** para melhor atender seu cliente. A religião e a espiritualidade devem ser “consideradas”, “aceitas” e “respeitadas”, porque fazem parte da constituição dos sujeitos praticantes e porque interferem no comportamento. Tal construção se define a partir do pensamento de que a religião deve ser acolhida quando é um tema importante para o paciente, especialmente quando trazido por ele em sua terapêutica. A religião nesse contexto pode ser benéfica, um meio de alcançar ganhos no tratamento ou mesmo sinalizar a necessidade de intervenções:

“Caso a caso. Quando a religião ajuda, a Psicologia aceita a ajuda. Quando a religião atrapalha, a Psicologia intervém” (C.140 - UFPR, universalista).

As estruturas de sentido no âmbito de parte significativa dessas respostas sinalizam para noção de uma obrigatoriedade ética do fazer – como uma resposta certa –, considerando que muitas destas reflexões aparecem associadas à ideia de “apoiar a religião do paciente”, sendo essa é a única condição onde psicologia e religião deveriam se associar:

“A relação da psicologia frente à religião, faz-se ética unicamente quando visa essa compreensão do indivíduo e sua prática religiosa” (C.145 - PUC/PR, evangélica).

“Acredito que com a religião em si nenhuma, mas com a experiência que o paciente descreve. Independentemente de se acreditar ou não, acolher e buscar compreender como é para ele” (C.147 - UFPR, atea).

No sentido do pensar a prática e a ética profissional, outra estrutura bastante recorrente é o conceito de que **a religião não deve direcionar a psicologia**. O princípio descrito pelos estudantes aparece como uma advertência sobre a relação entre o fazer do psicólogo e a religião, quando a prática não deve ser pautada por “dogmas religiosos” ou a religião pessoal interferir na atuação profissional – a crença do paciente “deve ser respeitada, mas nunca estipulada”. A relação entre Psicologia e Religião parece prontamente ser associada a uma psicologia religiosa, como defesa ou sinal de alerta:

“Sendo a religião um fenômeno cultural bastante presente na sociedade, acredito que é importante que o psicólogo tenha algum conhecimento sobre ela, sem porém utilizá-la como base ou orientação para sua prática” (UP, atea).

“A religião é importante na constituição do sujeito e não pode ser ignorada nesse aspecto. Porém, a prática do profissional de psicologia não deve ser guiada por valores religiosos, e sim pela ética da profissão” (C.78 - UFPR, espírita).

“(...) Psicologia é uma ciência e tal qual é laica. A religião, em caso de atendimento a paciente, deve ser abordada pela área da espiritualidade da pessoa, mas nunca ser foco ou influência de alguma sugestão de alguma religião específica à pessoa que está sendo atendida” (C.95 - FPP, católico).

Disto decorre a noção de que **o psicólogo deve agir de forma neutra**, sem deixar que suas crenças interfiram ou “afetem seu trabalho”. A ação contrária pode impedir que o profissional avalie adequadamente as necessidades reais de seus pacientes, pode invalidar a religião do sujeito e impedir o desenvolvimento de suas potencialidades. Assim, “o terapeuta deve esquecer sua religião enquanto está em atendimento”:

[...] Independentemente do contexto que o psicólogo trabalhar ele deve ter um manejo assertivo de aplicar esta neutralidade respeitando a religião de todo e qualquer sujeito [...] (C.115 - UP, agnóstica).

“Acredito que a relação da psicologia com a religião tenha haver com a crença tanto do psicólogo quanto do paciente, contudo apenas a do paciente deve, no contexto terapêutico, ‘utilizar’ a mesma” (C.141 - UFPR, católica).

A partir desta estrutura, se constrói o alerta do **cuidado para não misturar religião e psicologia**, discurso que aparece nos relatos como uma máxima ou repetição de um jargão.

Essa perspectiva é também sugerida com base no que se observa ou se acredita constituir o comportamento do outro – os colegas ou psicólogos religiosos. A noção é de que respeitar a religião do paciente ou fazer uma análise psicológica adequada pode ser mais difícil ou mesmo não praticada por esses profissionais:

“Percebo que na maioria das práticas e vivências dos meus colegas, a neutralidade e o respeito prevalecem. Da minha parte existe total aceitação da crença do outro (colegas, pacientes, etc.) e acredito lidar com isto sem ferir ou invalidar o outro; porém, infelizmente já presenciei colegas que ‘juntam’ religião e Psicologia” (C.115 - UP, agnóstica).

“A única situação em que existe essa relação entre crenças e Psicologia na minha formação é no atendimento de pacientes no estágio. Por exemplo, minha paciente descreve como sua fé a curou de um problema de saúde. Eu respeito completamente sua espiritualidade, mas ao mesmo tempo penso que o seu problema foi psicossomático e que ela foi ‘curada’ porque escolheu acreditar que aquilo era possível. Um psicólogo fiel talvez não fizesse essa distinção e acreditasse que a fé a curou, o quê para mim, seria uma falha em sua posição como terapeuta” (C.153 - UFPR, ateia).

A relação entre Psicologia e Religião para muitos estudantes é também percebida com base no preceito da inadequação da relação, quando a noção mais prontamente estabelecida é de que **Psicologia e Religião devem estar separadas**. O sentido que se apresenta nesses relatos é de uma relação imprópria, que parte do princípio que “ciência e religião não andam juntas”, de que “religião não é ciência” e que por isso, não devem se relacionar.

“Acredito que as duas não podem ser unidas, como se fosse água e óleo” (C.105 – FPP, católica e espírita).

De forma análoga, a relação é também assimilada com base na incompatibilidade dos campos, de modo que **Psicologia e Religião são áreas distintas** e não podem ser “confundidas”. O sentido nesses casos aparece mais relacionado à diferenciação epistêmica dos campos – psicologia e religião são construtos diferentes por pertencerem a campos distintos da cultura ou experiência humana, logo devem ter suas particularidades respeitadas. Ainda nesse âmbito, a relação com a religião é pensada pelos estudantes a partir de sua estrutura e funcionalidade, quando embora distinta, apresente pontes de diálogo com a psicologia ou com o fazer do psicólogo.

“Há possibilidade de diálogo, mas é preciso pontuar que a Psicologia debate a psique, enquanto a religião discute o espírito [...]” (UFPR, umbandista).

“Ela compreende a existência e necessidade individual, mas não se relaciona e não deve se relacionar diretamente” (PUC/PR, agnóstico).

Por outro lado, para alguns formandos, **Psicologia e Religião são indissociáveis**, possuem uma “relação muito tênue” e estão interligadas. O sentido é de que os saberes se comunicam o tempo todo, de que estão conectados na experiência psíquica a ponto de “uma refletir na outra”. Nesta percepção, se fundem a concepção religiosa do aluno e sua visão psicológica de homem, no sentido de que psicologia e religião podem ser conciliadas no campo da percepção pessoal e conceitual:

“[...] Sou cristã e acredito na cosmovisão cristã, uma linha de pensamento que acredita que tudo está debaixo de Deus e é dEle, inclusive as ciências, então não acho que fé e ciência sejam irreconciliáveis” (C. 150 - UFPR, evangélica).

Na qualidade de comparar os campos, Psicologia e Religião são também admitidas como áreas que **têm funções semelhantes para os sujeitos**, visto que são buscadas em situações de sofrimento e ambas terem o potencial de ajudar as pessoas. Nesse mote, elas têm intenções semelhantes, pois buscam tratar angústias existenciais, podendo até mesmo se complementarem. Diferentemente, alguns formandos definem que **Psicologia e Religião são crenças**, ainda que se adequem a estatutos diferentes como o “científico” e o “espiritual”, são construções humanas e culturais falíveis:

“Entendo que ambas são construções humanas que se perpetuam e se atualizam ao longo da história. A primeira contempla condições, que não raramente, conseguem ser comprovadas cientificamente, já a segunda contempla os mistérios da fé. Ambas fazem parte da memória cultural e do desenvolvimento humano e das sociedades. Contudo cabe ressaltar que também contemplam práticas de exclusão e estigmatização (UFPR, católica).

Em resposta a essa pergunta, estudantes prontamente também referem que psicologia e religião têm uma **relação delicada**. Significa que relacionar os campos pode ser “perigoso”, pois facilmente podem-se cometer erros conceituais e metodológicos.

“Creio ser uma relação extremamente densa, porém pouco explicitada e problematizada. Como diversas áreas da Psicologia, requer prudência ao

ser estudada, pois corre-se o risco de acabar na construção de um saber sem rigor científico” (C. 135 - UFPR, agnóstico).

Nesta mesma tônica, Psicologia e Religião tem uma **relação complicada e conflituosa**, mas que **deveriam dialogar entre si**. A primeira, fala de uma relação complexa, “mal explicada” e “mal compreendida”, justificada pelo tabu que envolve o assunto ciência e religião. A segunda se refaz na explicitação de que é um tema que precisa ser discutido pela psicologia, dado que a religião faz parte da experiência humana – trabalhar com as crenças e a espiritualidade “pode ser benéfico para as pessoas”. O sentido da necessidade de diálogo também abarca a noção de que religião e psicologia poderiam ser aliadas e “uma ajudar a outra”.

“Infelizmente mal explicada. A psicologia não precisa tratar da religiosidade em si, mas como fenômeno característico da experiência humana” (FPP, espírita).

3.2. Como você vivencia e/ou percebe a relação entre o ambiente acadêmico e as suas crenças ou não crenças?

Em resposta a terceira pergunta, os formandos revelaram percepções e experiências positivas, negativas e também imparciais sobre as vivências de crenças ou não crenças religiosas no ambiente acadêmico. Os relatos trazem a noção de ambiente universitário relacionado ao lugar como representação; vinculado ao comportamento das pessoas, colegas e professores; e também como espaço físico, quando, por exemplo, menciona-se que fala-se de religião nos corredores, mas não em sala de aula. Devidamente, a noção de ambiente acadêmico também aparece associada ao contexto e especificidades do curso de psicologia.

Uma parte representativa dos estudantes respondeu que sua E/R **não tem relação** ou “não se mistura” com o ambiente acadêmico. A partir de respostas breves e diretas em grande parte dos casos, como “a relação é nula” ou “consigo separar bem as coisas”, a expressão transmitida é de que as crenças pessoais são mantidas constantemente separadas deste meio, ou mesmo, de uma imparcialidade ou indiferença para com o tema. Decorrem como justificativas o fato de serem vivências distintas e independentes, quando a academia pode estar relacionada ao profissional e a E/R a um assunto da esfera privada.

Um segundo grupo de respostas, em sua maioria também formada por respostas diretas, declara que a relação entre as crenças e o ambiente acadêmico é **tranquila e sem interferências**. As afirmativas abrigam a ideia de que as experiências nesse contexto são

vivenciadas com “naturalidade” e “sem problemas”, podendo acompanhar a defesa de que “as crenças não mudaram” ou de que as transformações na E/R pessoal ocorridas ao longo da formação foram em decorrência de fatores externos à universidade.

“Vivencio de maneira tranquila, consigo normalmente separar o que é matéria de crença do que é de conhecimento científico” (C.99 – FPP, espírita).

“Encaro de maneira tranquila, uma vez que as minhas crenças continuarão as mesmas ainda que após a obtenção do conhecimento científico” (C.115 – FPP, evangélica).

Na percepção de alguns estudantes, o **ambiente acadêmico é diverso e respeita a diversidade**, um lugar “aberto a todo tipo de crença” que não possui uma representatividade. Os estudantes relatam sentirem que suas crenças ou não crenças são respeitadas nesse espaço, se remetendo ao bom convívio com colegas ateus, de outras crenças e até mesmo, pela possibilidade de manifestar-se religiosamente na universidade. Neste contexto, o aluno também se coloca como aquele que respeita a diversidade de crenças e as diferentes posições de seus pares.

“[...] Curiosamente, a maioria dos meus colegas são ateus, mas isso não impede a manifestação religiosa. Inclusive, há um grupo de estudo bíblico” (C.132 – UFPR, católica).

A universidade também pode ser descrita como **um lugar de questionamentos**, onde se é preciso estar aberto para questionar as próprias crenças e discutir opiniões e ideologias diferentes das suas. Nesse sentido, é também um lugar de desenvolvimento pessoal e espiritual – quando o ambiente acadêmico é aquele que **enriqueceu ou mudou as crenças ou não crenças**, amplificando experiências, questionamentos e a criticidade.

“O ambiente acadêmico me coloca em questionamento o tempo todo, e não foi diferente com minhas crenças. Nesse tempo de faculdade acredito ter me distanciado mais de minha religiosidade (se é que ela existia), mas me aproximado de uma espiritualidade que ultrapassa o que encontro (minha experiência) nas religiões” (C.137 – UFPR, agnóstica).

“O contato com a academia me fez ser mais crítico e contribuiu com meu ateísmo/agnosticismo” (C.133 – UFPR, agnóstico).

Na mesma linha, o ambiente acadêmico **fortalece e aceita a não crença**, de maneira que se torna “mais fácil” vivenciar uma não religiosidade nesse espaço. Na perspectiva de

estudantes sem religião e de religiosos, a universidade “favorece” e busca “fortalecer” esse tipo de posição, dado que ser “espiritualizado” ou não possuir uma religião acarreta “um valor de inteligência”. Nesse grupo, alguns estudantes partilham da noção de que há muitos ateus ou pessoas sem religião na academia. O sentido remete ao lugar e experiência do outro: o respondente, na maioria dos casos, descreve essa observação não com base em sua vivência, mas na percepção de que o outro, o ateu especialmente, encontra-se melhor adaptado a esse espaço.

“O ambiente acadêmico é bastante crítico e fechado à discussões religiosas. Percebo que pessoas ateias ou que vivem uma espiritualidade desvinculadas de alguma religião (em especial das religiões cristãs) são mais aceitas” (C.98 – UFPR, agnóstico).

“No ambiente acadêmico existe uma progressão geométrica na diminuição da vivência de crenças, e sim, existe um rótulo de ‘não crentes’ [...]” (C.121 – UP, evangélica).

“Grande parte do ambiente acadêmico tem religiões diferentes ou não acredita em Deus” (C.13 – UP, acredita em Deus, mas não tem religião).

Concomitante a essas estruturas, o ambiente acadêmico é **preconceituoso com as crenças religiosas**, especialmente na psicologia, **ciência que denigre a religião**, como representado por alguns estudantes também na pergunta anterior. A religião é desvalorizada, tratada com “desdém” e “ironia”, tal como um “comportamento arcaico”. Assim como o ateísmo está mais bem adaptado, o cristianismo e o catolicismo representam as religiões então repudiadas nesse espaço. A percepção a respeito do denominado preconceito aparece em relação à representação do lugar, no sentido de espaço da ciência e da objetividade; e também relacionada ao comportamento negativo de colegas ou professores quando se pronunciam sobre o tema.

“O ambiente acadêmico é um lugar que repudia e afasta as crenças em nome da metodologia ‘neutra’ e ‘objetiva’ da ciência. Crenças são aceitas nos corredores e não na sala de aula” (C.126 – UFPR, católica).

Outra expressão da crítica se dá na noção de que o ambiente acadêmico **separa ciência e religião**. Nessa construção, a academia é restritiva ao conteúdo científico e fechada para os conhecimentos ou contribuições da religião. Na compreensão dos estudantes, esse movimento acontece porque a religião é “privada de cientificidade” e separar, ou mesmo retirar-la desse espaço, tem a função de valorizar o conhecimento científico. Essa separação é

vista como prejudicial, tanto para ciência psicológica quanto para experiência e formação pessoal:

“A faculdade é um ambiente vil, pervertido que atua na cisão entre o racional e o irracional... portanto não contribui para um autoconhecimento” (C.133 – PUC/PR, acredita em Deus, mas não tem religião).

“Às vezes, o ambiente acadêmico apresenta-se irônico quando refere-se à questões relacionadas a minha religião. Há também falta de respeito e omissão por parte dos professores ao ensinar sobre filosofia e a história da humanidade, excluindo a contribuição do catolicismo nesse processo” (C.140 – PUC/PR, católica).

4.2.1. Ausência e silenciamento

Uma das estruturas mais recorrentes nas perguntas sobre a relação entre psicologia e religião e sobre a vivência no meio acadêmico é a crítica sobre a **falta de discussão** do assunto religião na psicologia e na academia. Na percepção dos formandos, o tema é pouco estudado, ou mesmo “nunca exposto” ou “nunca falado” durante o curso. A menção aparece na maioria dos casos como crítica e como perda, por tratar-se de um tema importante e por “deixar uma lacuna” na formação – a falta de uma discussão aberta e do estudo propriamente dito da E/R humana reforça ainda mais o conflito entre psicologia e religião na descrição dos estudantes.

Nas respostas sobre o ambiente acadêmico, a noção se repete no sentido de que a academia é fechada para essas questões ou não dá a devida importância a essa esfera da cultura humana. Para alguns estudantes não crentes, a ausência de discussão sobre o assunto é “justificável” dado o caráter científico da academia, mesmo sendo um espaço “aberto a todo tipo de crença ou não crença” (C.153 – UFPR, ateia). Para os crentes, não há na universidade espaços de diálogo com as crenças religiosas e, diferentemente, “é restritivo quanto ao livre pensamento” (C.94 – FPP, judeu).

“Parece que não falam abertamente, ‘pisam em ovos’, não é discutido ou refletido e isso é ruim” (C.96 – FPP, acredita em Deus, mas não tem religião).

“No ambiente acadêmico da psicologia em específico não são trabalhadas as crenças, são deixadas de lado, apenas respeitadas” (C.135, UP, católica e evangélica).

Uma segunda estrutura conectada a falta de discussão é a **experiência de silenciamento**, relatada especialmente por estudantes crentes. Os formandos descrevem ser difícil abordar esses assuntos na academia e na sala de aula, por não encontrarem espaços de diálogo e por temerem represálias. Essas respostas incluem a decisão de “ficar calado”, de não pontuar suas opiniões e posições e manter a “neutralidade”.

“[...] Na faculdade: um tabu. Nunca exposto, nunca falado. Muito mal exercido. Separam extremamente, de maneira que o silêncio chega a sufocar” (C.127 – UP, evangélica).

“[...] as pessoas te julgam moralmente por suas crenças. Eu costumo me calar temendo ser retalhado. Procuro expor minhas crenças reais apenas a quem conheço” (C.129 – UFPR, acredita em Deus, mas não tem religião).

3.3. Estando em sala de aula, no curso de Psicologia, houve em algum momento conflito entre os conteúdos da Psicologia e suas crenças ou não crenças? Descreva uma situação.

A quarta pergunta do questionário teve como objetivo apreender experiências de conflito relacionadas aos conteúdos da psicologia. Mais da metade dos estudantes (59,6%, N=59) respondeu de forma objetiva não ter experimentado conflitos e cerca de um terço respondeu que sim e contextualizaram o motivo (33,3%, N=36). Alguns colaboradores afirmaram não se lembrar de situações como essas ou trouxeram experiências e tônicas diferentes para pergunta.

A maioria dos estudantes não crentes e sem religião **negaram ter vivenciado situações de conflito**, contextualizando ou não suas respostas. Entre os crentes que também responderam não, aparece como principal justificativa do não conflito a menção de que **sabem separar os conteúdos da crença**, que não misturam ou que respeitam a distinção dos campos — tais enunciados buscam transmitir a noção de que conseguem manter a neutralidade e efetivamente separar o conhecimento científico das crenças pessoais quando estão em sala de aula. Muitas dessas respostas foram diretas e sem contextualização, e possivelmente, até mesmo pouco refletidas por alguns colaboradores.

“Não, porque para mim está estabelecido a psicologia como ciência e minhas crenças são algo distintos” (C.11 – UP, católica).

Os relatos sobre os momentos de conflito no contexto de sala de aula abordam questões associadas aos **conteúdos estudados em psicologia** e ao **comportamento e posicionamento de professores e colegas**. As vivências relacionadas aos conteúdos se

referem a conceitos teóricos de algumas abordagens psicológicas ou filosóficas, que na percepção dos estudantes contrariaram pressupostos importantes de suas religiões ou sua fé. As abordagens citadas foram a Análise do Comportamento, a Psicologia Analítica, o Humanismo, o Materialismo Histórico Dialético e o pensamento sartriano sobre o livre arbítrio. Construções ou enunciados associados diretamente à Psicanálise não foram observadas nos relatos dos formandos.

Houve situações em que a religião foi analisada como uma fantasia. Isso nunca aconteceu de maneira desrespeitosa, mas me fez repensar minhas crenças. Contudo, minha fé sempre foi mais forte. Lembro que isso ocorreu em uma aula de analítica que comparava a vida de Jesus ao mito de herói, e em uma aula de análise do comportamento que estudava as religiões enquanto agencia de controle (C.132 – UFPR, católico).

Os questionamentos e conflitos também aparecem associados à psicologia em geral, no sentido de **discordar ou reprovar estruturas e posições dessa ciência**, tais como “dar privilégio a teóricos ateus”, não estar aberta ao diálogo com o conhecimento religioso e por negligenciar esferas importantes de estudo e intervenção nesse contexto. O sentido é de uma psicologia por vezes equivocada, que não atinge o objetivo de ciência do humano, não se aprofunda e não o compreende verdadeiramente. Uma estudante, por exemplo, aborda diretamente a relação psicopatologia versus fenômenos religiosos a partir de sua perspectiva e experiência religiosa:

“Sim. Muitos profissionais da área não acreditam no desconhecido ou que haja algo além da nossa vida. Eu, com bastante estudo e alguma experiência na área de saúde mental, não acredito que pessoas perturbadas psiquicamente são só doentes mentais, e sim que haja influência espiritual em alguns casos” (C.149 – PUC/PR, católica).

“Inúmeras vezes. Aliás, foram tantas, que nem sei qual e como descrever. Por vezes chego a me questionar se estou no lugar certo pra mim. Acho a psicologia muito ‘fria’, superficial; ela não trata com profundidade a questão humana” (C.129 – UFPR, acredita em Deus, mas não tem religião).

As **vivências de conflito associadas a professores** se referem especialmente ao modo como alguns docentes se posicionam diante do tema religião. Na visão dos formandos, há professores que “geram esse conflito” em sala, tratam do assunto com “desdém”, fazem “piadas” ou menosprezam a religião como “detentores da verdade”. Diferentemente, uma colaboradora umbandista analisa essa relação pela perspectiva da identificação pessoal com

professores não crentes, quando nessa representação aparecem tanto vivências de conflito com as crenças pessoais quanto noções de aprendizagem positivas com esses docentes:

“Foi difícil, pois alguns professores que me influenciaram muito, eram contra religiões e crenças que não possuem comprovações científicas, mas também me ensinaram a investigar e compreender o papel da religião na vida do indivíduo e na minha própria vida” (C.126 – UP, umbandista).

“Alguns professores já fizeram comentários em tom de brincadeira sobre a questão dos ‘espíritos’ no meio da aula. Apesar de não ser algo direcionado a alguém e não ter tom ofensivo, o caráter de ‘piada’ parecia evidenciar que para eles (professores) um espaço de diálogo não seria possível” (C.144 – UFPR, espírita).

Vários colaboradores que pontuaram uma relação tranquila com os conteúdos aprendidos no curso, **associaram experiências de conflito aos colegas**. Essa relação aparece como percepção de uma vivência conflitante experimentada pelos colegas em sala de aula, no sentido de que “não houve comigo, mas com outros alunos sim” (C.140 – UFPR, católica). Por outra via, os colegas também aparecem no relato como causa do conflito, no sentido de divergirem em opiniões e posicionamentos sobre o tema religião. A crítica se refere principalmente a posicionamentos e opiniões de colegas religiosos sobre a relação da psicologia com a religião e sobre temas éticos como a legalização do aborto.

“Sim. Evangélicos querendo misturar a psicologia com os ‘possíveis’ milagres de pastores” (C.104 – FPP, católica).

“Sim. Professores e colegas utilizando de religiões para fundamentar fenômenos psicológicos. Isso é inadmissível” (C.139 – PUC/PR, atea).

“Sim, vários conflitos pois muitos acham que Deus sempre ‘ajuda’ muito mais do que qualquer coisa. O fanatismo acaba falando mais alto” (C.114 – FPP, católica).

3.4. Como é a relação entre sua experiência pessoal de crenças ou não crenças e sua formação como psicólogo(a)?

A última pergunta teve o objetivo de compreender como os estudantes efetivamente percebem a relação entre suas crenças ou não crenças e a formação como psicólogo, especialmente no que se refere à influência do curso na vivência pessoal espiritual/religiosa e como pensam essa relação no âmbito da prática profissional.

Muitos estudantes responderam que a E/R pessoal e a formação em psicologia **são vivências excludentes e distintas**, a partir de elaborações semelhantes àquelas descritas sobre o ambiente acadêmico e a sala de aula. O sentido remete a noção de vivências separadas, quando a “vida pessoal não interfere na profissional”, sendo a E/R uma experiência dissociada da formação ou do trabalho como psicólogo.

“Minha formação como psicólogo é teórica, prática e científica. Minhas crenças ou não crenças sempre foram mantidas fora deste campo de formação” (C.95 - FPP, católico).

Da mesma forma, repetem a noção de uma **relação bem estabelecida e tranquila**, que não encontra problemas ou impedimentos na vivência pessoal. O sentido dessas respostas remete tanto a intenção de afirmar o não conflito quanto de uma vivência anteriormente elaborada.

“Essa relação é algo bem sucedido. Não tive nenhuma experiência negativa” (C.110 – FPP, católica).

“Acredito que muito tranquila, por ter aprendido em terapia e na faculdade a separar essas questões” (C.114 – UP, atea).

Alguns colaboradores defendem que **a formação não afetou as crenças**, mesmo diante de conflitos com a ciência psicológica ou com a postura da academia sobre o tema.

“A minha formação acadêmica não afetou a minha crença, consigo separar bem o que é ciência e profissão e minha espiritualidade” (C.122 - UP, evangélica).

Em paralelo, a relação pode também ser **complementar e enriquecedora** na formação pessoal, científica e profissional. Para um número representativo de estudantes, a ciência psicológica se associa de forma produtiva com as experiências e crenças religiosas, a ponto de “caminharem juntas” e estarem constantemente “inter-relacionadas”. A noção é de que a visão de mundo e de homem dada pela espiritualidade pessoal se conecta ao “eu psicólogo” e que a psicologia e a experiência religiosa formam um todo no desenvolvimento pessoal, religioso e profissional.

“Penso que seja positiva, ambas me ajudam a olhar para o fenômeno da vida e me auxiliar na construção de minha própria personalidade” (C.99 – FPP, espírita).

“Em especial minha crença na espiritualidade encontra muitos pontos de encontro com algumas das questões da psicologia, vistas durante a graduação, em especial no que se refere à consideração e empatia pela pessoa que está na sua frente e a oferta de escuta e apoio a ela [...]. Acredito que minha crença acrescenta para minha visão de humano e, como consequência, para a minha atuação como psicóloga, embora eu tenha como certo que uma neutralidade/não incitação a uma crença se faça necessária com os pacientes. Da mesma forma, muitos dos conhecimentos da psicologia se tornaram bases importantes para fundamentação da minha crença” (C.144 – UFPR, espírita).

Diferentemente, há estudantes que responderam experimentar uma **relação conflituosa e difícil** entre as crenças e a psicologia e também de **dúvida e receio** sobre como será a prática profissional. O sentido é de uma vivência em aberto, possivelmente ainda não elaborada ou refletida, na expressão de uma ação que se manifesta no presente. As dificuldades associadas a essa relação são exemplificadas como “crises”, questões ainda não resolvidas com a psicologia ou com a religião pessoal que geram certa instabilidade ou intranquilidade no pensar conteúdos, profissão e religião pessoal.

“Ainda não consigo conciliar esses dois fatores, principalmente na clínica” (C.113, FPP, acredita em Deus, mas não tem religião).

“Honestamente, conflituosa” (C.132 – UP, católica).

A partir de uma reflexão direcionada para prática profissional, vários colaboradores responderam que **a religião pessoal não influencia na atuação como psicólogo**, em estrutura semelhante à noção de que a religião não deve direcionar a psicologia ou de que devem estar separadas. A diferença é que neste momento do questionário a reflexão é sobre a própria vivência na relação Psicologia e Religião, sendo o pensamento orientado para experiências profissionais ou para o que se espera dela:

“Procuro não separar o eu pessoa do eu psicóloga (futura)” (C.115 – FPP, evangélica).

No contexto desses relatos, a crença religiosa se define como uma experiência pessoal que precisa ser apartada da profissão, pois pertence ao “íntimo” ou à vida privada. Ao estudante ou ao psicólogo é permitido ter crenças ou práticas religiosas, conquanto que elas não “interfiram” ou se “misturem” na prática, não deturpem a “neutralidade” ou os limites estabelecidos por uma conduta ética. Nessas estruturas, a vida religiosa aparece como uma experiência ativa, que pode ou não ser tomada como vivência que influencia a visão de

homem e de mundo e com isso a atuação profissional. Contudo, a dicotomia do ser e do fazer se mostra a partir da mesma representação que orienta e regula a relação, como alguém que se despe de um casaco:

“Não tenho problema algum em buscar a profissão de psicólogo e manter minha religião/espiritualidade. Isso porque o psicólogo precisa deixar de lado seus valores enquanto estiver trabalhando (desde que sua atuação respeite os princípios estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, assim como define o Conselho de Ética). Sendo assim, minhas crenças não intervêm em meu trabalho. Logo que começo a atuar, deixo de lado minha religião. Contudo, assim que paro de trabalhar, minha religião e todas as minhas crenças retornam” (C.132 – UFPR, católico).

A noção de interesse ou escolha de uma **abordagem psicológica associada às crenças** aparece tanto na descrição de crentes como de não crentes. A ligação se mostra no discurso como algo que “provavelmente direcione o psicólogo”, no sentido de uma identificação lógica entre abordagem e tipo de crença religiosa. A associação aparece como solução para o conflito, como no exemplo de uma estudante católica que respondeu escolher a Análise do Comportamento porque “religião não é ciência”; e também como uma identificação consciente e orientada. Nesse último, a expressão é de um discurso maduro, que admite clareza quanto à influência das crenças ou não crenças pessoais sobre a formação — tão logo a vivência religiosa é uma experiência fundante, sua influência se manifesta no modo como interage com a ciência psicológica e na atuação profissional futura:

“Minhas crenças ajudam a criar uma identificação teórica específica e meus valores transparecerão na minha práxis” (C.71 – UFPR, agnóstico).

“Sou crente dentro e fora da universidade, não há como separar essa parte da minha identidade. Portanto, minhas crenças influenciam sim na minha formação, seja na preferência/rejeição de certos conteúdos e teorias ou nas minhas próprias vivências no ambiente acadêmico. Obviamente, se for atuar de fato como psicólogo depois de formado, sei dos meus limites e possibilidades com relação às minhas crenças” (C.134 – UFPR, evangélico).

A crença espiritual/religiosa também se apresenta como **estratégia de enfrentamento** diante dos desafios da formação e da vida acadêmica. A religião pessoal é aquela que oferece “acalento” em momentos de preocupação, traz sentido para as escolhas e decisões importantes durante a graduação, e também motivação e “força para se formar”. A

estrutura aparece associada aos desafios da relação entre psicologia e religião pessoal e ao processo da formação superior.

“Com muita tranquilidade separo o psicólogo do pastor, e aprendi a fazer isso com a ajuda da fé. Para mim foi gratificante e termino o curso muito capaz nesse aspecto” (C.97 – FPP, evangélico).

“[...] sempre peço em minhas orações direcionamento e coerência nas minhas decisões acadêmicas, até mesmo que Deus ilumine o meu caminho e esteja comigo nesse processo de aprendizagem” (C102 – FPP, católica).

4.4.1. Influência e transformação

Um número expressivo de formandos descreveu que o contato com a ciência psicológica ou com o ambiente acadêmico **mudou ou ressignificou as crenças ou não crenças religiosas**. No contexto da sala de aula, a estrutura aparece associada a aulas ou disciplinas específicas que provocaram vivências de conflitos ou questionamentos sobre essa dimensão de suas vidas. O vivido expresso no ato da resposta, logo associa tais contextos à reavaliação da experiência religiosa pessoal ou na mudança de referencial:

“Sim. No fim do segundo ano entrei em crise com a minha crença e prática religiosa e a linha teórica Análise do Comportamento. Pareciam naquele momento coisas inconciliáveis. Depois de alguns meses, passei a me sentir e a me posicionar como ateu” (C.98 – UFPR, agnóstico).

“Já sim, no início do curso, na disciplina de História das Ideias Psicológicas. Era um momento em que eu já estava me questionando sobre minhas crenças e essa matéria ajudou a chegar na conclusão que tenho até hoje” (C.127 – UFPR, ateu).

Ainda que as crenças tenham sido “abaladas”, no caso de alguns estudantes, foram elaboradas, sendo os conflitos “administrados” a partir de experiências pessoais e da assimilação dos conteúdos ao longo do curso:

“Sim, até o momento em que houve a acomodação dos conflitos cognitivos” (C.145 – PUC/PR, evangélica).

“Sim. Nos primeiros anos de curso, cheguei a não acreditar em nada e duvidar de tudo, sendo que quando era criança já frequentava igreja, centro espírita e terreiro de umbanda, mas depois algumas experiências pessoais me fizeram repensar e relativizar isso” (C.126 – UP, umbandista).

Nos relatos, a mudança ou resignificação da E/R se definem através de vivências conflituosas com construtos teóricos que “causaram impactos” pela explicação científica de experiências antes significadas pelas crenças. Outra estrutura se desdobra a partir de uma experiência religiosa que já não tinha valor e sentido ou se dava de maneira conflituosa ou complexa em si mesma — o sentido é de resignificar uma vivência de conflito com a religião. Nesses relatos, a formação em psicologia contribuiu para uma tomada de posição, como experiência que veio para “confortar” essa decisão e até mesmo suprir o lugar da crença ou da espiritualidade:

“Eu nunca tive muitas crenças religiosas, acho que a Psicologia me deu conforto de não tê-las. Consegui assumir para mim mesma que não há religião que faça um sentido para mim, sentido que mova minha fé na direção de suas crenças. Acho que a Psicologia é, de alguma forma, uma crença para mim. É a partir dela que ‘explico’ o meu mundo e é ela que movimenta minha espiritualidade” (C.137 – UFPR, agnóstica).

“No início do curso houveram vários questionamentos pois, vim de um ambiente extremamente evangélico, o qual frequentei por vários anos. Entretanto a partir do 2º ano esta relação passou a ser ‘mais madura’ devido ao meu próprio autoconhecimento desenvolvido em psicoterapia e no desenvolvimento do curso de psicologia e a minha afeição e satisfação por pesquisas e conteúdos científicos” (C.115 – UP, agnóstica).

Dentro desta estrutura de significação, alguns estudantes crentes também mencionaram mudanças associadas à formação em psicologia. Nos relatos, o sentido da fé pessoal foi transformado; criou-se uma nova abertura ao diálogo com outras crenças e experiências; ou a religião institucionalizada passa a ser questionada, percebida de forma diferente, de modo negativo ou conflituoso.

“O curso de psicologia serviu para abrir meu horizonte para outras possibilidades de sentido para além da minha própria e verificar que a crença do outro é tão válida quanto a minha, religiosamente ou não (como em linhas teóricas, por exemplo). Minhas crenças deixam de ter um lugar central no meu modo de ver o mundo e deram lugar a essa abertura que adquiri após o curso, porém não reneguei minha pequena forma de religiosidade no processo, a resignifiquei de forma que me faz mais sentido atualmente” (C.126 – UFPR, católico).

“Inicialmente, a vivência comunitária me incentivou a iniciar o curso, pela visão de ajudar o próximo. Atualmente possuo uma visão diferenciada do que a religião católica prega” (C.119 – FPP, católica).

4. Discussão

As respostas e estruturas observadas na análise não apresentam diferenças expressivas no discurso de crentes e não crentes, embora os primeiros tendam a partilhar com mais frequência percepções negativas e dificuldades pessoais. Estudantes ateus e agnósticos tendem a descrever experiências positivas ou de imparcialidade no âmbito da vivência pessoal, contudo trazem em seus discursos certa consciência e crítica quanto a dificuldades associadas à questão religião e universidade. Embora essa seja uma postura coerente, a análise também pondera a presença de uma vivência pessoal de conflito ou dificuldades, que mesmo negada, se expressa na percepção do problema no meio acadêmico e na experiência do outro — discurso bem marcado também no estudo anterior (Pereira & Holanda, 2016).

Supor que não existam conflitos, entre duas perspectivas historicamente contrapostas e amalgamadas, sugere certa ingenuidade no olhar. Todavia, há que se reconhecer que o “lugar” da formação é, institucionalmente, o lugar da cientificidade e, por tabela, um ambiente supostamente laico e isolado, alheio a determinadas influências (pré)determinadas, visto que não se pode negar que conjuntos de ideários — sejam estes filosóficos, políticos ou ideológicos — exerçam suas respectivas influências no contexto acadêmico. Mesmo assim, as diferenças não são suficientemente gritantes que permitam uma conclusão clara com respeito às relações estabelecidas entre esses temas.

De modo geral, nesta fase do estudo qualitativo não foram identificadas diferenças singulares entre os formandos das IES participantes. Algumas considerações a priori podem ser elencadas como justificativas. Primeiro, diferenças nos procedimentos de coleta dos dados. Diferente das demais IES, os formandos da UFPR não responderam os questionários no contexto de sala de aula, o que lhes propiciou mais tempo para reflexão sobre os temas e a possibilidade de desenvolver essa reflexão em um ambiente diferente da universidade. Essa diferença ficou nítida no grau de elaboração das respostas desse grupo comparado aos demais, o que limita em certo nível comparar os discursos efetivamente. O seguimento da análise do material dos demais anos poderá fornecer dados que confirmem ou não hipóteses e questões observadas nesta etapa.

Uma segunda justificativa se refere à complexidade em se classificar e distinguir vivências e percepções inter-relacionadas, como descrito anteriormente. Dado que nesta etapa do estudo não foi possível identificar perfis ou tipos de vivências relativamente circunscritas, tais distinções pouco podem ser observadas entre os grupos, embora se tenha realizado o esforço de tabular e categorizar os núcleos de significação. Dito de outra forma, quando o

estudante define a relação da psicologia com a religião como temas que necessariamente devem estar separados, por exemplo, não significa que o mesmo estudante representa os campos como dissociados na vida pessoal. Outro exemplo pode ser observado na questão do conflito. Vivências de conflito podem ser negadas no contexto de sala de aula ou em relação aos conteúdos da psicologia, mas relatados quanto ao futuro da profissão.

Na análise dos relatos da amostra como um todo emergiram diferentes tipos de vivências, sentidos e percepções atribuídas à relação entre Psicologia, Religião e experiência religiosa pessoal. De modo geral, é possível assumir que muitos estudantes apresentaram uma visão positiva da importância da E/R para o humano, bem como sobre a tarefa da psicologia ou do psicólogo diante desta dimensão. Estruturas que salientam a importância da religião do paciente ou definem a religião como objeto de estudo da psicologia parecem trazer essa noção e indicar uma via de interesse e preocupação por parte dos estudantes, resultados também identificados na literatura sobre psicoterapia e espiritualidade para estudantes de psicologia (Cavalheiro, 2010; Gandelman, 2013; L. A. C. Silva, 2016; Nascimento, 2017; Pinho, 2012; Souza, 2014).

De forma oposta, muitos estudantes parecem se balizar por um afastamento: psicologia e religião não podem se misturar ou devem estar separadas. Para esses formandos, não parece cabível um diálogo, associação ou mesmo necessidade de um fazer por parte do psicólogo. Somam a essas estruturas, a defesa e alerta contra uma psicologia religiosa ou o perigo da interferência e da falta de neutralidade. Desta feita, a religião do psicólogo aparece na grande maioria dos discursos associada à máxima da neutralidade e da dicotomia ser e fazer. Poucos admitem ou acreditam que as crenças pessoais podem interferir ou influenciar escolhas ao longo da formação e à prática profissional — discursos em que é possível inferir uma reflexão anteriormente elaborada e ressignificada sobre o tema proposto pelo estudo.

Em relação às vivências e percepções quanto ao ambiente acadêmico, embora o enunciado proposto não remetesse a uma negatividade (como na pergunta seguinte sobre conflito), esse parece ter sido o ponto de partida para pensar a relação entre crenças pessoais, religião e universidade para maioria dos estudantes. Ainda que os movimentos tenham aparecido tanto como crítica quanto em defesa do espaço acadêmico, o sentido intercolaboradores parece referir sempre a dificuldades, limitações e conflitos. Resultados semelhantes a respeito do ambiente acadêmico foram observados no estudo anterior, tanto em relação à experiência de conflito, quanto na postura de uma abertura para com a criticidade

provocativa da universidade e multiplicidade de crenças e ideologias que ela abarca (Pereira & Holanda, 2016).

Da mesma forma, a experiência de silenciamento das crenças pessoais e a crítica pela falta de discussão do assunto religião no curso parecem se repetir no presente estudo, assim como na literatura revisada — malgrado, como uma experiência ordinária nos cursos de psicologia do país (Ancona-Lopez, 2007; Cavalheiro, 2010; Freitas, 2002; 2007; Gandelman, 2013; Pinho, 2012, Souza, 2014).

Neste estudo, o silêncio parece caracterizar uma posição também do aluno, ainda que contrariamente censure a falta de discussão. Duas estruturas se destacam nesse sentido: a noção de que o tema seja abordado com preconceito e de que o ambiente acadêmico separa ciência e religião. O primeiro enunciado logo se associa ao silêncio, muito possivelmente, quando já nos primeiros meses de aula, o aluno passa a perceber estruturas de pensamento que desvalorizam ou patologizam tanto o conhecimento quanto a experiência espiritual/religiosa. Uma segunda medida seria a reflexão de que a academia separa ciência e religião, e a réplica do aluno, de que psicologia e religião não devem se misturar — o assunto se torna então impróprio, deslocado do seu lugar ou de sua funcionalidade, fazendo do não diálogo e do silêncio uma posição assumida pelo estudante, ainda que lhe cause muitos questionamentos e conflitos.

Silenciar ou decidir não discutir também pode impactar nas vivências. A repetição quase maciça de termos como, “sei separar”, “não tenho problemas com isso”, ou “ser agnóstico me ajuda na imparcialidade”, parecem também tocar na dimensão do conflito e de uma experiência colocada em *standby*, negligenciada pelo aluno e também pelo preponente que assume o compromisso de formar psicólogos (!). Existe sim um problema, uma questão profunda, epistemológica e vivencial que só é dimensionada na superficialidade.

Em nível de superficialidade ou de uma não reflexão, outras repetições maciças igualmente acabaram por marcar os discursos observados neste estudo. Jargões, ideias prontas ou respostas certas como, “não pode misturar”, “psicologia e religião devem estar separadas”, ou mesmo, “o que importa é a religião do paciente”, apareceram com bastante frequência, especialmente no formato de respostas curtas. É bem provável que esse tipo de resposta seja reflexo do contexto de aplicação do estudo, responder em sala de aula e em um tempo restrito — resultado não observado no estudo anterior (Pereira & Holanda, 2016), quando a maioria dos colaboradores responderam as questões em casa com prazos superiores há uma semana.

Ainda sim, a atitude inadvertida de simplesmente repetir ideias e axiomas de uma psicologia do senso comum também carrega o sentido de uma incompreensão, de algo que não se elaborou concretamente no âmbito pessoal, profissional e epistemológico. É como se diante de um assunto deveras abstrato, pendente ou ignorado, o aluno se remettesse a explicar axiomas que para ele mesmo pouco fazem sentido. Um exemplo disso parece ficar nítido na máxima de que psicologia e religião devem estar separadas. Ao mesmo tempo em que se defende tal dicotomia, o mesmo colaborador explica sobre o dever da psicologia em se ocupar da religião do paciente; sobre a influência da psicologia na sua crença ou da influência a sua crença na opção por uma linha teórica. Em suma, cada uma dessas proposições carregam estruturas de sentido exploradas nesse estudo, entretanto, é inevitável não pressupor certa ambiguidade e embaraço no discurso.

A presença de uma crise pessoal e de uma ambivalência na relação psicologia, religião e espiritualidade aparecem repetidamente nas pesquisas qualitativas realizadas com os estudantes de psicologia (Freitas, 2002; Gandelman, 2013; Pereira & Holanda, 2016; Pinho, 2012, Souza, 2014). Dizer que a espiritualidade é uma dimensão importante do humano e que deve ser trabalhada na clínica surge como um princípio básico, um aforismo que, no entanto, segue acompanhado pela indefinição de como isso se dará na prática profissional. Como prática, os estudantes se preocupam com a técnica, em como lidar com as questões trazidas pelos pacientes no aporte oferecido pela teoria psicológica escolhida, tudo filtrado pela máxima, “ao psicólogo é vedado”, do parágrafo b do artigo dois do Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005, p. 9). Com tamanha rigidez e doutrina, aparecem na superfície do problema questões irrisórias como “devo ou não contar minha religião ao paciente?” e tomar essa dimensão pessoal como um simples casaco.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13(1), 5–10.
- Amatuzzi, M. M. (2011). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In M. A. de T. Bruns & A. F. HOLANDA (Eds.), *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas* (pp. 17–25). Campinas (SP): Alínea.
- Ancona-Lopez, M. (2007). As crenças pessoais e os clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez (Eds.), *Temas em Psicologia da Religião* (pp. 187–210). São Paulo, SP: Vetor.

- Cavalheiro, C. M. F. (2010). *Espiritualidade na clínica psicológica: um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Retirado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2005) Código de Ética Profissional do Psicólogo – Resolução CFP Nº 010/05. Retirado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Freitas, M. H. de. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach* (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, M. H. de. (2007). Quando o silêncio transborda, “calaboca” já morreu: religiosidade, cientificidade e formação em psicologia. In M. H. de Freitas & O. P. Pereira (Eds.), *As vozes do silenciado: estudos nas fronteiras da antropologia, filosofia e psicologia* (pp. 187–205). Brasília-DF: Universa.
- Gandelman, T. C. (2013). *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação de psicólogo* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363–372.
- Holanda, A. F. (2011). Pesquisa fenomenológica e pesquisa eidética: elementos para um entendimento metodológico. In M. A. de T. Bruns & A. F. HOLANDA (Eds.), *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas* (pp. 17–26). Campinas (SP): Alínea.
- Nascimento, A. K. da C. (2017). *Religiosidade, espiritualidade e psicoterapia na formação acadêmica do psicólogo* (Tese de Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco). Retirado de http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1280
- Pereira, K. C. L. & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>
- Pinho, R. B. de S. (2012). *Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15114>
- Silva, L. A. C. da. (2016). *Espiritualidades e Bem-estar Espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife/PE à luz da Abordagem Integral/Transpessoal* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco). Retirado de <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18066>
- Souza, F. F. de. (2014). *Psicologia e espiritualidade – grupo temático com alunos adventistas*

de graduação em psicologia (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15381>

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO

Neste trabalho buscamos investigar a experiência religiosa do estudante de psicologia no contexto de sua formação científica e profissional. Para isso, elegemos como mote principal uma investigação que priorizasse dados de pesquisas recentes que abordassem e discutissem de forma direta ou indireta nosso objeto. No estudo teórico sobre estudantes e profissionais da saúde, investigamos a partir da literatura nacional como problemáticas importantes associadas à E/R dessa população podem se configurar no âmbito da formação e atuação profissional. Observamos, que assim como no contexto da formação em psicologia, acadêmicos e profissionais de outras áreas da saúde igualmente demandam uma discussão presente e aberta sobre o tema no âmbito de suas formações científicas, profissionais e também pessoais.

No segundo artigo, buscamos sistematizar os principais resultados de pesquisas realizadas com estudantes de psicologia que, assim como em nosso estudo, investigaram a vivência de E/R desses acadêmicos. Nesta revisão, identificamos falas, experiências e vividos muito semelhantes ao nosso primeiro estudo, o que parece reforçar hipóteses centrais como a experiência de conflito com a ciência psicológica, com o ambiente acadêmico na psicologia e também com o posicionamento de professores. Temas como neutralidade, questionamentos éticos e escolha teórico-metodológica associada à religião pessoal se destacaram nesses resultados, implicando em desafios para pesquisa e formação nesse campo. Temos que o estudo teórico como um todo foi muito produtivo, permitindo problematizar mais sobre nosso objeto e conhecer como o tema tem sido abordado por diferentes pesquisadores e áreas do conhecimento.

Com o estudo empírico, buscamos responder duas perguntas centrais: qual o perfil de E/R do estudante de psicologia e como se dá sua vivência espiritual/religiosa no contexto da formação. Tais questionamentos, em nossa perspectiva, pareciam ser adequados para se aproximar do campo e assim explorar fenômenos de interesse e respectivos problemas de pesquisa. Dito de outra forma, conhecer o perfil de E/R dos colaboradores nos ajuda a compreender e apreender estruturas importantes da experiência religiosa, pois, ainda que seja um exercício interpretativo, não nega o valor da história e mundo da vida dos nossos colaboradores. O objetivo de apresentar um perfil, no entanto, expandiu sobremaneira nossas intenções iniciais, mostrando-se um campo muito produtivo e desafiador, especialmente pelo

processo de análise estatística dos dados, sendo esse um dos principais desafios do estudo, com questões e etapas ainda em processo de desenvolvimento.

O modelo de coleta dos dados realizado em contexto de sala de aula, ajustado as limitações de tempo e recursos financeiros disponíveis para esse estudo, teve como objetivo selecionar uma amostra adequada para proposição de um perfil religioso. Possivelmente, este seja o primeiro estudo de levantamento desse tipo realizado com estudantes de psicologia até o momento, conforme revisado na literatura nacional sobre o tema. Também devido ao modelo de coleta dos dados, o estudo contempla uma amostra representativa de estudantes não crentes, o que oferece um dado novo, tanto sobre o perfil do estudante de psicologia quanto como contingência para futuras análises e investigações. Nesse sentido, também destacamos como um bom resultado, a aderência dos estudantes ao estudo, visto que poucos em contexto de sala de aula ou supervisão de estágio optaram por não participar da pesquisa, fato que confere valor ao levantamento realizado.

O estudo também apresenta limitações importantes. O primeiro refere ao fato da amostra ser não-probabilística, o que significa que os dados não podem ser generalizados, representando apenas os colaboradores deste estudo. Do mesmo modo, por ser de recorte transversal e descritivo, não confere relação de causalidade aos resultados observados.

No âmbito do estudo teórico, as principais limitações se referem à ausência de um estudo mais aprofundado sobre a relação jovem, religião e universidade, e sobre desenvolvimento religioso, haja vista a pertinência desses temas em uma investigação sobre estudantes universitários e religião. E principalmente, a falta de um estudo ou mesmo contextualização sobre as diferentes categorias administrativas em IES admitidas no estudo empírico. Certamente, uma investigação nesse sentido traria à perspectiva outras variáveis e análises a serem pensadas e trabalhadas no fenômeno investigado, variáveis essas que possivelmente não foram incluídas, mensuradas ou mesmo captadas por esse estudo. Dito de outra forma, é sabido que além das possíveis influências institucionais no trato do tema religião, coexistem outras diferenças e variáveis também importantes entre instituições de ensino públicas e privadas e da mesma forma, também no perfil de seus estudantes. Assim, é fato que nosso comparativo entre instituições públicas, privadas e confessionais condizem apenas aos cursos das IES participantes deste estudo, não sendo possível generalizar os resultados para outras instituições ou estudantes.

Como recomendações para novos estudos, reforçamos a importância de pesquisas comparativas entre os diferentes tipos de IES no modelo adotado por Lucchetti et al. (2013) e

Espinha et al. (2013), que focam na perspectiva dos estudantes no contexto da formação e prática profissional. No caso da psicologia, tais estudos poderiam além de priorizar a atuação profissional em saúde, igualmente avaliar o contexto e especificidades da clínica psicológica. Sobre a formação em psicologia, avaliamos a importância, e mesmo urgência, de estudos e discussões sobre as influências e interferências do curso na E/R dos estudantes, no que tange primeiramente à dimensão e responsabilidade ética dos cursos de formação e corpo docente, e também às implicações disso na saúde mental dos estudantes, tema caro e também a encargo da psicologia.

Também como proposição de novos estudos, identificamos que o número de investigações de cunho qualitativo sobre a experiência religiosa de estudantes de psicologia, parece oferecer vasto material para elaboração de estudos quantitativos, como escalas e estudos de levantamento. Esse material, pode então servir de base para estudos mais amplos e probabilísticos que contemplem dados de perfil, opiniões, perspectivas e vivências em E/R no contexto da formação científica e profissional.

De igual modo, temas em aberto em nossa investigação e base de dados incluem a) estudos comparativos entre os diferentes grupos de pertencimento religioso em relação ao perfil de E/R e centralidade da religiosidade ao longo do curso; b) possíveis associações entre o interesse teórico-metodológico e profissional nas diferentes IES e grupos de pertencimento religioso; c) um estudo aprofundado de como as dimensões fundamentais propostas pela ECR podem contribuir na compreensão das vivências de E/R dos estudantes durante a formação; d) como a representação de psicologia atribuída pelos colaboradores no estudo qualitativo pode estar associada a variáveis como a centralidade da religiosidade e a busca por atendimento psicológico; e ainda, e) em continuidade nas análises fenomenológicas, investigar as vivências elaboradas nos relatos, na busca por uma leitura compreensiva do vivido dos colaboradores durante os anos de formação.

Por fim, em nossas considerações como pesquisadora, destacamos que a experiência de tentar responder perguntas sobre uma experiência religiosa confrontada, negada, ressignificada, se mostra, ao final desta etapa, um desafio ainda maior. Fechamos esse trabalho com perguntas em aberto, ainda que cercadas por dados empíricos. Nossas perguntas parecem se desenvolver em complexidade e carência de profundidade, o que nos instiga a manter questões e incorporar ainda outras, assumindo assim, não um compromisso com a verdade em ciência e pesquisa, mas com as provocações e riquezas mesmas do humano.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Abdala, G. A., Meira, M. D. D., Oliveira, S. L. S. S. & Santos, D. C. (2017). Religião, espiritualidade e a enfermagem. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social [Online]*, 5(1), 154–164. doi: <http://dx.doi.org/10.18554/refacs.v5i0.2001>
- Agranonik, M. & Machado, L. R. (2011). Análise de Covariância: uma aplicação a dados de função pulmonar, ajustada por idade. *Revista Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, 31(2), 248–253. Retirado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/21523>
- Aletti, M. (2012). A psicologia diante da religião e da espiritualidade: questões de conteúdo e de método. In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva, (Orgs.), *Religiosidade e Cultura Contemporânea* (pp. 157-190). Brasília, DF: Universa.
- Alves, J. de S., Junges, J. R. & López, L. C. (2010). A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *O Mundo da Saúde*, 34(4), 430–436. Retirado de https://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/79/430a436.pdf
- Alves, J. P. (2004). Fenomenologia da religião: pesquisas sobre a experiência religiosa com universitários e suas implicações para o ensino religioso. In A. F. HOLANDA (Ed.), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia* (pp. 79–95). Campinas (SP): Átomo.
- Amatuzzi, M. M. (2015). *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*. São Paulo, SP: Ideias & Letras.
- Ancona-Lopez, M. (2005). A espiritualidade e os psicólogos. In M. M. Amatuzzi (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 147–159). São Paulo, SP: Paulus.
- Ancona-Lopez, M. (2007). As crenças pessoais e os clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez (Eds.), *Temas em Psicologia da Religião* (pp. 187–2010). São Paulo, SP: Vetor.
- Ancona-Lopez, M. (2008). Religião na constituição da subjetividade: psicólogos e seus clientes. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 69–102). São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Angerami, V. A. (2008). Religiosidade e psicologia: a contemporaneidade da fé religiosa nas lides acadêmicas. In V. A. Angerami (Ed.), *Psicologia e Religião* (pp. 1–41). São Paulo, SP: Cengage Learning.
- Aquino, T. A. A. de, Correia, A. P. M., Marques, A. L. C., Souza, C. G. de, Assis Freitas, H. C. de, Araújo, I. F. de, ... Araújo, W. F. de. (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 228–243. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200003>
- Aquino, T. A. A. de. (2005). Atitude religiosa e crença dos alunos de psicologia. *Revista UNIPÊ*, 9(1), 56–63.
- Astin, A. W., Astin, H. S., Lindholm, J. A., Bryant, A. N., Calderone, S. & Szelényi, K.

- (2005). *The spiritual life of college students: a national study of college students' search for meaning and purpose*. Los Angeles, CA: UCLA Higher Education Research Institute. Retirado de <http://spirituality.ucla.edu/>
- Ballarin, M. L. G. S., Moreira, C. E. de F. A. A., Tannus, L. M. N. & Casacio, G. B. P. (2016). Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. *Revista Ciências Médicas*, 25(3), 135–144. Retirado de <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3777/2488>
- Baptista, P. A. N. (2013). Relatório da pesquisa “perfil do estudante das instituições católicas de ensino superior.” *Revista Horizonte*, 11(31), 1214–1274. Retirado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5898>
- Belzen, J. A. (2009). Psicologia Cultural da Religião: perspectivas, desafios, possibilidades. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 4, 1–29. Retirado de http://pucsp.br/rever/rv4_2009/t_belzen.pdf
- Borges, D. C., Anjos, G. L. dos, Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Lucchetti, G. (2013). Saúde, espiritualidade e religiosidade na visão dos estudantes de medicina. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 11(1), 6–11. Retirado de <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3380.pdf>
- Caldeira, S., Branco, Z. C. & Vieira, M. (2011). A espiritualidade nos cuidados de enfermagem: revisão da divulgação científica em Portugal. *Revista de Enfermagem Referência [Online]*, serIII(5), 145–152. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1133>
- Caldeira, S., Simões Figueiredo, A., Conceição, A. P. da, Ermel, C., Mendes, J., Chaves, E., ... Vieira, M. (2016). Spirituality in the Undergraduate Curricula of Nursing Schools in Portugal and São Paulo-Brazil. *Religions*, 7(11), 1–9. doi: <https://doi.org/10.3390/rel7110134>
- Camurça, M. A. (2006). A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 35–48). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Carlotto, R. C. (2013). Espiritualidade e sintomatologia depressiva em estudantes universitários brasileiros. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(2), 50–60. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a04.pdf>
- Carneiro, J. D. G. (2008). *Experiência espiritual e psicopatologia: a percepção de professores de psicopatologia* (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Universidade Católica de Brasília.
- Carrete, J. (2013). Fundações, poder e crítica: repensando a Psicologia da Religião com W. James. In M. H. de Freitas, G. J. de Paiva & C. de Moraes (Orgs.), *Psicologia da Religião no Mundo Contemporâneo. Desafios da Interdisciplinaridade* (Vol. 1), (pp. 23-50). Brasília, DF: EdUCB.
- Carrete, J. R. (2012). Retorno a James: psicologia, religião e a amnésia da neurociência. In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva (Eds.), *Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para psicologia* (pp. 21–54). Brasília-DF: Universa.

- Cavalheiro, C. M. F. (2010). *Espiritualidade na clínica psicológica: um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Retirado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>
- Cavalheiro, C. M. F. & Falcke, D. (2014). Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(1), 35–44. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000100004>
- Cerchiari, E., Caetano, D. & Faccenda, O. (2005). Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 413–420. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300010>
- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2013). *Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade*. Retirado de <https://bit.ly/2mIpJ1L>
- Conselho Regional de Psicologia – CRP/SP. (2015). *Relatório síntese das discussões dos seminários estaduais Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade*. São Paulo, SP. Retirado de <https://bit.ly/2NMuXVL>
- Corrêa, C. V., Batista, J. S. & Holanda, A. F. (2016). Coping religioso/espiritual em processos de saúde e doença: revisão da produção em periódicos brasileiros (2000-2013). *PsicoFAE*, 5(1), 61–78. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/82>
- Corrêa, C. V., Holanda, A. F. & Olandoski, G. P. (2017). Coping religioso/espiritual em profissionais da Atenção à Saúde Mental do Litoral do Paraná. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 6(2), 15–30. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/142/93>
- Cortez, E. A. & Teixeira, E. R. (2010). O enfermeiro diante da religiosidade do cliente. *Revista de Enfermagem UERJ*, 18(1), 114–119. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a20.pdf>
- Costa, C. C. da, Bastiani, M. de, Geyer, J. G., Calvetti, P. Ü., Muller, M. C. & Moraes, M. L. A. de. (2008). Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 249–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200007>
- Costa, W., Nogueira, C. & Freire, T. (2010). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need for reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9255-9>
- Dal-Farra, R. A. & Ceremia, C. (2010). Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. *Revista Brasileira de Educação Médica [Online]*, 34(4), 587–597. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000400015>
- Dalgalarrodo, P. (2000). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

- Dalgalarrondo, P. (2007). Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 25–33. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700005>
- Dezorzi, L. W. (2016). *Espiritualidade na atenção a pacientes/famílias em cuidados paliativos e os processos de educação dos profissionais da saúde* (Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Medicina: Ciências Médicas, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retirado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149601?locale-attribute=es>
- Dezorzi, L. W. & Crossetti, M. da G. O. (2008). A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem [Online]*, 16(2), 212–217. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000200007>
- Esperandio, M. R. G. (2014). Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas. *Horizonte*, 12(35), 805–832. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n35p805>
- Esperandio, M. R. G. & August, H. (2017). A pesquisa quantitativa em Psicologia da Religião no Brasil. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 49–67. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS03>
- Esperandio, M. R. G. & Marques, L. F. (2015). The Psychology of Religion in Brazil. *International Journal for the Psychology of Religion*, 25(4), 255–271. doi: <https://doi.org/10.1080/10508619.2014.952189>
- Espíndula, J. A., Valle, E. R. M. do & Ales Bello, A. (2010). Religião e espiritualidade: um olhar de profissionais de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(6), 1229–1236. Retirado de <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4279/5430>
- Espinha, D. C. M., Camargo, S. M. de, Silva, S. P. Z., Pavelqueires, S. & Lucchetti, G. (2013). Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e Religiosidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(4), 98–106. doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-1447201300040001>
- Esteves, M. C. S. (2009). *Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de Psicologia* (Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15832>
- Ferreti, M. L. C. (2010). *Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Retirado de <http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/dis.MaraFerretti.pdf>
- Fiorotti, K. P., Rossoni, R. R., Borges, L. H. & Miranda, A. E. (2010). Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(1), 17–23. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000100003>

- Freitas, M. H. de & Piasson, D. L. (2015). Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. *Revista Esferas*, 5(8), 103–112. doi: <http://dx.doi.org/10.19174/esf.v1i8.7909>
- Freitas, M. H. de & Vilela, P. R. (2017). Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a prática clínica Psicológica. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 95–107. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011
- Freitas, M. H. de. (2002). *Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach* (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, M. H. de. (2004). Modalidades de crença religiosa e desempenho na prova de Rorschach em estudantes de psicologia. In A. F. Holanda (Ed.), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia* (pp. 97–124). Campinas (SP): Alínea.
- Freitas, M. H. de. (2007). Quando o silêncio transborda, “calaboca” já morreu: religiosidade, cientificidade e formação em psicologia. In M. H. de Freitas & O. P. Pereira (Eds.), *As vozes do silenciado: estudos nas fronteiras da antropologia, filosofia e psicologia* (pp. 187–205). Brasília-DF: Universa.
- Freitas, M. H. de. (2012). Religiosidade na experiência de atuação psi: sintoma ou saúde? In M. H. de Freitas & G. J. de Paiva, (Orgs.), *Religiosidade e Cultura Contemporânea* (pp. 191–222). Brasília, DF: Universa.
- Freitas, M. H. de. (2014). Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 6(1), 89–105. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.001.DS05>
- Freitas, M. H. de. (2016). Por que, para que e para quem este livro? [Prefácio]. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti & S. H. N. Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 9–18). Curitiba, PR: Juruá.
- Freitas, M. H. de. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião / espiritualidade, ou psicologia e religião / espiritualidade? *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 89–107. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS04>
- Gandelman, T. C. (2013). *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação de psicólogo* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>
- Gastaud, M. B., Souza, L. D. D. M., Braga, L., Horta, C. L., Oliveira, F. M. De, Sousa, P. L. R. & Silva, R. A. Da. (2006). Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: estudo transversal. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(1), 12–18. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000100003>
- Glock, C. Y. (1962). “On the study of religious commitment”. Review of Recent Research Bearing on Religious and Character Formation. *Religious Education*, (july-august),

98–110.

- Glock, C. Y. (1973). *Religion in Sociological perspective: essays in the empirical study of religion*. Belmont, CA: Wadsworth Publishing Co.
- Gobatto, C. A. & Araujo, T. C. C. F. de. (2013). Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicologia USP*, 24(1), 11–34. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000100002>
- Gonçalves, L. M., Osório, I. H. S., Oliveira, L. L., Simonetti, L. R., dos Reis, E. & Lucchetti, G. (2016). Learning from Listening: Helping Healthcare Students to Understand Spiritual Assessment in Clinical Practice. *Journal of Religion and Health*, 55(3), 986–999. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0146-y>
- Hefti, R. (2011). Integrating religion and spirituality into mental health care, psychiatry and psychotherapy. *Religions*, 2(4), 611–627. doi: <https://doi.org/10.3390/rel2040611>
- Henning-Geronasso, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia Ciência e Profissão*, 35(3), 711–725. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000942014>
- Huber, S. (2003). *Zentralität und Inhalt: Ein neues multidimensionales Messmodell der Religiosität*. Opladen: Leske and Budrich.
- Huber, S. & Huber, O. W. (2012). The Centrality of Religiosity Scale (CRS). *Religions*, 3(4), 710–724. doi: <https://doi.org/10.3390/rel3030710>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.ibge.gov.br>
- Jacob, B., White, A. & Shogbon, A. (2017). First-year student pharmacists' spirituality and perceptions regarding the role of spirituality in pharmacy education. *American Journal of Pharmaceutical Education*, 81(6), 1–7. doi: <https://doi.org/10.5688/ajpe816108>
- Jafari, S. (2016). Religion and spirituality within counselling/clinical psychology training programmes: a systematic review. *British Journal of Guidance & Counselling*, 44(3), 257–267. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2016.1153038>
- Koenig, H. G. (2007). Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental [Prefácio]. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 5–7. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700002>
- Koenig, H. G. (2008). *Medicine, Religion, and Health: Where Science and Spirituality Meet*. West Conshohocken, PA: Templeton Foundation Press.
- Koenig, H. G. (2009). Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: a review. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 283–291. doi: <https://doi.org/10.1177/070674370905400502>
- Koenig, H. G. (2012). Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical

- Implications. *International Scholarly Research Network - ISRN Psychiatry*, 2012, (não paginado). doi: <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Lévano, A. C. S. (2012). *Efectos del bienestar espiritual sobre la resiliencia en estudiantes universitarios de Argentina, Bolivia, Perú y República Dominicana* (Tesis de Doctorado, Unidad de Post-Grado, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú). Retirado de <http://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/cybertesis/3293>
- Lucchetti, G. & Granero, A. (2010). Integration of spirituality courses in Brazilian medical schools [Letters to the editor]. *Medical Education*, 44(5), 527. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2009.03584.x>
- Lucchetti, G., Bassi, R. M. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Taking spiritual history in clinical practice: a systematic review of instruments. *Explore: The Journal of Science and Healing*, 9(3), 159–170. doi: <https://doi.org/10.1016/j.explore.2013.02.004>
- Lucchetti, G., Lucchetti, A. L. G., Espinha, D. C. M., Oliveira, L. R. de, Leite, J. R. & Koenig, H. G. (2012). Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. *BMC Medical Education*, 12(1), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-12-78>
- Lucchetti, G., Oliveira, L. R. de, Koenig, H. G., Leite, J. R. & Lucchetti, A. L. G. (2013). Medical students, spirituality and religiosity-results from the multicenter study SBrame. *BMC Medical Education*, 13(1), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-13-162>
- Machado, A. R. (2009). *Supervisões e temas da religião: experiência de acolhimento* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15925>
- Mafrá, C. (2013). O que os homens e as mulheres podem fazer com números que fazem coisas. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *Religiões em Movimento – o Censo de 2010* (pp. 37–47). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Maftum, M. A., Souza, J. R. de & Bais, D. D. H. (2008). O cuidado de enfermagem em face do reconhecimento da crença e/ou religião do paciente: percepções de estudantes de graduação. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3), 1–9. doi: <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20081525>
- Magnani, J. G. C. (1999). *Mystica Urbe. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, SP: Studio Nobel. Retirado de <http://www.mdpi.com/2077-1444/3/3/710/>
- Mariotti, L. G. L., Lucchetti, G., Dantas, M. F., Banin, V. B., Fumelli, F. & Padula, N. A. de M. R. (2011). Spirituality and medicine: views and opinions of teachers in a Brazilian medical school [Letters to the editor]. *Medical Teacher*, 33(4), 338–341. doi: <https://doi.org/10.3109/0142159X.2011.568798>
- Marques, L. F. (2013). Desafios da integração da espiritualidade no Ensino Superior. In M. H. de Freitas, G. J. de Paiva & C. de Moraes (Eds.), *Psicologia da Religião no mundo*

contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade (pp. 219–240). Brasília-DF: EdUCB.

- Marques, L. F. (2017). Religiosidade/espiritualidade na educação e na saúde: ensino e extensão. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 189–203. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS09>
- Marques, L. F. & Rigo, R. M. (2016). A produção científica atual (2008-2014) em Psicologia da Religião e da Espiritualidade no Brasil. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti & Sérgio Henrique Nunes Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 19–41). Curitiba, PR: Juruá.
- Marques, L. F., Esperandio, M. R., Zorzi, P., Zaperlon, M. & Silva, T. D. (2015). A Religiosidade/Espiritualidade (R/E) em profissionais/trabalhadores da saúde. *Interações Cultura e Comunidade*, 10(18), 195–209. doi: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1983-2478.2015v10n18p195>
- Marques, L. F., Sarriera, J. C. & Dell’Aglío, D. D. (2009). Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE). *Avaliação Psicológica*, 8(2), 179–186. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200004
- Mata, S. da. (2010). *História & Religião*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Menezes, R. (2013). Às margens do Censo de 2010: expectativas, repercussões, limites e usos dos dados de religião. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *Religiões em Movimento – o Censo de 2010* (pp. 329–346). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreira-Almeida, A., Koenig, H. G. & Lucchetti, G. (2014). Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(2), 176–182. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>
- Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F. & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(919), 242–250. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M. & Laranjeira, R. (2009). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), 18–21. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>
- Moreira-Almeida, A., Sharma, A., Rensburg, B. J. van, Verhagen, P. J. & Cook, C. C. H. (2016, february). Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry*, 15(1), 87–88. Retirado de <http://religionandpsychiatry.org/main/wpa-position-statement-on-spirituality-and-religion-in-psychiatry/>
- Moreira-Almeida, A.; Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência & Cultura*, 68(2), 54–57. doi: <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>

- Nascimento, A. K. da C. (2017). *Religiosidade, espiritualidade e psicoterapia na formação acadêmica do psicólogo* (Tese de Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco). Retirado de http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1280
- Nascimento, L. C., Santos, T. de F. M., Oliveira, F. C. S. de, Pan, R., Flória-Santos, M. & Rocha, S. M. M. (2013). Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22(1), 52–60. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100007>
- Neubern, M. da S. (2005). A dimensão regulatória da psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 73–81. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100009>
- Neubern, M. da S. (2013). *Psicoterapia e espiritualidade*. Belo Horizonte, MG: Diamante.
- Neves, M. C. C. & Dalgalarondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 4(56), 237–244. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001>
- Noé, S. V. (2016). Encontros e desencontros da Psicologia com a Teologia no estudo da Religião. *Numen: Revista de Estudos E Pesquisa Da Religião*, 18(2), 154–170. Retirado de <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/2915>
- Novaes, R. (2006). Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In F. Texeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 135–160). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Novaes, R. (2013). Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *Religiões em movimento: o Censo 2010* (pp. 175–190). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Numbers, R. L. (2009). Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36(6), 250–255. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000600006>
- Oliveira, G. G. & Oliveira, A. M. de. (2012). Modernidade, (des)secularização e pós-secularismo nos debates atuais da sociologia da religião. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, 1(1), 24–45. Retirado de <http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/109/216>
- Oliveira, M. P. de. (2010). *Líderes religiosos cristãos e a formação em psicologia: os significados da busca pela formação em psicologia e seus efeitos na prática eclesial* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14991>
- Oliveira, M. R. de & Junges, J. R. (2012). Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 469–476. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>
- Paiva, G. J. de. (1990). Psicologia da Religião na Europa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42(ju/ago), 88–99.

- Paiva, G. J. de. (2000). *A religião dos cientistas: uma leitura psicológica*. São Paulo, SP: Loyola.
- Paiva, G. J. de (2004). Espiritualidade e qualidade de vida: pesquisas em psicologia. In E. F. B. Teixeira, M. C. Müller, J. D. T. da Silva (Orgs.), *Espiritualidade e Qualidade de Vida* (pp. 119-130). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Paiva, G. J. de (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In M. M. AmatuZZi (Org.), *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 31-47). São Paulo, SP: Paulus.
- Paiva, G. J. de (2007). Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(1), 99–104. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100011>
- Paiva, G. J. de. (2017). Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 31–48. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>
- Paiva, G. J. de. (2017a). Invited Paper – Um passo atrás: minha caminhada em Psicologia da Religião. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 17(1), 10–17. doi: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol17i1a2>
- Paiva, G. J. de. (2017b). Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 31–48. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>
- Paiva, G. J. de, Zangari, W., Verdade, M. M., Paula, J. R. M. de, Faria, D. G. R. de, Gomes, D. M., ... Gomes, A. M. de A. (2009). Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 441–446. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300019>
- Paloutzian, R. F. (2003, march). Psychology of, and, for, in and against religion (and spirituality?): pragmatism works. *Psychology of Religion Newsletter, American Psychological Association Division 36*. Retirado de <http://www.apadivisions.org/division-36/publications/newsletters/religion/2003/01-issue.pdf>
- Paloutzian, R. F. (2017). Psychology of Religion in the World. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 15. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS01>
- Paloutzian, R. F. & Elisson, C. W. (1982). Loneliness, spiritual well-being and the quality of life. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness, a sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 224–237). Nova York, US: Wiley.
- Panzini, R. G. & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 126–135. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700016>
- Panzini, R. G., Rocha, N. S. da, Bandeira, D. R. & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34(1), 105–115. doi:

<https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>

- Pargament, K. I. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred*. New York, US: Guilford Press.
- Pedraão, R. B. & Beresin, R. (2010). O enfermeiro frente à questão da espiritualidade. *Einstein*, 8(1), 86–91. Retirado de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1208-Einsteinv8n1_p86-91_port.pdf
- Penha, R. M. & Silva, M. J. P. da. (2007). Conhecimento e percepção da importância do atendimento da dimensão espiritual pelos graduandos de enfermagem. *O Mundo Da Saúde*, 31(2), 238–245. Retirado de https://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/11_conhecimento_e_percepcao.pdf
- Penha, R. M. & Silva, M. J. P. da. (2012). Significado de espiritualidade para a enfermagem em cuidados intensivos. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(2), 260–268. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200002>
- Pereira, K. C. L. & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>
- Piasson, D. L. (2017). *O Senso Religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília). Retirado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2330>
- Pierucci, A. F. (2006). Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In F. Teixeira & R. Menezes (Eds.), *As religiões no Brasil – continuidades e rupturas* (pp. 49–51). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pinho, R. B. de S. (2012). *Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia* (Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15114>
- Pinto, Ê. B. (2016). Concorrências entre a Psicologia e a Religião. In M. H. de Freitas, N. B. Zaneti & S. H. N. Pereira (Eds.), *Psicologia, Religião e Espiritualidade* (pp. 43–61). Curitiba (PR): Juruá.
- Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2017). Resolução N° 33/2017 - CONSUN. Aprova a homologação da Resolução N° 02/207 - CONSUN que alterou a Resolução N° 70/2016 - CONSUN que trata da matriz curricular do curso de Psicologia - Câmpus Curitiba. Retirado de <https://www.pucpr.br/escola-de-ciencias-da-vida/wp-content/uploads/sites/22/2017/07/resoluccca7acc83o-no-33-2017.pdf>
- Queiroz, S. D. (2000). *Fatores relacionados ao uso de drogas e condições de risco entre alunos de graduação da Universidade de São Paulo* (Tese Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Prática de Saúde Pública).

- Reginato, V., Benedetto, M. A. C. de & Gallian, D. M. C. (2016). Espiritualidade e saúde: uma experiência na graduação em medicina e enfermagem. *Trabalho, Educação e Saúde*, 14(1), 237–255. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00100>
- Reuniões do GT “Psicologia & Religião.” (2016). Maceió (AL). Retirado de http://www.anpepp.org.br/images/ANPEPP/simposios/pdf/relatórios_gts_2016/GT_56.pdf
- Rezende, C. H. A. de, Abrão, C. B., Coelho, E. P. & Passos, L. B. da S. (2008). Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 32(3), 315–323. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022008000300006>
- Ribeiro, J. C. (2009). *Religiosidade jovem - pesquisa entre universitários*. São Paulo, SP: Loyola, Olho d’Água.
- Ribeiro, J. P. (2004). Religião e Psicologia. In A. F. Holanda (Ed.), *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia* (pp. 11–36). Campinas (SP): Átomo.
- Salgado, A. P. A., Rocha, R. M. & Conti, C. de C. (2007). O enfermeiro e a abordagem das questões religiosas. *Revista Enfermagem UERJ*, 15(2), 223–228. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a11.pdf>
- Schafer, R. M., Handal, P. J., Brawer, P. A. & Ubinger, M. (2011). Training and Education in Religion/Spirituality Within APA-Accredited Clinical Psychology Programs: 8 Years Later. *Journal of Religion and Health*, 50(2), 232–239. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9272-8>
- Silva, A. F. S. (2010). *Conexões e distinções entre experiências e psicopatologia na percepção de psicólogos recém-formados* (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, DF).
- Silva, G. R. (2010). *Universitários e religião: uma revisão bibliográfica* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais). Retirado de <http://hdl.handle.net/10183/20936>
- Silva, L. A. C. da. (2016). *Espiritualidades e Bem-estar Espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife/PE à luz da Abordagem Integral/Transpessoal* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco). Retirado de <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18066>
- Silva, R. de P., de Souza, P., Nogueira, D. A., Moreira, D. da S. & Chaves, E. de C. L. (2013). Relação entre bem-estar espiritual, características sociodemográficas e consumo de álcool e outras drogas por estudantes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(3), 191–198. doi: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000300003>
- Souza, F. F. de. (2014). *Psicologia e espiritualidade – grupo temático com alunos adventistas de graduação em psicologia* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Retirado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15381>

- Steil, C. A., Alves, D. & Herrera, S. R. (2001). Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil. *Debates do NER*, 2(2), 9–35. Retirado de <http://hdl.handle.net/10183/20936>
- Tavares, F. R. G. & Camurça, M. A. (2010). “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 7(1), 11–46. Retirado de <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/727>
- Teixeira, J. J. & Lefèvre, F. (2003). Humanização nos cuidados de saúde e a importância da espiritualidade: o discurso do sujeito coletivo – psicólogo. *Mundo Saúde*, 27(3), 362–368.
- Tomasso, C. de S., Beltrame, I. L. & Lucchetti, G. (2011). Conhecimentos e atitudes de docentes e alunos em enfermagem na interface espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 19(5), (não paginado). doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500019>
- Universidade Federal do Paraná (2008). Portaria Nº 095/2008 - PROGRAD/UFPR, 28 de novembro de 2008. Aprova o ajuste curricular do curso de Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, aplicável a Resolução 11/08-CEPE (2008). Retirado de <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologia/files/2018/04/Portaria-095-2008-assinada.pdf>
- Vergote, A. (2001). Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In G. J. de Paiva (Ed.), *Entre necessidade e desejo. Diálogos da Psicologia com a Religião* (pp. 9–24). São Paulo, SP: Loyola.
- Vieira, T. M., Zanini, D. S. & Amorim, A. de P. (2013). Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 17(2), 141–151. doi: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>
- Vieten, C., Scammell, S., Pilato, R., Ammondson, I., Pargament, K. I. & Lukoff, D. (2013). Spiritual and religious competencies for psychologists. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(3), 129–144. doi: <https://doi.org/10.1037/a0032699>
- Volcan, S. M. A., Sousa, P. L. R., Mari, J. de J. & Horta, B. L. (2003). Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. *Revista de Saúde Pública*, 37(4), 440–445. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000400008>
- Weber, S. R. & Pargament, K. I. (2014). The role of religion and spirituality in mental health. *Curr Opin Psychiatry*, 27(5), 358–363. doi: <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000080>
- Yamamoto, O. H., Falcão, J. T. da R. & Seixas, P. de S. (2011). Quem é o estudante de Psicologia do Brasil? *Avaliação Psicológica*, 10(3), 209–232. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000300002
- Zanetti, G. C., Lemos, G. L., Gotti, E. S., Tomé, J. M., Silva, A. P. da & Rezende, E. A. M. R. de. (2018). Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da Saúde e

Humanas (ligadas à Saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(1), 65–72. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20160044>

**APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE
ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE**

QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE

As questões propostas neste questionário visam conhecer o perfil sociodemográfico e aspectos relacionados a experiências de religiosidade e espiritualidade em estudantes de psicologia. Sua participação nesta pesquisa independe de você ser ou não religioso ou praticante de alguma crença. **É muito importante que você responda todas as perguntas e itens do questionário.** Lembre-se, você não será identificado(a).

1. Idade: ____ anos

2. Sexo: ☐ masculino ☐ feminino

3. Instituição de Ensino Superior:

4. Ano de ingresso no curso de Psicologia: _____

5. Período ou série: _____

6. Curso:

☐ Matutino ☐ Noturno ☐ Integral

7. Qual seu estado civil?

- ☐ Solteiro
☐ Casado
☐ Morando junto
☐ Divorciado/Separado
☐ Viúvo

8. Você exerce alguma atividade remunerada? (Marque todas que se aplicam a você):

- ☐ Não
☐ Sim, trabalho formal (empregado / funcionário público / empresa própria)
☐ Sim, trabalho informal (autônomo / freelancer)
☐ Sim, estágio remunerado
☐ Sim, recebo bolsa de estudos/pesquisa

9. Qual a principal fonte de renda de seu grupo familiar? (Marque apenas aquela(s) que contribui efetivamente no orçamento familiar).

- ☐ Renda dos meus pais / família / cônjuge
☐ Meu trabalho/emprego
☐ Estágio remunerado
☐ Bolsa de estudos/pesquisa
☐ Outro

10. Qual a faixa mensal dos rendimentos financeiros de sua família? (valor do salário mínimo nacional: R\$ 937,00).

- ☐ de 1 a 5 salários mínimos
☐ de 5 a 10 salários mínimos
☐ de 10 a 15 salários mínimos
☐ mais de 15 salários mínimos

11. Você possui outra formação de nível superior completa?

- ☐ Não
☐ Sim (por favor, especifique sua formação):
-

12. Você já cursou alguma disciplina do curso de Psicologia que tenha abordado de forma central temas como espiritualidade, religiosidade ou religião?

- ☐ Não
☐ Sim (por favor, escreva o nome da disciplina):
-

13. Eu me considero uma pessoa:

- ☐ Religiosa
☐ Espiritualizada mas não religiosa
☐ Religiosa e espiritualizada
☐ Nem espiritualizada, nem religiosa

14. Com que frequência você pensa sobre questões religiosas?

- ☐ Nunca
☐ Raramente
☐ Ocasionalmente
☐ Muitas vezes
☐ Frequentemente

15. Até que ponto você acredita na existência de Deus ou de algo divino?

- ☐ Nem um pouco
☐ Um pouco
☐ Mais ou menos
☐ Bastante
☐ MUITÍSSIMO

16. Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?

- ☐ Nunca
☐ Uma vez por ano
☐ Algumas vezes por ano
☐ Uma vez por mês
☐ A cada 14 dias
☐ Uma vez por semana
☐ Várias vezes por semana

17. Com que frequência você normalmente ora/reza?

- ☐ Nunca
☐ Uma vez por ano
☐ Algumas vezes por ano
☐ Cerca de uma vez por mês
☐ A cada 14 dias
☐ Cerca de uma vez por semana
☐ Várias vezes por semana
☐ Cerca de uma vez por dia
☐ Várias vezes por dia

18. Com que frequência você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou um ser superior intervém em sua vida?

- ☐ Nunca
☐ Raramente
☐ Ocasionalmente
☐ Muitas vezes
☐ Frequentemente

19. Você possui uma religião ou frequenta algum grupo de expressão religiosa ou espiritual?

- ☐ Católica
☐ Evangélica (Qual denominação?): _____
☐ Espírita
☐ Religiões Afro-brasileiras (Qual?): _____
☐ Acredito em Deus, mas não tenho religião
☐ Não, sou ateu
☐ Não, sou agnóstico
☐ Outro (por gentileza, especifique): _____

20. Há quanto tempo você define sua espiritualidade/religiosidade dessa forma?

- ☐ Desde criança
☐ Desde a adolescência
☐ Há ____ ano(s) aproximadamente
☐ É uma mudança recente (dias ou meses)

21. Você recebeu algum tipo de educação religiosa na infância?

Se sim, marque todos os contextos que se aplicam a você:

- ☐ Família
☐ Escola de confissão religiosa (Ex: Colégio Católico)
☐ Igreja
☐ Grupos religiosos ou espiritualistas
☐ Não recebi nenhum tipo de educação religiosa
☐ Outro(s): _____

22. Qual a religião dos seus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

Outro (opcional – por favor, especifique o parentesco): _____

23. Você já teve outras crenças ou frequentou ativamente outro(s) grupo(s) com motivação espiritual/religiosa? **(Marque todas que se aplicam a você):**

- ☐ Igreja Católica
☐ Igreja Evangélica (qual?): _____
☐ Testemunhas de Jeová
☐ Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
☐ Espírita
☐ Umbanda
☐ Candomblé
☐ Budismo
☐ Judaísmo
☐ Islamismo
☐ Hinduísmo
☐ Espiritualismo
☐ Hare Krishna
☐ Sheicho-no-ie
☐ Igreja Messiânica Mundial
☐ Santo Daime / União do Vegetal
☐ Religiões ou tradições indígenas
☐ Religiões de tradição esotérica / New Age
☐ Religiões orientais
☐ Wicca
☐ Não
☐ Outra (por favor, especifique): _____

24. Você já estudou ou buscou aprimorar seus conhecimentos sobre algum dos temas listados abaixo? **(Marque todos que se aplicam a você):**

- ☐ Filosofias orientais
☐ Budismo
☐ Xamanismo
☐ Espiritismo, Reencarnação, Carma
☐ Mediunidade, transe
☐ Parapsicologia, fenômenos paranormais
☐ Mitologia comparada, história das religiões
☐ Espiritualismo científico, imaterialismo
☐ Mecânica quântica e espiritualidade
☐ Paganismo
☐ Teologia
☐ Demônios, possessão, exorcismo
☐ Cristianismo
☐ Religiões Afro-brasileiras
☐ Ecologia, Ecoespiritualidade
☐ Esoterismo, Ocultismo
☐ Astrologia
☐ Ufologia
☐ Ateísmo
☐ Não tenho interesse
☐ Outro(s): _____

25. Qual(s) meio(s) você costuma usar para conhecer sobre religião e espiritualidade? **(Marque todos que se aplicam a você):**

- ☐ Sites e blogs na internet
- ☐ Livros sagrados
- ☐ Literatura religiosa ou espiritualista
- ☐ Grupos de estudo com ensinamentos religiosos ou espiritualistas
- ☐ Palestras de cunho religioso/espiritual
- ☐ Literatura acadêmica e científica
- ☐ Não tenho interesse
- ☐ Outro(s): _____

26. Com que frequência você realiza as práticas e/ou atividades listadas abaixo? **Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.**

nunca
raramente
ocasionalmente
muitas vezes
frequentemente

- Conversou com colegas sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida 1 2 3 4 5
- Conversou com familiares sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida 1 2 3 4 5
- Questionou suas crenças ou não crenças espirituais/religiosas..... 1 2 3 4 5
- Encontrou um novo significado nos rituais e práticas de sua religião..... 1 2 3 4 5
- Buscou desenvolver sua espiritualidade através de novos conhecimentos e experiências espirituais ou religiosas 1 2 3 4 5
- Escutou músicas com temas místicos ou religiosos (música sacra, gospel, new age, adoração, mantras, etc.) 1 2 3 4 5
- Buscou autoconhecimento em técnicas como astrologia, numerologia, búzios, tarô, mapa astral, cabala, horóscopo, etc..... 1 2 3 4 5
- Buscou orientação pessoal com pessoas que partilham da mesma crença que você (ex.: padres, pastores, sacerdotes, guias, gurus, sensitivas, quiromantes, etc.)..... 1 2 3 4 5
- Esteve em atendimento psicológico (psicoterapia, psicanálise, plantão psicológico, etc.) 1 2 3 4 5
- Buscou desenvolver sua espiritualidade no contato com a natureza, alimentação saudável, estética, práticas de meditação, vivências, artes marciais, etc..... 1 2 3 4 5
- Buscou terapias alternativas, holísticas ou naturistas como Reiki, Floral, Cromoterapia, Runas, Transpessoal, técnicas corporais alternativas, etc. 1 2 3 4 5

27. Em que medida você tem interesse (ou planos) de atuar como psicólogo(a) nas áreas listadas abaixo? **Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.**

nenhum interesse
pouco interesse
bastante interesse
muito interesse

- Psicologia Escolar/Educacional 1 2 3 4
- Psicologia Comunitária 1 2 3 4
- Psicologia Social 1 2 3 4
- Psicologia Clínica 1 2 3 4
- Psicologia da Saúde 1 2 3 4
- Psicologia Hospitalar 1 2 3 4
- Psicologia do Esporte 1 2 3 4
- Psicologia do Trabalho e Organizacional 1 2 3 4
- Psicologia Jurídica 1 2 3 4
- Psicologia do Trânsito 1 2 3 4
- Docência, Pesquisa 1 2 3 4
- Neurociência, Neuropsicologia 1 2 3 4
- Outra(s)..... 1 2 3 4

28. Em que medida você se interessa pelas abordagens psicológicas abaixo como orientação teórico-metodológica para sua prática profissional como psicólogo(a)? **Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.**

nenhum interesse
pouco interesse
bastante interesse
muito interesse

- Psicanálise..... 1 2 3 4
- Análise do Comportamento..... 1 2 3 4
- Abordagem Direta do Inconsciente 1 2 3 4
- Psicologia Humanista 1 2 3 4
- Fenomenologia-existencial 1 2 3 4
- Gestalt 1 2 3 4
- Psicodrama 1 2 3 4
- Psicologia Analítica 1 2 3 4
- Psicologia Transpessoal 1 2 3 4
- Construtivismo 1 2 3 4
- Sistêmica 1 2 3 4
- Psicologia Histórico-Cultural..... 1 2 3 4
- Psicologia Cognitiva 1 2 3 4
- Neuropsicologia 1 2 3 4
- Outra(s)..... 1 2 3 4

QUESTIONÁRIO PARA CRENTES E NÃO CRENTES

*As questões propostas neste questionário visam compreender alguns aspectos sobre espiritualidade e religiosidade a partir de experiências individuais. Assim, não existem respostas certas ou erradas. Por esse motivo, por gentileza, responda cada uma das perguntas referindo-se sempre às **suas experiências pessoais e perspectivas próprias** a respeito dos temas abordados.*

1. O que é a psicologia para você?

2. Como você descreve a relação da Psicologia com a religião?

3. Como você vivencia e/ou percebe a relação entre o ambiente acadêmico e as suas crenças ou não crenças?

4. Estando em sala de aula, no curso de Psicologia, houve em algum momento conflito entre os conteúdos da Psicologia e suas crenças ou não crenças? Descreva uma situação.

5. Como é a relação entre sua experiência pessoal de crenças ou não crenças e sua formação como psicólogo(a)?

Obrigada pela sua participação e dedicação em responder a pesquisa!

APÊNDICE 2 – CADERNO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA CRENTES
E NÃO CRENTES

As questões propostas neste questionário visam compreender alguns aspectos sobre espiritualidade e religiosidade a partir de experiências individuais. Assim, não existem respostas certas ou erradas. Por esse motivo, por gentileza, responda cada uma das perguntas referindo-se sempre às suas experiências pessoais e perspectivas próprias a respeito dos temas abordados.

1. O que é a psicologia para você?

2. Como você descreve a relação da Psicologia com a religião?

3. Como você vivencia e/ou percebe a relação entre o ambiente acadêmico e as suas crenças ou não crenças?

4. Estando em sala de aula, no curso de Psicologia, houve em algum momento conflito entre os conteúdos da Psicologia e suas crenças ou não crenças? Descreva uma situação.

5. Como é a relação entre sua experiência pessoal de crenças ou não crenças e sua formação como psicólogo(a)?

Obrigada pela sua participação e dedicação em responder a pesquisa!

QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO
E DE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE

As questões propostas neste questionário visam conhecer o perfil sociodemográfico e aspectos relacionados a experiências de religiosidade e espiritualidade em estudantes de psicologia. Sua participação nesta pesquisa independe de você ser ou não religioso ou praticante de alguma crença. É muito importante que você responda todas as perguntas e itens do questionário. Lembre-se, você não será identificado(a).

1. Idade: ____ anos

2. Sexo: ☐ masculino ☐ feminino

3. Instituição de Ensino Superior: _____

4. Ano de ingresso no curso de Psicologia: _____

5. Período ou série: _____

6. Curso:

☐ Matutino ☐ Noturno ☐ Integral

7. Qual seu estado civil?

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Morando junto

☐ Divorciado/Separado

☐ Viúvo

8. Você exerce alguma atividade remunerada? (Marque todas que se aplicam a você):

☐ Não

☐ Sim, trabalho formal (empregado / funcionário público / empresa própria)

☐ Sim, trabalho informal (autônomo / freelancer)

☐ Sim, estágio remunerado

☐ Sim, recebo bolsa de estudos/pesquisa

9. Qual a principal fonte de renda de seu grupo familiar? (Marque apenas aquela(s) que contribui efetivamente no orçamento familiar).

☐ Renda dos meus pais / família / cônjuge

☐ Meu trabalho/emprego

☐ Estágio remunerado

☐ Bolsa de estudos/pesquisa

☐ Outro

10. Qual a faixa mensal dos rendimentos financeiros de sua família? (valor do salário mínimo nacional: R\$ 937,00).

☐ de 1 a 5 salários mínimos

☐ de 5 a 10 salários mínimos

☐ de 10 a 15 salários mínimos

☐ mais de 15 salários mínimos

11. Você possui outra formação de nível superior completa?

☐ Não

☐ Sim (por favor, especifique sua formação): _____

12. Você já cursou alguma disciplina do curso de Psicologia que tenha abordado de forma central temas como espiritualidade, religiosidade ou religião?

☐ Não

☐ Sim (por favor, escreva o nome da disciplina): _____

13. Eu me considero uma pessoa:

☐ Religiosa

☐ Espiritualizada mas não religiosa

☐ Religiosa e espiritualizada

☐ Nem espiritualizada, nem religiosa

14. Com que frequência você pensa sobre questões religiosas?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Ocasionalmente

☐ Muitas vezes

☐ Frequentemente

15. Até que ponto você acredita na existência de Deus ou de algo divino?

☐ Nem um pouco

☐ Um pouco

☐ Mais ou menos

☐ Bastante

☐ Multíssimo

16. Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?

☐ Nunca

☐ Uma vez por ano

☐ Algumas vezes por ano

☐ Uma vez por mês

☐ A cada 14 dias

☐ Uma vez por semana

☐ Várias vezes por semana

17. Com que frequência você normalmente ora/reza?

- ☐ Nunca
☐ Uma vez por ano
☐ Algumas vezes por ano
☐ Cerca de uma vez por mês
☐ A cada 14 dias
☐ Cerca de uma vez por semana
☐ Várias vezes por semana
☐ Cerca de uma vez por dia
☐ Várias vezes por dia

18. Com que frequência você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou um ser superior intervém em sua vida?

- ☐ Nunca
☐ Raramente
☐ Ocasionalmente
☐ Muitas vezes
☐ Frequentemente

19. Você possui uma religião ou frequenta algum grupo de expressão religiosa ou espiritual?

- ☐ Católica
☐ Evangélica (Qual denominação?): _____
☐ Espírita
☐ Religiões Afro-brasileiras (Qual?): _____
☐ Acredito em Deus, mas não tenho religião
☐ Não, sou ateu
☐ Não, sou agnóstico
☐ Outro (por gentileza, especifique): _____

20. Há quanto tempo você define sua espiritualidade/religiosidade dessa forma?

- ☐ Desde criança
☐ Desde a adolescência
☐ Há _____ ano(s) aproximadamente
☐ É uma mudança recente (dias ou meses)

21. Você recebeu algum tipo de educação religiosa na infância?

Se sim, marque todos os contextos que se aplicam a você:

- ☐ Família
☐ Escola de confissão religiosa (Ex: Colégio Católico)
☐ Igreja
☐ Grupos religiosos ou espiritualistas
☐ Não recebi nenhum tipo de educação religiosa
☐ Outro(s): _____

22. Qual a religião dos seus pais?

Pai: _____
Mãe: _____
Outro (opcional – por favor, especifique o parentesco): _____

23. Você já teve outras crenças ou frequentou ativamente outro(s) grupo(s) com motivação espiritual/religiosa? (Marque todas que se aplicam a você):

todas que se aplicam a você):

- ☐ Igreja Católica
☐ Igreja Evangélica (qual?): _____
☐ Testemunhas de Jeová
☐ Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
☐ Espírita
☐ Umbanda
☐ Candomblé
☐ Budismo
☐ Judaísmo
☐ Islamismo
☐ Hinduísmo
☐ Espiritualismo
☐ Hare Krishna
☐ Seicho-no-ie
☐ Igreja Messiânica Mundial
☐ Santo Daimé / União do Vegetal
☐ Religiões ou tradições indígenas
☐ Religiões de tradição esotérica / New Age
☐ Religiões orientais
☐ Wicca
☐ Não
☐ Outra (por favor, especifique): _____

24. Você já estudou ou buscou aprimorar seus conhecimentos sobre algum dos temas listados abaixo? (Marque todos que se aplicam a você):

- ☐ Filosofias orientais
☐ Budismo
☐ Xamanismo
☐ Espiritismo, Reencarnação, Carma
☐ Meditatividade, transe
☐ Parapsicologia, fenômenos paranormais
☐ Mitologia comparada, história das religiões
☐ Espiritualismo científico, imaterialismo
☐ Mecânica quântica e espiritualidade
☐ Paganismo
☐ Teologia
☐ Demônios, possessão, exorcismo
☐ Cristianismo
☐ Religiões Afro-brasileiras
☐ Ecologia, Ecoespiritualidade
☐ Esoterismo, Ocultismo
☐ Astrologia
☐ Ufologia
☐ Ateísmo
☐ Não tenho interesse
☐ Outro(s): _____

25. Qual(s) meio(s) você costuma usar para conhecer sobre religião e espiritualidade? (Marque todos que se aplicam a você):

- ☐ Sites e blogs na internet
☐ Livros sagrados
☐ Literatura religiosa ou espiritualista
☐ Grupos de estudo com ensinamentos religiosos ou espiritualistas
☐ Palestras de cunho religioso/espiritual
☐ Literatura acadêmica e científica
☐ Não tenho interesse
☐ Outro(s): _____

26. Com que frequência você realiza as práticas e/ou atividades listadas abaixo? Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.

*nenhuma
raramente
ocasionalmente
muitas vezes
frequentemente*

- ☐ Conversou com colegas sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Conversou com familiares sobre religião, espiritualidade ou sobre o sentido da vida ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Questionou suas crenças ou não crenças espirituais/religiosas ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Encontrou um novo significado nos rituais e práticas de sua religião ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Buscou desenvolver sua espiritualidade através de novos conhecimentos e experiências espirituais ou religiosas ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Escutou músicas com temas místicos ou religiosos (música sacra, gospel, new age, adoração, mantras, etc.) ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Buscou autoconhecimento em técnicas como astrologia, numerologia, búzios, tarô, mapa astral, cabala, horóscopo, etc. ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Buscou orientação pessoal com pessoas que partilham da mesma crença que você (ex.: padres, pastores, sacerdotes, guias, gurus, sensíveis, quiromantes, etc.) ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Estive em atendimento psicológico (psicoterapia, psicanálise, plantão psicológico, etc.) ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Buscou desenvolver sua espiritualidade no contato com a natureza, alimentação saudável, estética, práticas de meditação, vivências, artes marciais, etc. ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5
☐ Buscou terapias alternativas, holísticas ou naturistas como Reiki, Floral, Cromoterapia, Runas, Transpessoal, técnicas corporais alternativas, etc. ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

27. Em que medida você tem interesse (ou planos) de atuar como psicólogo(a) nas áreas listadas abaixo? Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.

- nenhum interesse
pouco interesse
bastante interesse
muito interesse*
- ☐ Psicologia Escolar/Educacional ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Comunitária ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Social ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Clínica ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia da Saúde ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Hospitalar ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia do Esporte ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia do Trabalho e Organizacional ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Jurídica ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia do Trânsito ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Docência, Pesquisa ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Neurociência, Neuropsicologia ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Outra(s) ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4

28. Em que medida você se interessa pelas abordagens psicológicas abaixo como orientação teórico-metodológica para sua prática profissional como psicólogo(a)? Responda cada item assinalando a opção que melhor se aplica a você.

- nenhum interesse
pouco interesse
bastante interesse
muito interesse*
- ☐ Psicanálise ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Análise do Comportamento ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Abordagem Direta do Inconsciente ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Humanista ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Fenomenologia-existencial ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Gestalt ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicodrama ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Analítica ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Transpessoal ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Construtivismo ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Sistêmica ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Histórico-Cultural ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Psicologia Cognitiva ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Neuropsicologia ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
☐ Outra(s) ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Adriano Furtado Holanda (professor) e Karine Costa Lima Pereira (aluna de pós-graduação) – da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, graduando em psicologia, a participar de um estudo intitulado “Experiência Religiosa e Formação em Psicologia: Percepções e Vivências do Estudante em Instituição de Ensino Superior Pública, Privada e Confessional na Cidade de Curitiba”. Os temas religião e espiritualidade tem se mostrado de fundamental importância nos contextos sociais, políticos e da saúde na contemporaneidade. Nos cursos de Psicologia no Brasil, o estudo da experiência religiosa humana é pouco presente nos currículos da graduação, sendo as crenças ou não crenças religiosas do estudante de psicologia um aspecto fortemente relacionado ao desenvolvimento de sua formação científica e ao futuro de sua prática profissional.

a) O objetivo desta pesquisa é saber como os estudantes de psicologia vivenciam a relação entre a formação profissional, a vida acadêmica e sua experiência religiosa de crenças ou não crenças.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder dois questionários compostos por perguntas abertas e fechadas.

c) Você poderá responder os questionários em sala de aula ou em outro momento e local se assim desejar. O tempo para responder todas as perguntas é de aproximadamente 25 minutos. Caso você escolha responder os questionários em local diferente da sala de aula, será agendada uma data para entrega dos questionários, conforme sua disponibilidade e a dos pesquisadores.

d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente porque assuntos relacionados à religião e à espiritualidade individual não costumam ser discutidos em espaços diferentes da vida pessoal.

e) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser a experiência de desconforto ou constrangimento. Como as perguntas do questionário são sobre sua experiência individual e religiosa no contexto acadêmico, algumas perguntas podem exigir maior reflexão pessoal ou parecerem impróprias.

f) Os benefícios esperados com essa pesquisa são contribuir com a pesquisa científica voltada para o campo da Psicologia da Religião. Espera-se ampliar a discussão sobre a importância do estudo da experiência religiosa nos cursos de Psicologia e na formação do psicólogo. Ao participar desta pesquisa, você poderá ter o benefício de refletir sobre a importância deste campo de estudo para sua formação pessoal, científica e profissional. Nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

g) Os pesquisadores Adriano Furtado Holanda e Karine Costa Lima Pereira, responsáveis por este estudo, poderão ser localizados no Prédio Histórico da UFPR, no Departamento de Psicologia, sala 215, localizado na Praça Santos Andrade, n. 50 – e-mail aholanda@yahoo.com, telefone (41) 3310-2625 –, no horário comercial, das 8 às 17 horas, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [	]
Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [	]
Orientador [	]

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PB.nº 203 0253
na data de 25 / 04 / 2017

e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

i) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (coordenadores dos cursos de psicologia participantes deste estudo, pesquisadores do campo da Psicologia da Religião e publicação em revista científica). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade**.

j) O material obtido – questionários respondidos – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será arquivado em local de acesso restrito do pesquisador Adriano Furtado Holanda por um período de cinco anos, após esse período será destruído/descartado por máquina de trituração.

k) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, questionários impressos, não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

l) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

m) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

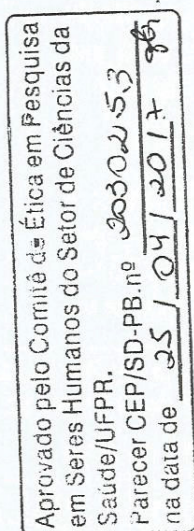
Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de _____

Assinatura do Participante de Pesquisa

Karine Costa Lima Pereira

Karine Costa Lima Pereira
(Pesquisador)



ANEXO 1 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Experiência Religiosa e Formação em Psicologia: Percepções e Vivências do Estudante em Instituição de Ensino Superior Pública, Privada e Confessional na Cidade de Curitiba.

Pesquisador: Adriano Furtado Holanda

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 64516316.1.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de pós-graduação em psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.030.253

Apresentação do Projeto:

Título do Projeto: Experiência Religiosa e Formação em Psicologia: Percepções e Vivências do Estudante em Instituição de Ensino Superior Pública, Privada e Confessional na Cidade de Curitiba.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (Departamento de Psicologia UFPR).

Colaborador/Assistente: Karine Costa Lima Pereira (aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado em Psicologia Clínica – UFPR).

Local de Realização: Faculdades Pequeno Príncipe (FPP) / Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) / Universidade Positivo (UP) / Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Período da Pesquisa: Março a novembro de 2017.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo da Pesquisa

1.1 Objetivo Geral

Investigar como o graduando de psicologia vivencia sua espiritualidade/religiosidade em relação ao ambiente acadêmico e à formação como psicólogo.

1.2 Objetivos Específicos

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

Continuação do Parecer: 2.030.253

- a) Investigar em Instituição de Ensino Superior (IES) pública, privada e confessional possíveis diferenças ou similaridades no modo como graduandos de psicologia vivenciam a relação entre suas crenças ou não crenças religiosas e a formação acadêmico-profissional;
- b) Identificar se existem vivências de conflito ou contradições em relação às crenças ou não crenças religiosas;
- c) Investigar como os estudantes lidam com possíveis situações de conflitos ou impasses nos contextos de vida acadêmica e formação profissional;
- d) Identificar como os estudantes percebem e vivenciam possíveis influências do curso na espiritualidade/religiosidade pessoal;
- e) Identificar representações e sentidos atribuídos à Psicologia enquanto campo de conhecimento científico e área de atuação profissional;
- f) Identificar representações e sentidos atribuídos à relação entre Psicologia e Religião na formação científica, vivência pessoal e atuação profissional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Considera-se que o método proposto pelo estudo, responder e descrever experiências pessoais no formato escrito, poderá exigir do estudante convidado e do participante respondente um nível considerável de reflexão e mobilização subjetiva. Por este motivo, a temática abordada em cada uma das perguntas poderá provocar desconforto, impropriedade ou constrangimento nos estudantes que, por ocasião da experiência e tempo de curso, possam já ter refletido e resignificado questões sobre sua formação profissional e a própria espiritualidade/religiosidade; estarem, na ocasião de participação do estudo, refletindo e elaborando essas vivências; e/ou serem provocados pelo próprio estudo a refletirem sobre os temas propostos. Do mesmo modo, considera-se que participar de um estudo que envolva a temática religião no contexto acadêmico científico, possa oferecer desconforto e constrangimento para os estudantes convidados e participantes, sendo a autodeclaração religiosa de crença ou não crença um aspecto da vida dos estudantes pouco abordado no contexto acadêmico, uma temática comumente tratada como de

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

forro íntimo e privado. As perguntas podem também provocar desconforto e constrangimento na ordem moral, intelectual e/ou cultural, dado a especificidade das perguntas sobre o perfil sociodemográfico e religioso; quanto à experiência de crenças ou não crenças no ambiente acadêmico; e quanto a questões sobre a Psicologia como campo de conhecimento e estudo dos participantes.

8.2. Benefícios

Considera-se como benefícios indiretos aos participantes a possibilidade de contribuir com a pesquisa científica voltada especificamente para problemas e demandas dos cursos de Psicologia e da formação do psicólogo. Tais benefícios se ampliam no contexto da atuação do psicólogo quando se refere a temas emergentes como a espiritualidade e a religiosidade na clínica, nos contextos escolares e na saúde. Como benefícios diretos, considera-se que as reflexões pessoais e a problematização dos temas elencados nesse processo pelo estudante participante podem auxiliar na elaboração das próprias vivências; promover abertura para discussão das questões com colegas e professores; e ampliar o interesse por estudos relacionados ao campo da Psicologia da Religião.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa demonstra-se coerente e necessária diante da realidade na qual se insere.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pedido de acréscimo de perguntas no questionário é coerente com a melhora na aquisição de dados necessários para a pesquisa.

- É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -



Continuação do Parecer: 2.030.253

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório envio)

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_904692 E3.pdf	19/04/2017 16:45:49		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_versao_4.docx	19/04/2017 16:43:35	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Justificativa_emenda.pdf	19/04/2017 16:43:15	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_versao_4.pdf	18/04/2017 18:00:42	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_tornar_publico_os_resultados_atualizada_versao_2.pdf	14/03/2017 10:43:32	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/03/2017 21:23:31	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Declaracao_instituicao_coparticipante_UFP.pdf	09/03/2017 15:22:43	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Check_list.pdf	07/02/2017 16:02:25	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	07/02/2017 15:47:21	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Declaracao_de_responsabilidades_no_projeto.pdf	06/02/2017 22:27:18	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_para_inicio_da_pesquisa.pdf	06/02/2017 22:26:17	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_uso_especifico_de_material_ou_dados_coletados.pdf	06/02/2017 22:25:17	Karine Costa Lima Pereira	Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -



Continuação do Parecer: 2.030.253

Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	06/02/2017 22:21:02	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Concordancia_instituicao_coparticipante FPP.pdf	06/02/2017 22:19:57	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Concordancia_instituicao_coparticipante PUCPR.pdf	06/02/2017 22:18:20	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Encaminhamento_de_extrato_de_ata_d e_aprovacao_de_projeto.pdf	06/02/2017 22:16:59	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Analise_merito.pdf	06/02/2017 22:15:15	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Ata_de_aprovacao_do_projeto.pdf	06/02/2017 22:14:38	Karine Costa Lima Pereira	Aceito
Outros	Oficio_do_pesquisador.pdf	06/02/2017 22:13:42	Karine Costa Lima Pereira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 25 de Abril de 2017

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br